

Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação
Faculdade de Letras
Pós-Graduação em Estudos Literários

Joseane Sousa Araújo

ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E PERIÓDICOS NA VIGIA OITOCENTISTA

Belém – Pará
Agosto/2011

JOSEANE SOUSA ARAÚJO

ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E PERIÓDICOS NA VIGIA OITOCENTISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará, como exigência para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Germana Maria Araújo Sales

Belém – Pará

Agosto/2011

JOSEANE SOUSA ARAÚJO

ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E PERIÓDICOS NA VIGIA OITOCENTISTA

Banca examinadora

Profª. Drª. Germana Maria Araújo Sales (orientadora)

Profª. Drª. Simone Cristina de Souza (coorientadora)

Profª. Drª. Valéria Augusti (avaliadora-UFPA)

Profª. Drª. Liduína Fernandes (avaliadora – UECE)

Prof. Dr. Fernando Maués de Faria Júnior (suplente-UFPA)

Belém – Pará

Agosto/2011

Em memória de Sidney Sousa Costa

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com o apoio financeiro, em forma de bolsa de estudos, da FAPESPA (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará). Meus agradecimentos a esse órgão que durante 02 anos se propôs a financiar os estudos que culminaram na execução deste trabalho.

Gostaria de deixar registrado minha gratidão às bibliotecas da UFPA (Universidade Federal do Pará), especialmente a do programa de pós-graduação em Letras, assim como a todos os funcionários e bolsistas que lá trabalham. Foram tolerantes, sempre, com meus diversos atrasos na entrega dos livros.

Importante ressaltar que este trabalho se originou da ideia de uma amiga, sempre pensando em pesquisa, ávida por um novo assunto a ser descoberto e estudado. Ela era aluna do mestrado e eu ainda terminando a especialização. Participamos juntas de um evento na cidade de Vigia. Lá! Ela encontrou o novo objeto de estudo e sugeriu-me o projeto para inserção no mestrado. À Izenete Nobre Garcia, com quem sempre pude contar nas inúmeras vezes em que me desesperei, chorei e achei que não conseguiria, aqui fica registrado o meu mais sincero agradecimento.

Aos amigos que no início de meus retornos à cidade de vigia, acompanharam-me e deram-me o apoio e a companhia necessária para as horas de solidão: Alessandra Gaia, Alan Pojo, Sidney e a vizinha que sempre me cedia guarida, em sua casa.

Ao longo do caminho, encontrei outros amigos. A turma do mestrado em estudos literários da UFPA, companhia perfeita para as horas de alegrias e tristezas. É com total satisfação que recordo os encontros, os filmes, as risadas, as brigas durante a feição de um trabalho em grupo e as desavenças, quase sempre, com os questionamentos e posicionamento dos professores. Tudo tão rápido. Queremos tanto o final sem imaginarmos, porém, que ele deixará em nós, e sempre, a incompletude da realização.

Aos amigos do projeto: Paulo, Alex, Tayana, Shirley, Alan Flor – muito querido para mim – Tiago, wanessa, kelly.

Certamente outros amigos virão, ao longo do tempo. Sem querer, entretanto, pensar ou me reportar à efemeridade da vida, digo e ratifico a minha satisfação em

conhecer Melissa, Suani, Edimara, Patricia, Joana e outros mais que não citados, por economia de espaço, ganham também em importância.

Durante 02 anos, e algum tempo mais, tive o apoio e incentivo de 03 grandes e queridas amigas. Elas compartilharam comigo de vários momentos difíceis, durante meus estudos. Foram incansáveis na solidariedade e no consolo. Difícil dizer do real e completo contentamento em partilhar minha vida acadêmica e muitas vezes pessoal com vocês: Edimara, sempre Marinha; Patricia, a Puella, pueril; Joana Angélica Vassoler, sempre em meu coração como Jô fofuxa. Obrigada.

Somo à lista o nome do poeta Benoni Araújo, sempre incentivando, criando, opinando e participando do processo de criação da escrita do trabalho. Ofereceu-me, em diversos momentos, preciosas sugestões, assim como me ajudou, algumas vezes, a tomar ou retomar o caminho que muitas vezes insistiu em de mim se separar.

Os professores do curso de pós-graduação, que de uma maneira ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho. Entre eles, não posso deixar de citar os nomes de Marli Furtado, sempre presente em suas conversas sérias e sinceras, capazes de oferecer reais esclarecimentos à reflexão do discente; Valéria Augusti, pelas aulas sobre história do livro, pelas ideias e pelas referências valiosas para a execução do trabalho, minha sincera estima e gratidão.

Igo soeiro, indicação preciosíssima de Valéria Augusti. Conhecer Igo soeiro foi o mesmo que encontrar uma fonte de informações necessárias para preencher espaços em branco. Estudante do curso de pós-graduação em história, Igo também pesquisa, sob uma ótica diferente, a Associação Literária Cinco de Agosto. Sem pudores para compartilhar dados de pesquisa, foi solícito sempre que dele precisei. Não se opôs, em momento algum a me fornecer dados, quando tive meu equipamento de pesquisa, contendo grande parte do meu trabalho, furtado. Sem essa ajuda, talvez eu não tivesse conseguido. Junto a ele agradeço, ainda, aos demais, envolvidos com a continuidade da Sociedade “Cinco de Agosto”: professor José Ildone, Raul Lobo e Paulo cordeiro, pessoas que muito me auxiliaram, na cidade de Vigia, sempre dispostos a abrir a Sede para minhas pesquisas, mesmo nos finais de semana. Só a mais sincera gratidão.

À Simone Cristina, minha coorientadora que muito contribuiu para a feição deste trabalho. Minha gratidão.

Germana Sales, minha orientadora. Corrompeu-me para o mundo da literatura quando eu ainda terminava o TCC, na graduação. Um longo caminho de encontros e

desencontros, leituras, projetos, discussões. Ao “seduzir-me” para a literatura, palavra que ela mesma gosta de usar, forçou-me a um encontro comigo mesma. Foi, para mim, mais que ela imagina, ao longo do meu percurso enquanto aluna do curso de pós-graduação, e será sempre minha professora. Devo a ela leituras outras que percorri, já me sentindo liberta das indicações bibliográficas em sala de aula. Nunca esquecerei o contentamento no rosto de minha orientadora e o sorriso sincero quando entrava na sala de estudos, no prédio da UFPA, e perguntava: Gente, vocês já leram esse livro? ou informava: “Gente, mas que filme!”. Incentivos, sem intenção, a um caminho sem volta: o mundo da leitura e da conseqüente reflexão. De todo o meu coração professora Germana, muito obrigada!

João Carlos, estimado companheiro. Ajudou-me em vários momentos difíceis. Soube compreender minhas viagens, minhas angustias e minhas tristezas diante de qualquer acontecimento inesperado. Porto seguro para onde eu sempre posso voltar, sem a pressa que a impetuosidade do espírito impele. Agradeço pela compreensão, pelas tantas vezes em que conseguiu, sozinho, a tarefa de cuidar das crianças, sempre que precisei.

À vocês, minha família, dedico este trabalho: Minha mãe, pai, irmãos, filhos. Obrigada por permitirem o término da pesquisa. Sem a compreensão e sem o apoio de vocês eu certamente não teria levado adiante. Vocês foram, sem sombra de dúvida, a paz que precisou o meu corpo e o meu espírito durante esse tempo, a presença que sempre acalmou minha inquietante alma. Amo vocês.

Não há fragata melhor que um livro para nos levar a terras distantes.

Emily Dickinson

RESUMO

O século XIX foi, notadamente, um período de transformações no cenário brasileiro. Mudanças ocorridas em campos como o social, cultural, político e econômico trouxeram repercussão também para o campo da Literatura. Essa disposição se fez sentir em todas as províncias do país, a exemplo, no Pará. Nesse contexto se fez notar a cidade de Vigia, uma região da província, que ascendeu para sua inclusão na História Literária do Norte com a formação daquilo que a imprensa oitocentista chamou de “Recanto Literário” — a Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto. Junto a ela outros dispositivos contribuíram para a formação de uma sociedade em busca do desenvolvimento intelectual com fins à ascensão e ao reconhecimento social. A movimentação que tomou conta da cidade, em meados do século XIX formou mentalidades e contribuiu para a formação de uma comunidade de leitores. O objetivo deste trabalho é historiografar o processo de formação dessa comunidade, bem como relatar os fatos que dele fizeram parte, capazes de interferir nos hábitos de uma pequena cidade.

Palavras-chave: Vigia, leitores, Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto.

ABSTRACT

The 19th century was a period in history marked by changes in the Brazil. These changes happened in some aspects as social, cultural, political and economic. This transformation also appears in the Literature. The provinces of the Brazil were marked by this movement, for example: a little city of Pará called Vigia de Nazaré. This city rose to Literary History of the North by the formation of a society: The “Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”. Together this society other facts helped to construct a group that wished an intellectual development. This group wanted the rise and the social recognition. The activity which passed the city, during the nineteenth century, created mentality and helped to create a reading group. The aim this work is to write the process of creation this community throughout the history, as well as to reveal some facts happened inside this process and which changed the habit of a little city.

Keywords: Vigia, readers , Literary Society and Charity “Cinco de Agosto”

LISTAS

Figura 01: fotografia da Igreja Madre de Deus em Vigia, Pará	22
Figura 02: fotografia das colunas de sustentação da Igreja Madre de Deus	22
Figura 03: fotografia do palacete Bibi Costa , século XIX	28
Figura 04: excerto do discurso recitado pelo presidente da Província: Bernardo de Souza Franco, em 15 de Agosto de 1839.	32
Figura 05: excerto de cunho moralizador, retirado do jornal “O Espelho”	33
Figura 06: excerto da crítica ao comportamento inadequado aos padrões de civilização, retirado do jornal “O Espelho”	33
Figura 07: Folha de rosto da obra “Motins Políticos” de Domingos Antônio Raiol	40
Figura 08: excerto retirado do jornal “O Espelho” exaltando a sociedade “Cinco de Agosto”.	48
Figura 09: excerto retirado do jornal “O Espelho”: crítica à ausência de alunos no externato	57
Figura 10: alunos do curso de indústrias químicas e domésticas, oferecido pela SLBCA no ano de 1938.	67
Figura 11: folha de chamada do jornal O Espelho	80
Figura 12: chamada de atenção para o pagamento das assinaturas	81
Figura 13: folha de rosto do jornal O Cinco de Agosto	93

Figura 14: página do jornal Cinco de Agosto 96

Figura 15: excerto do artigo intitulado: A educação do lar. 99

TABELAS

Tabela 01: Relação de membros da SLBCA 43

Tabela 02: calendário das aulas do externato da SLBCA 58

Tabela 03: Relação de material doado para a biblioteca no ano de 1876 60

Tabela 04: Relação de material doado para a biblioteca no ano de 1877 62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPITULO 1: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO ESPAÇO VIGIENSE	19
1.1. Entre pesos e medidas a belle époque forma e transforma	25
1.2. Um grupo intelectualizado e a ideia de uma Sociedade Literária e Beneficente	31
1.3. Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”: uma ascensão literária na vigia oitocentista	36
1.3.1. Os sócios e fundadores da sociedade	39
1.3.2. Criação, instalação e fundação	46
CAPITULO 2: DA CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE “CINCO DE AGOSTO”	49
2.1. Das ações sociais	52
2.2. Da função religiosa	54
2.3. Da função educacional	56
2.4. Biblioteca [romances, didáticos, poesia, religiosos] – Leitura cerceada: o pecado mora na página seguinte	59
2.4.1. Da reorganização da sociedade e da biblioteca	64
CAPÍTULO 3: A PRESENÇA DO JORNAL NA SOCIEDADE “CINCO DE AGOSTO”	76
3.1. Jornal O Espelho: periódico literário, crítico e noticioso	80
3.1.1. Três leitores e suas impressões [impressas] nas folhas do jornal	82
3.1.2. Nas sessões, outras impressões	89

3.2. Jornal O Cinco de Agosto, propriedade da Sociedade Literária e Beneficente cinco de Agosto	93
3.3. Os leitores colaboradores das páginas jornalísticas	97
3.3.1. Jonas Ferreira, das impressões militares para a escrita do jornal	98
CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
ANEXOS	111
ANEXOS EM MÍDIA DIGITAL	

INTRODUÇÃO

Antes de iniciarmos efetivamente as considerações sobre este trabalho, torna-se importante a ratificação de que não tratamos da leitura em seus significados variados no que diz respeito à semântica da palavra. Se assim o fosse, estaríamos revestidos da obrigação de considerar que o ato de ler não se direciona apenas à codificação e à interpretação dos signos inscritos em um papel. Contrariamente, haveríamos de atender ao fato de que uma leitura se faz também pelo entendimento do sentido e valor de metáforas em momentos nos quais estas não estão e nem precisam estar necessariamente ligadas à escrita. Para explicar melhor, lançamos mão das palavras de João Adolfo Hansen para considerar que, considerando os vários sentidos contemporâneos da palavra leitura, faz-se necessário a lembrança do leitor ligado à prática oral e à leitura de alegorias que durante o período colonial, por exemplo, convivia com

a portada ou o interior de igrejas das vilas coloniais brasileiras [...] formas espaciais, que hoje classificamos como artes plásticas irredutíveis ao discurso e que então imitavam tópicas narrativas e poéticas da cultura letrada, eram plenamente inteligíveis para um olho analfabeto, mas treinado no reconhecimento da significação e valor das metáforas e alegorias dos conceitos do *corpus phantasticum* da linguagem, constituindo emblemas e empresas.¹

Ressaltamos, no entanto, que há de se considerar, durante a feição deste trabalho, fatos sociais que se relacionam à história da leitura e que, em instâncias menores ou maiores, a transformam em um fenômeno social, uma vez que a percepção e o encontro com fatos que norteiam essa história, tais quais nas palavras de Roger Chartier: “o estudo das mentalidades, das representações sociais coletivas, dos valores de um grupo e/ou de uma época”² são pertinentes a um estudo desta natureza.

Entenda-se por “estudo desta natureza” o fato de que, ao se considerar o estudo da leitura em um determinado espaço e em um tempo bem anterior à contemporaneidade, concebe-se também a preocupação metodológica de que, tendo sido predominantemente oral a cultura desses grupos, os historiadores se encontram em menor peso na balança, haja vista que eles não se podem pôr a conversar com homens de séculos anteriores.

¹ HANSEN, João Adolfo. Leituras coloniais. In: ABREU, Márcia. (Org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura no Brasil. 1999. p. 170.

² Cf. CHARTIER, Roger. Comunidade de Leitores. In: ABREU, Márcia. **A ordem dos livros**. Brasília. Editora da UNB, 1994.

Portanto, satisfatoriamente, compartilhamos das ideias de Carlo Ginzburg³ ao propor que sejam consideradas as diferentes relações que se organizam e que designam esquemas de percepções e apreciação dos diferentes sujeitos sociais. É preciso ponderar, antes de tudo, as diferentes representações do que se pode chamar de “cultura”, principalmente no que diz respeito à “cultura dominante” e à “cultura subalterna”, ou no que diz respeito à interposição das duas culturas: “até que ponto a cultura dominante sobrepõe-se à outra, e até que ponto a outra absorve e se deixa moldar pela primeira?”⁴.

Faz-se necessário uma digressão aos pressupostos dos fatos para que dessa forma sejam entendidas, na contemporaneidade, suas particularidades dentro daquilo que se pode chamar “via de mão dupla”, ou seja, compreender o presente significa, antes de tudo, buscá-lo no passado. Cruzar o duplo caminho que constituiu a história, restituir os acontecimentos que, de uma maneira ou de outra, formaram a base daquilo que hoje se apresenta a nós. Assimilá-los e compreendê-los em um mecanismo de causa-efeito é, em síntese, buscar o passado, a origem, para a compreensão do presente.

Traçamos esse percurso histórico porque compreendemos a impossibilidade de escrever um trabalho que não busque os pressupostos primeiros desencadeadores dos fatos estudados. Na percepção de que a história nunca está terminada e de que por isso passa longe de se definir como fórmula pronta e acabada, é que a partir deste momento propomos um passeio pelos acontecimentos que inscreveram no tempo e na história a sociedade oitocentista de uma cidade na província do Pará. Episódios que deixaram rastros e que permitiram a continuação histórica e literária dessa cidade. É a partir dessa visão que nos propomos a partilhar da concepção teórica de João Adolfo Hansen quando, ao escrever sobre as ideias de Drummond para a escrita de um livro inútil, considera que:

A obediência a palavras de ordem partidária [...] não pode ceder à inércia do passado, como se a história depositada nas matérias fosse história de mortos. Ao contrário, deve transformá-las como história de vivos, buscando as formas possíveis de um futuro em que as palavras “justiça” e “cultura” não serão só palavras.⁵

³ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁴ *Idem, Ibidem.*

⁵ Cf. HANSEN, João Adolfo. **Drummond e o livro inútil**. Disponível em: <<http://www.sibila.com.br/index.php/mapa-da-lingua/428-drummond-e-o-livro-inutil>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

As palavras de Adolfo Hansen ratificam o pensamento de Carlos Drummond em “Confissões de Minas” ao concluir que não se devem aceitar os fatos como se apresentam, mas contrariamente se deve buscar a origem, regredir à fonte para que dessa maneira as particularidades sejam colocadas em evidência. Não escrever à margem do tempo ou contra ele, mas com ele, estando nele. Uma vez inserido nesse tempo, deve-se levar em conta as relações do indivíduo com os acontecimentos do período histórico em que ele viveu. Se assim for feito, o livro não estará acabado, a história não estará terminada. Não há como escrever uma história de livros, de leitores e de leitura sem que se tenha em mente a proposição de Drummond:

O homem acabado, o livro acabado são fórmulas; o homem que continua, o livro que continua, e, sobretudo, o leitor que continua estão insinuando como é [...] difícil ‘pintar a paisagem’, com o pincel que foge da minha mão, com a mão que se desprega do braço e navega por conta própria. Sobre a crista móbil da onda.⁶

É nesta perspectiva que iniciamos este trabalho. Na expectativa de que parte da história que compõe a formação literária, social e letrada de um determinado grupo em um espaço determinado, pela pesquisa, possa ser seguida e compreendida. Para isso nos propomos a descrever os acontecimentos que nortearam o desenvolvimento intelectual e social dessa cidade, e que, conseqüentemente, culminaram na formação de uma comunidade de leitores e produtores textuais em um período compreendido entre a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX.

Esperamos contribuir, dessa maneira, para o preenchimento de lacunas sobre a história da leitura e da literatura na região paraense, quiçá brasileira. Nessa intenção, delimitamos a escritura do trabalho em uma estrutura que abrange 03 (três) capítulos. Em sua maioria, eles descrevem os acontecimentos que envolveram nosso objeto de estudo.

Esse estudo nasceu de uma conversa entre amigas, em um encontro acadêmico, ainda na graduação. Uma ideia que a princípio não parecia ser relevante, tampouco exequível para um projeto de mestrado: outra cidade; parca documentação; idealização de uma sociedade urbana, a princípio não condizente com uma pesquisa que se quer científica.

As conjecturas se delinearão e tomaram a forma de um projeto, ao mesmo tempo sonhador e temeroso. Esse projeto foi levado adiante, mas não sem obstáculos,

⁶ DRUMMOND, Carlos. **Confissões de Minas**. Rio de Janeiro: Americ-Edit. 1944, p. 227.

como qualquer trabalho, não sem o sentimento de que algo havia de se perder e de ficar pelo caminho. A completude nunca é completa, concluímos ao final. Mas nascemos, crescemos. Não chegamos ao final, certamente. Iniciamos, no entanto, um trabalho que registra um tempo, uma instituição e uma sociedade com seus hábitos, com seus pensamentos e com seus ideais.

Para traçarmos e registrarmos esse perfil, delimitamos o trabalho em 03 (três) capítulos, configurando-se cada um ao seu devido objetivo.

Ao primeiro capítulo, destinou-se às considerações sobre o espaço histórico da cidade de Vigia, onde realizamos a pesquisa, relevante não apenas por isso, mas por ser palco de acontecimentos, de discussões e de idealizações de uma época. Mapeamos seus primórdios, seu comportamento e a formação de sua mentalidade, construída, em grande parte, pelos ensinamentos jesuítas, propagadores da fé cristã e contribuintes da formação religiosa e intelectual de um determinado grupo na cidade. Introduzimos as relações educacionais e as primeiras tentativas de se formar leitores na cidade, os meios que nortearam o processo de formação de uma comunidade de leitores e a movimentação que contribuiu para o progresso literário e cultural dessa cidade, culminando na criação de uma Sociedade literária e beneficente, durante o século XIX. Para esse delineamento, recorreremos à pesquisa bibliográfica, autores, em sua maioria, paraenses, tais quais Clóvis Meira e Acyr Castro (1990); Vicente Sales (1992); José Ildone (2008); entre outros, que, sem citações no corpo do trabalho, ficaram subentendidos nas entrelinhas.

No segundo capítulo, o objetivo foi revelar a constituição da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”, por vezes tratada aqui pela sigla SLBCA, bem como sua relevante participação na formação de leitores na cidade de Vigia. Seu empreendimento em participar do movimento social, cultural e político, durante o período oitocentista no Brasil, resultou em uma agitação literária na cidade, com a construção de escolas, a abertura de biblioteca e a publicação de jornais. No auxílio a essa etapa da pesquisa, contribuiu-nos as informações postadas em periódicos da segunda metade do século XIX, documentos oficiais capazes de nos ajudar a recuperar dados sobre a circulação ou não de obras na cidade; entrevistas que tiveram a finalidade de tentar preencher os espaços que se mantinham em branco, pela escassez e pela precariedade de documentos; capas de livros que pudessem nos auxiliar no

preenchimento do vazio na biblioteca da sociedade e impressões outras tidas ao longo do tempo em que este trabalho foi configurado.

Passada a etapa de construção sobre a SLBCA e de seus atos em torno de um ideal de sociedade, passamos às considerações feitas em torno do suporte que auxiliou no processo de construção social da cidade: os jornais. Lançamos mão de recursos digitais, tais como a fotografia e a digitalização. Não nos escapou, todavia, o uso de instrumentos menos modernos, por exemplo, a lupa para que pudéssemos compreender os escritos em documentos antigos e de pouca resistência ao manuseio constante.

Concluimos a pesquisa compreendendo o que já cabia em nossa intuição: o imaginário existe, de alguma maneira, em outro tempo. Escrito, apagado, reescrito ou não, distante, porém nítido, contado na história e pela história ao longo do tempo. Foi assim que buscamos preencher a lacuna existente na sociedade vigiense durante o período oitocentista até os anos iniciais do século XX.

1 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO ESPAÇO VIGIENSE

Pois tenho que tornar vivo o que está quase apagado e que mal vejo.

Clarice Lispector

Vigia de Nazaré, considerada uma das cidades mais antigas do Norte do Brasil, revela aos olhos de quem a observa resquícios de um passado que cada vez mais se apaga com o tempo: ruas estreitas, calçadas por paralelepípedos, por onde podem ser vistos prédios antigos e históricos, mas, em contraponto, construções que cada vez menos guardam marcas dos séculos XVIII e XIX. Ainda é possível, no entanto, percebermos algumas casas que, já em processo de deterioração, trazem as paredes frontais ladeadas por azulejos em estilo português, muitos dos quais, também, desgastados pela ação do tempo. Da mesma forma, é possível perceber, no alto da escola Barão de Guajará, pinhas portuguesas, característica ornamental do século XIX.

Apesar das marcas que se apagam, Vigia não deixa de ser uma cidade encantadora, semelhante à maioria das cidades colonizadas pelos portugueses. As ruas vigienses abrigam, hoje, um comércio vasto e diferenciado entre lojas franqueadas de empresas nacionais; estabelecimentos bancários; hotéis e a feira hortifrutigranjeira ao ar livre.

Em um passado distante, todavia, o chão de Vigia serviu de apoio para as atuações de Ordens religiosas, tais quais as dos Jesuítas e as dos Capuchinhos, bem como serviu de palco para a marcha dos cabanos em uma das maiores revoltas políticas e sociais já ocorridas no Brasil, durante o período de organização das províncias, a chamada Cabanagem⁷, que faz reverberar, ainda hoje, as marcas da luta social, seja no imaginário dos moradores, seja em alguns pontos da cidade que serviram de palco para os motins da revolta.

Durante o período de observação da cidade. O cenário Vigiense que a nós se apresentou foi de um verdadeiro desfile de tipos humanos. O movimento é diário, contínuo: os ciclistas que logo ao amanhecer disputam a passagem com os carros que

⁷ A cabanagem foi um movimento de revolta e conflitos sociais, dentro do qual participou, enfaticamente, a camada pobre da região do Pará, em 1835. Foi assim denominada pelo fato de que a grande massa participante do conflito era a população pobre que vivia em cabanas à beira dos rios, chamados de cabanos.

trafegam pela cidade; os passantes que caminham apressadamente, esbarrando naqueles que sem pressa riem e conversam animadamente com os vendedores de peixe. Uma via de mão dupla, diríamos. Os peixeiros, ao estacionar uma carroça repleta de peixes, não parecem se importar com o restaurante em estilo colonial que começa a abrir suas portas para o funcionamento diário. Todo esse cenário paradoxal ocorre frente a uma das praças da cidade, às margens do rio Guajará Mirim, onde, ancorados, estão os barcos, alguns enfileirados, outros dispersos de sua ordem, talvez pela ação do vento e do balanço das águas. De qualquer maneira, estão lá, presos, à espera de uma nova viagem que os levem para o alto-mar e, assim, voltem trazendo o pescado, alimento que mantém a economia sustentável da cidade.

É esse cenário que, atualmente, Vigia mostra aos nossos olhos. Em um passado remoto, entretanto, a paisagem era outra e a cidade, que era aldeia, atendia por outro nome: Uruitá. Era essa a denominação da pequena aldeia, habitada até 1534, unicamente pelos índios Tupinambás. A mudança, entretanto, ocorreu quando, com o intuito de observar a movimentação dos barcos que passavam nas proximidades do rio Guajará Mirim e de prevenir possíveis ataques às terras da aldeia, o governo lusitano passou a controlar as embarcações que faziam a rota Belém-São Luís. A fiscalização foi exercida por guardas, que se posicionavam em um posto de vigilância, para intimidar os contrabandistas de especiarias e o controle feito a partir do registro obrigatório das embarcações costeiras. Do posto de vigilância se originou o nome Vigia. A fundação da cidade foi oficializada por Francisco Caldeira Castelo Branco em 06 de Janeiro de 1616, 06 (seis) dias antes da fundação da cidade de Belém. A elevação à condição de vila aconteceu no ano de 1693 e em 25 de Agosto de 1734 o lugar foi erigido à categoria de município.

Durante o processo de colonização e ocupação, a cidade contou com forte presença de missões religiosas e, de acordo com a historiografia paraense, a presença mais marcante foi a dos Jesuítas, no século XVII, fato esperado e compreensível, uma vez que esta Ordem foi a que mais notadamente se estabeleceu em terras brasileiras, dentro do processo das missões religiosas. Cabe à Ordem Jesuítica o reconhecimento pelo princípio da formação cultural e educacional da cidade, assim como em todo território nacional. Ainda que a educação escolar jesuítica estivesse a serviço da política colonizadora de Portugal, não se pode negar a importante atuação dessa Ordem nas primeiras noções de ensino, na província paraense. Sobre a intenção

colonizadora de transmitir valores de civilidade em contraposição à “condição de selvageria” dos índios, Serafim Leite observa que:

Quando as circunstâncias e o conhecimento progressivo da terra permitiram ou aconselharam a Portugal o tratar de-propósito da colonização do Brasil, erigindo-o em Governo Geral, El-rei chamou os Jesuítas e confiou-lhes a missão da conquista espiritual desse novo Estado. No regimento de Tomé de Sousa, falando dos aborígenes, mostra Portugal expressamente a sua intenção: ‘o principal intento meu é que se convertam’.⁸

Para a conversão, fez-se necessário a prática de uma política educacional, voltada para a formação religiosa. Para tanto:

seminários e colégios foram fundados, rudimentares no início da jornada, mas que se tornaram os núcleos de desenvolvimento cultural, tomando parte saliente nessa expansão a Vigia, onde os jesuítas fundaram o colégio São Jorge dos Alamos e os Mercedários e Carmelitas fundando o colégio da Mãe de Deus, anexo à igreja do mesmo nome.⁹

Entre os historiadores da cidade de Vigia, há quem acredite que a política educacional jesuítica foi o pilar para o surgimento de uma literatura local. Verdade ou não, a relevância em conjecturar que os Jesuítas contribuíram para – além da formação educacional – iniciar uma série de construções que ajudam a formar, hoje, o complexo histórico da cidade faz-se necessária e coerente para que se entenda o esboço, que delineia este trabalho, de um público-leitor que viveu transformações sociais, políticas e culturais.

Com efeito, a presença dos religiosos também deixou marcas na arquitetura da cidade. Destaca-se, por exemplo, a Igreja católica “Madre de Deus”. Construída pelos jesuítas em 1734, suas linhas curvas, bem no alto, remontam ao estilo barroco. A Igreja é considerada um exemplo raro da arquitetura religiosa brasileira. Tal consideração pode ser compreendida quando observamos cuidadosamente a simetria do prédio: A estrutura da cobertura das varandas laterais é sustentada por 12 colunas de origem toscana, e as varandas funcionam como uma espécie de corredor aberto que permitem uma maior ventilação no interior da Igreja.

⁸ Pe. S.J, Hélio Abranches Viotii. **Padre Serafim Leite (1890-1969)**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

⁹ MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr. **Introdução à Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990. p. 57.



*Figura 01: Igreja Madre de Deus. Vigia-Pará
Construída em 1734. Foi tombada pelo IPHAN
(Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico
Nacional).*

Fotografia: Joseane Sousa Araújo



*Figura 02: Colunas de sustentação da
varanda, lado esquerdo, da Igreja.*

Fotografia: Joseane Sousa Araújo

Há ainda, no complexo histórico, a capela do Senhor dos bons passos, a Igreja de Pedras, que começou a ser construída pelos moradores com a participação dos jesuítas, em 1739. Esta Igreja, segundo Raul Lobo¹⁰, ficou inacabada, uma vez que o responsável pela engenharia e pela arquitetura era o Frei Joaquim da Epifania, jesuíta preso e posteriormente expulso por ordem do Marquês de Pombal; o “poço dos Jesuítas”, construído na metade do século XVIII, por volta de 1734, protegido, atualmente, pelas autoridades e por alguns moradores da região, responsáveis por autorizar ou não quem queira visitar a construção; o famoso Palácio Trem de Guerra, prédio que guarda a lembrança do massacre ocorrido durante a revolta da Cabanagem, na cidade, quando autoridades políticas, soldados e civis foram encurralados no prédio e, posteriormente, mortos pelas tropas revoltosas.

Essas descrições se fazem necessárias para percebermos a dimensão histórica da cidade de Vigia, embora pudéssemos nos referir, ainda, a outros símbolos políticos e sociais presentes na cidade. O trabalho, entretanto, tomaria uma dimensão que fugiria ao seu propósito primeiro.

Além das marcas históricas, é importante ressaltarmos que a contribuição jesuítica na cidade formou signos históricos que demonstram, hoje, a intensa atuação da Ordem na região. O grupo apresentou uma notável participação no tocante à

¹⁰ LOBO, Jorge Raul B. **Vigialma Nossa**: história, cultura e turismo. Vigia de Nazaré: [s.n.], 2007. p. 20.

instrução pública, fato que se deu, inclusive, em todo território nacional. Ainda que as missões jesuíticas fossem intimamente ligadas à Coroa Portuguesa, responsável por catequizar os índios e educar a elite colonizadora, há de se velar a colaboração dos padres jesuítas nas primeiras noções de ensino na província paraense.

Graças às pesquisas do padre Serafim Leite, que escreveu a história da companhia de Jesus no Brasil¹¹, é possível conhecermos um pouco mais a respeito do trabalho educacional desenvolvido pela Ordem, inclusive sobre a formação de suas ricas bibliotecas. Entendemos que o fato em questão possui relevância no trabalho, uma vez que o legado deixado pelos frades jesuítas influenciou toda uma geração de homens na cidade, ligados ao exercício da educação em seu caráter religioso e, posteriormente, laico.

A Ordem jesuítica buscou desenvolver um trabalho capaz de uniformizar o ensino para a além da catequização. Os religiosos culminaram suas ações na educação de uma forma geral, buscando uma unificação no que diz respeito, principalmente, ao ensino religioso e a um nivelamento do ensino das primeiras letras. Dessa maneira, não se descarta o fato de que:

Os religiosos tiveram grande papel nesse nivelamento, chamando às irmandades a atribuição de reunir, ensinar o alfabeto, as primeiras letras, a escrita, [...] não somente em Belém, mas, principalmente, penetrando pelos grandes rios [...] visitando aldeias, vilas e cidades. [...] seminários e colégios foram fundados, rudimentares no início da jornada, mas que se tornaram os núcleos de desenvolvimento cultural, tomando parte saliente nessa expansão a Vigia.¹²

Nos idos do século XVIII, ano de 1735, o número de alunos mantidos pelos jesuítas cresceu tanto que se tornou necessário, além do colégio de Santo Alexandre, em Belém, a abertura de uma casa de instrução na cidade de Vigia. Era a chamada “Casa da Vigia”, que ensinava as primeiras letras e o latim. Ao que tudo indica, as “casas” eram estabelecimentos ligados às missões religiosas. Serafim Leite destaca que, em todo o Norte, entre as Casas da Companhia, a mais importante era a da Vigia: “De Belém, para a banda de baixo, até ao Salgado ou ‘Costa-Mar’ (...) a mais importante Casa da

¹¹ LEITE, Padre Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Portugália, Civilização Brasileira, 1938, 10 volumes.

¹² CLÓVIS, Meira, ILDONE, José & CASTRO, Acyr. **Introdução à Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990. P. 56-57.

Companhia foi a da Cidade de Vigia.”¹³. Afirma o autor que, com o prestígio da Casa, os vigienses passaram a ambicionar o contato com os estudos e, conseqüentemente buscaram negociações com os padres da Companhia. Aspiravam que a Casa passasse a colégio e que deixasse de ser dependente do Colégio do Pará.¹⁴ Em 1729, foram iniciadas as implementações da Casa e, entre 1732 e 1735, começaram, em Vigia, as aulas de primeiras Letras e de Latim.

A preocupação jesuítica com a formação do acervo era tamanha que, em 1760, por exemplo, a biblioteca da Casa da Vigia já contava com um número de 1010 livros¹⁵. Ora, a formação de acervos era uma atividade habitual dos jesuítas, uma vez que eles priorizavam a formação do intelecto para os posteriores ensinamentos aos novos colonos, possivelmente por essa razão “não havia aldeia por mais recuada que fosse na profundidade dos sertões e rios, que não iluminasse nenhuma estante de livros”¹⁶.

Segundo Rubens Borba de Moraes, “As bibliotecas dos jesuítas não ficavam abertas só para os alunos e padres, mas para qualquer pessoa que fizesse o pedido competente”¹⁷. Mas quem seriam essas pessoas? Quem eram, na cidade de Vigia, aquelas capazes de formular um pedido competente? Consideramos de suma importância esses questionamentos, uma vez que estamos ainda a discutir sobre um Brasil do século XVIII, com base escravocrata e, portanto, com um elevado número de analfabetismo, o que nos permite afirmar que a cultura letrada, nesse período, era rarefeita, uma vez que a leitura era condicionada aos religiosos e a uma minoria considerada “letrada”.

Mesmo no início do século XIX, a formação de um público-leitor em solo brasileiro era limitada. Segundo Hélio de Seixas Guimarães, havia, no Brasil, “um imenso contingente de analfabetos”¹⁸. Ubiratan Machado revela que, por volta de

¹³ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*; SANTOS, Cesar Augusto dos (Org.). São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 543.

¹⁴ É importante lembrar que, durante esse período, os estudos se voltavam para a catequização indígena e para um sistema de estudos pautado em parâmetros portugueses.

¹⁵ A lista dos livros que compunham o acervo da Casa da Vigia pode ser conferida nos anexos, gravados em CD, no final deste trabalho.

¹⁶ LEITE, Serafim. S.I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo IV. Livro V. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943, p. 289.

¹⁷ MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006, p. 09.

¹⁸ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

1800, o Brasil contava com um total estimado de 3.660.000 habitantes e, entre eles, apenas uma minoria sabia ler e escrever¹⁹.

Não obstante as argumentações dos autores supracitados, há de se considerar, doravante, a formação de um público-leitor, ainda que limitado, e sua conseqüente expansão. Há de se ponderar, além disso, os meios pelos quais a leitura se tornou acessível a esse público, bem como o contexto cultural da época que influenciou todo um período a uma corrida progressista.

Por conseguinte, tratamos, relativamente, das peculiaridades que envolveram a passagem do século XVIII para o XIX e, enfaticamente, os acontecimentos presentes no período oitocentista, quando, segundo Izenete Garcia Nobre,

A influência da cultura letrada européia (...) se expandia por lugares ermos da floresta nos quais a simples presença de móveis era por si mesmo um acontecimento novo o que se dirá, então, da existência de uma biblioteca, ainda que pequena, onde livros científicos se misturavam à certeza da fé cristã.²⁰

Este foi o momento mais enfático em que se buscou sobrepujar a educação do período colonial, quando a posse de livros era, em sua maioria, privilégio dos religiosos. O momento, do qual trata o excerto acima, é realmente norteado por novos acontecimentos, por um conjunto de ações em busca de transformações sociais, culturais e educacionais que se convencionou chamar *Belle Époque*.

1.1 ENTRE PESOS E MEDIDAS: A *BELLE ÉPOQUE* FORMA E TRANSFORMA

Compreendemos que, para discutirmos sobre a formação de uma determinada sociedade, ou de um grupo, em um tempo e espaço, é necessário que apontemos as diretrizes do pensamento dominante, as particularidades e as marcas comuns às pessoas da época sobre a qual tratamos. Para tanto, cumpre salientarmos que a *Belle Époque* – momento marcante do período oitocentista – foi um estado de espírito que despertou no país uma movimentação social, cultural, econômica e política e que, refletido nas províncias brasileiras, fez com que estas passassem por mudanças

¹⁹ Cf. MACHADO, Ubiratan. **A etiqueta de livros no Brasil**: Subsídios para uma história das livrarias brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

²⁰ NOBRE, Izenete Garcia. **Leitura a vapor**: a cultura letrada na Belém oitocentista. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2009.

também em seus aspectos urbanísticos. Nesse contexto, Belém, ao se identificar com os ideais de progresso brasileiro, alcançou um claro desenvolvimento. A corrida progressista paraense teve, aparentemente, um notável êxito, impulsionada, sobretudo, pela excelente condição econômica em que se encontrava a capital, devido à exportação da borracha. Não por acaso,

O resultado dessa expansão se reflete nas mudanças da vida social, cultural e literária da cidade. [...] durante o *boom* da borracha, [...] Belém, sendo uma cidade portuária, dominou a vida comercial e cultural da região norte do Brasil. [...] e chegou a ser uma das cidades mais notáveis da América Latina devido a sua admirável vida moderna.²¹

Tendo isto em vista, é compreensível que surja o questionamento a respeito do vocábulo “aparentemente”, em referência ao progresso belenense. A interrogação pode se clarificar se considerarmos que, na contramão da visão de progresso, visível nas ruas da cidade, nas construções arquitetônicas, nos bailes e nas apresentações teatrais quantitativamente exageradas,²² outra realidade coexistia com o chamado desenvolvimento. O fato é que um projeto de modernidade pode não alcançar a totalidade de um espaço e de seus habitantes, e as consequências existem, e, como duas medidas na balança, as negativas talvez equiparem-se às positivas. Assim, a situação era, não obstante, paradoxal: Na capital da província, os esquecidos pelo banquete proporcionado pela “febre” da *Belle Époque* eram empurrados para as margens da cidade. Trabalhadores de etnias diferentes, atraídos principalmente pelo surto do desenvolvimento da borracha, e famílias não contempladas pelo lucro gomífero compunham uma densa camada formada pelos ausentes e silenciosos, aquém das luzes dos candelabros austríacos. A mesma *Belle Époque* que, por influência francesa, ditava o requinte no comportamento, como o uso das vestimentas²³, por exemplo, também atribuía ao resto da cidade uma grande distância do modelo que admirava e que buscava seguir. Nesse palco de contradições,

²¹ Cf. COELHO, Marinilce Oliveira. Entre livros e cafés. In: _____. **O grupo dos novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará**. Belém: EDUFPA: UNAMAZ, 2005. p. 23-24.

²² Marinilce Coelho lembra que foram apresentados nada menos que 125 espetáculos nos meses entre Fevereiro e Dezembro do ano de inauguração do Teatro da Paz.

²³ As roupas eram partes fundamentais de um projeto que objetivava a “civilização”. Eram, sobretudo, um código capaz de visibilizar as divisões sociais, definir a classe social, posição e até idade de uma pessoa. Em Belém, para atender ao francesismo que havia tomado conta da cidade, enfeites e tecidos finos, como o tafetá e o organdi, vinham de fora, especialmente de Paris. Uma das casas de tecidos finos, na cidade, era a chamada Paris N’América.

Os excluídos dos banquetes governamentais eram inúmeros [...], o drama humano vivenciado na produção da borracha ganhou dimensão na presença de milhares de nordestinos, índios e homens de nacionalidade e etnias diversas que trabalharam nos seringais e nas obras de engenharia moderna erguidas na selva amazônica. Atores de um grave problema socioeconômico acelerado na região pela “febre do lucro fácil”²⁴

Dessa maneira, os habitantes de Belém presenciaram as transformações ocorridas ao longo do tempo: alguns, indiferentes às mazelas, frutos da onda de modernidade que assolou as províncias do Brasil, como a classe elitista, por exemplo; outros, protagonistas de uma realidade não sofisticada e não contemplada pela ambição onírica da modernização e afrancesamento da cidade. Todos, porém, testemunharam o processo de modificação citadino. A mudança baseada nos ideais da civilização e do progresso, incluindo a crença no positivismo e no cientificismo, pediu e abriu espaço na vida social, cultural e política da capital da província do Pará e, conseqüentemente, a admiração pela exuberância e pelas transformações se refletiu em elogios àquele que, historicamente, foi responsável pela feição moderna e progressista da Belém da *Belle Époque*: O intendente Antônio Lemos. Ele, que julgava “bárbaros” os hábitos de uma população que se pretendia civilizada, intencionou mudá-los a partir de medidas adotadas após eleito, pela primeira vez, intendente da província do Pará, em 22 de junho de 1897.²⁵

As ações transformadoras do intendente tencionaram alcançar um ponto elevado na escala de desenvolvimento urbano. Aliás, julgamos ter sido essa distinção a primazia do espírito *Belle Époque*, na província do Grão Pará: modificações que cogitaram passar tanto pelos hábitos corriqueiros da população, como pelas transformações arquitetônicas que ocasionaram mudanças panorâmicas no visual da cidade.

As medidas de ordem comercial e cultural foram instauradas na cidade, fazendo com que ela ganhasse ares de metrópole. Os bairros mais elitizados ostentavam ares aristocráticos com as construções de palacetes, em geral pertencentes aos barões da borracha. Destacavam-se, por exemplo, entre as edificações, o palacete Pinho, que, por ocasião de sua inauguração, ostentou um dos mais belos saraus já assistidos pela elite paraense; o palacete Bibi Costa, notório por servir ao presidente

²⁴ COELHO, Marinilce Oliveira. *op. Cit.*, p. 28-29.

²⁵ Hábitos corriqueiros como secar roupas ao sol na frente da casa, ou animais domésticos andando pelas ruas, não faziam parte do discurso europeizado do Intendente. Cf. SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “Velho Intendente”**. Belém: PAKATATU, 2002. p. 101-102.

Affonso Penna durante sua visita ao Pará, também foi um reflexo dos tempos áureos belenenses.



Figura 03: Palacete Bibi Costa – Belém – Pará

Fonte: <http://www.nautilus.com.br/clientes/pontes/Fotos/2007/bibicosta.htm>

Essa movimentação aconteceu proeminentemente durante a intendência de Lemos, entretanto, em período anterior, já se vislumbrava uma agitação quanto à vida comercial em Belém. Para servir à comodidade da elite, surgida em decorrência do *rush* da borracha, por exemplo, fábricas foram instaladas na capital. Entre elas, destaca-se a Real Fábrica da palmeira, fundada em 1892, que produzia pães, doces finos, chocolates, biscoitos, massas alimentícias e outros alimentos do gênero. Considerando ainda a movimentação em favor da implantação de pequenas fábricas na cidade, encontramos, datada de 03 de outubro de 1894, em Diário Oficial, uma autorização para a abertura de uma nova fábrica:

O SR. PRESIDENTE, convida os srs. senadores a apresentarem projetos, pareceres, indicações, etc.
Nada ocorrendo passa-se à

ORDEM DO DIA

Entra em discussão o projeto nº 305, concedendo privilégio á Serafim Ferreira de Oliveira, para montar uma fábrica de perfumarias sólidas.²⁶

Importante destacar que para além da agitação comercial e das construções arquitetônicas, o ritmo da vida cultural também foi modificado. Era de se esperar que

²⁶ Diário Oficial do Estado do Pará. 6º da República, v. 4, n. 967, Belém 3 out. 1894, p. 18

com toda a movimentação pela qual passava a cidade, como as transformações na paisagem urbanística com praças ao estilo parisiense e palacetes construídos ao modelo *art nouveau* (Arte Nova), os espetáculos e os bailes fizessem parte da vida cultural paraense. No Teatro da Paz, inaugurado em 1878, apresentaram-se várias companhias líricas e teatrais vindas da Europa, além dos vários bailes de carnaval, promovidos pelo governo, apresentados no interior do Teatro.

Em suma, a nova feição belenense ostentava ares requintados, envolvidos por grandes e suntuosas construções; comércios estruturados para atender às elites da época; urbanização nos moldes europeus; espaços e atividades capazes de proporcionar lazer com requinte e outros exemplos do gênero, apropriados ao espírito *Belle Époque* de Belém. Outros aspectos ainda fizeram parte do quadro social e cultural da Belém oitocentista. Entre eles, destacamos aqui o despontar de intelectuais ligados ao mundo das belas-letas, os quais contribuíram para a construção e a implementação da vida literária paraense na segunda metade do século XIX.

Dos acontecimentos favoráveis à dinamicidade do movimento literário paraense, Clóvis Meira destaca com precisão a “Abertura do rio Amazonas à navegação”, em 1867, o movimento ‘cabano’, a implantação dos bispados e da arquidiocese (...) as lutas pela abolição da escravatura e da proclamação da República”²⁷. Para o autor, todos esses acontecimentos contribuíram, diretamente, para o desenvolvimento cultural e literário da cidade, pois que tais episódios contribuíram para: “a criação de associações culturais e sábias, além da penetração dos sertões, dos rios, por naturalistas e sábios, como Agassiz, Dates, Martius, Spix, Henri Condreau, Robert Avé-Lallemant, além de muitos outros.”²⁸

Outros eventos também foram aliados ao movimento intelectual no Pará. O historiador Vicente Salles, por exemplo, considera que, com o intenso fluxo de imigrantes para Belém, atraídos pelo *boom* da borracha, e com paraenses educados na Europa, começaram a surgir, em maior evidência, ideias de ordem social e progressista. Entre elas, figurou a da organização sucessiva de sociedades em prol de atitudes que pudessem beneficiar, principalmente, problemas que sofriam com a ausência do poder público. Eram as chamadas sociedades beneficentes. Tais benfeitorias ajudavam a defender o *status quo* do período: um estilo de vida baseado nos padrões progressistas

²⁷ MEIRA, Clóvis. A literatura nos séculos XVII, XVIII e XIX. In: _____. MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (Orgs.). **Introdução à Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990, p. 61-62.

²⁸ *Idem, Ibidem.*

européus, entre os quais estava a formação do intelecto. Para tanto, tornou-se indispensável, em todo o país, a organização de grupos para a formação e para o aparecimento de novas instituições como clubes, bibliotecas e sociedades. Para Nelson Schapochnik, dentre estas Instituições, algumas, como as bibliotecas, por exemplo, “ampliaram o horizonte de expectativas e de maneira inequívoca, contribuíram para as novas experiências estéticas e cognitivas de seus frequentadores, reforçando ainda o projeto de uma prática sociocultural”²⁹. As sociedades surgidas, nesse período, apresentavam um caráter funcional bastante diversificado (religioso, instrutivo, recreativo, literários, científicos etc.). Entre as que foram organizadas em Belém, o historiador Vicente Salles destaca a existência da:

Sociedade Beneficente Artística Paraense, instituída por um grupo de operários ou artífice e instalada em 26.06.1865.

Sociedade Beneficente União Paraense, organizada em dezembro de 1868 e instalada em janeiro de 1870, com dezessete instituidores; dissolvida em agosto de 1881.

Sociedade Beneficente 2 de Dezembro, fundada em 12.01.1871, localizada na rua nova de Santana, n.º 28-A.

Club Beneficente Popular, iniciativa do jornalista Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, fundado em 1873.

Benemérita Sociedade Beneficente Mecânica Paraense, fundada em 1878, por Augusto Domingos Ruivo. Tinha como vice- presidente José da Cunha Guimarães (...). Em 1904, tinha sua sede na Rua Aristides Lobo, 103.

Sociedade Artística Beneficente dos sapateiros.

Associação internacional de Socorros Mútuos, beneficente e assistencialista, que se inspirou nos equivalentes europeus.

Sociedade Beneficente 28 de Setembro, organizada em 1872.

Sociedade Beneficente dos pedreiros e campinas, 1883.³⁰

O autor nos apresenta, ainda, o nome daqueles que, para ele, foram os vanguardistas das ciências, das letras, do jornalismo e da instrução no Pará a partir de 1860. Entre eles, figuram o nome de Domingos Antonio Raiol, o Barão de Guajará;

²⁹ Cf. SCHAPOCHNIK, Nelson. **Os jardins das delícias**: Gabinetes literários, bibliotecas e figurações na corte imperial. Tese (Doutorado) - Departamento de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo. 1999.

³⁰ SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992. p. 160-161. (Coleção amazônica).

Francisco Martins Pinheiro; Domingos S. Ferreira Pena; José da Gama Abreu, barão de Marajó; Conselheiro Tito Franco de Almeida; Dom Antonio de Macedo Costa; Clementino José Lisboa; Domingos Olimpio; Lauro Sodré; bem como aqueles que primavam pela educação aos jovens. Foram eles: Domiciano Perdigão Cardoso; Felipe Pinto Marques; Raimundo Alves da Cunha; Bertoldo Nunes; entre outros que contribuíram para o sistema educacional com publicações, por exemplo, de compêndios de educação pública.³¹

Todo esse fervor que tomou conta da província paraense, ampliando espaços e movimentações culturais, decretando a emergência de novos lugares públicos que intensificassem as interações sociais e consolidassem novas relações, expandiu também os meios de divulgação dos novos ideais, entre eles, por exemplo, o jornal.³² Em meio a esse contexto, Vigia já constituída cidade na segunda metade do século XIX, incluiu seu nome na História Literária Paraense. Regozijando-se também com a euforia da *Belle Époque* e com a excelente condição econômica da região paraense, por conta da comercialização da borracha, a cidade buscou mudanças em seu quadro social, cultural e político.

1.2 UM GRUPO INTELECTUALIZADO E A IDEIA DE UMA SOCIEDADE LITERÁRIA E BENEFICENTE

Nesse panorama, a busca por uma inserção no conjunto nacional incita gerações românticas ao início de uma tradição de escritores. Jovens que tomados pelo surto da nacionalidade e do desenvolvimento intelectual procuram reuniões em vários lugares, como bares, esquinas de ruas ou casa de amigos. Tornou-se, posteriormente, necessário que os locais para encontro fossem oficializados. Portanto, para dar conta do novo movimento social, abriram-se cafés, clubes ou sociedades literárias, pontos de encontro

³¹ Para detalhadas informações sobre os nomes relacionados, cf. AZEVEDO, J. Eustachio. **Literatura Paraense**. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 40-41. (Lendo o Pará, 7).

³² A ideologia que se apresentava, inclusive, em busca de uma Literatura própria, tentando se desvincular dos moldes europeus, estendeu-se por todo o Império. Nesse contexto, Lajolo e Zilberman destacam, em **A leitura rarefeita: Leitura e livro no Brasil** (2002), que a imprensa surgiu como uma “instituição propícia a distinguir o traçado e o impasse do que seria necessário para a Literatura ter condição de constituir porção significativa do patrimônio brasileiro”. No Pará, os jornais, como um todo, constituíram-se em um veículo difusor de assuntos literários. Não apenas a capital da província, mas também algumas pequenas regiões fizeram parte dessa história literária e jornalística do Brasil, como exemplo a cidade de Vigia, que se destacou no cenário local das *Belas-Letras* e contribuiu para a formação da historiografia literária paraense. Em capítulo posterior, deter-nos-emos a analisar alguns jornais que fizeram parte da vida sócio-cultural da cidade de Vigia.

dos homens letrados, dispostos a discutir problemas relacionados à Literatura, à política e a todo o conjunto que envolvia o modelo de Nação a ser seguido.

Acompanhando os passos do projeto civilizador progressista, a cidade de Vigia foi invadida com os preceitos dos bons costumes e dos padrões de civilização. Ao cenário que se mostrava pobre e de lastimável desenvolvimento no início do século XIX, contrapôs-se o período célebre do final do oitocentos. Nos idos de 1830, os relatórios, apresentados à Assembleia provincial do Pará, revelavam, por exemplo, que a instrução pública, na província paraense, era precária e desejosa de que as cadeiras oferecidas obtivessem um número considerável de alunos ou de que, além disso, houvesse professores hábeis a assumi-las:

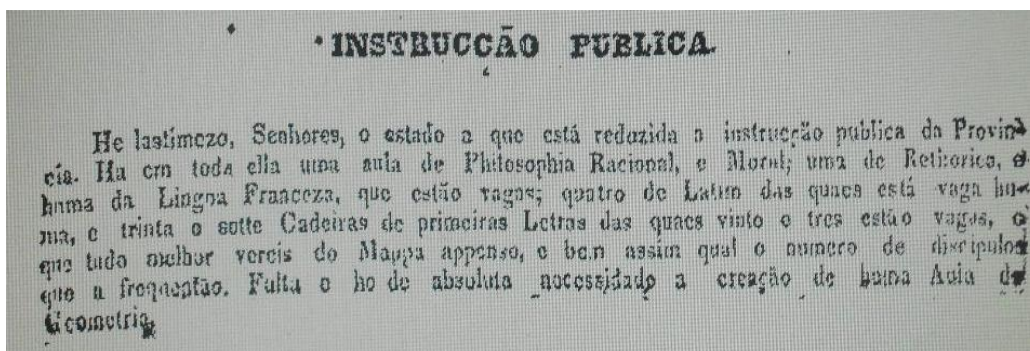


Figura 04: Discurso recitado pelo presidente da Província: Bernardo de Souza Franco, em 15 de Agosto de 1839.³³

Não obstante o estado precário em que se encontravam as regiões interioranas da província, no tocante à educação popular, em Vigia, havia uma escola funcionando regularmente.³⁴ Dos documentos analisados, no entanto, não foi possível afirmar, com precisão, quais cadeiras eram oferecidas ao ensino, na cidade. Podemos supor, no entanto, que não passavam de 03 (três), uma vez que, em seu discurso, o presidente lamentava-se de haver em toda a província apenas as primeiras letras ou latim, lógica e retórica sendo ministradas.³⁵

³³ “He lastimoso, senhores, o estado a que está reduzida a instrução publica da Provincia. Há em toda ella uma aula de Philosophia Racional, e Moral; uma de Rethorica, e huma de Lingua Franceza, que estão vagas; quatro de Latim das quaes esta vaga huma, e trinta e sete Cadeiras das primeira Letras, das quaes vinte e tres estão vagas, o que tudo melhor vereis do Mappa (incompreensível), e bem assim qual o numero de discípulos que a frequentão. Falta o (incompreensível) de absoluta necessidade a criação de huma aula de Geometria”.

Discurso recitado pelo Exm. Sr. doutor Bernardo de Souza Franco, presidente da província do Pará quando abriu a Assembleia Legislativa Provincial no dia 15 de agosto de 1839. Pará, Typ. de Santos & menor, 1839. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/498/000006.html>>. Acesso em: 20 out. 2010.

³⁴ Cf. RAIOL, Domingos Antônio. **Motins políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da província do Pará desde o ano de 1821 até 1835.** v. 2. Tomos III e IV. Coleção Amazônica. Série José Verissimo. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970, p. 566.

³⁵ Discurso recitado pelo Exm. Sr. doutor Bernardo de Souza Franco, *Op. cit.*

No decorrer da segunda metade do século XIX, o quadro sócio-cultural da província paraense começa a se modificar e, com ele, algumas regiões provincianas. Em toda a província paraense, “As escolas que em 1852 não excediam a 47 com 1.446 alunos, elevaram-se em 1882 a 264 escolas com 11.221 alunos de um e outro sexo.”³⁶. Eram as novas Práticas intelectuais, científicas e sociais que fundadas sob a égide de um ideal de civilização, revelavam a constante preocupação com o progresso. Nesse panorama sócio-cultural, a cidade de Vigia foi impulsionada a um desenvolvimento pautado em bases urbanísticas, sociais e culturais, requerendo para si o mesmo clima de euforia, de civilidade e de modernização presente nas grandes cidades. A ânsia de se modernizar provocou mudanças nos hábitos dos moradores da região. Tentou-se, por exemplo, a sofisticação dos comportamentos.

Atitudes contraditórias ao padrão civilizacional eram constantemente criticadas pelo grupo mais elitizado da cidade. Ato como fumar o tabaco de corda e vestir-se de maneira inadequada³⁷ aos padrões morais e sociais eram, certamente, motivos de críticas pautadas, geralmente, nos periódicos locais:

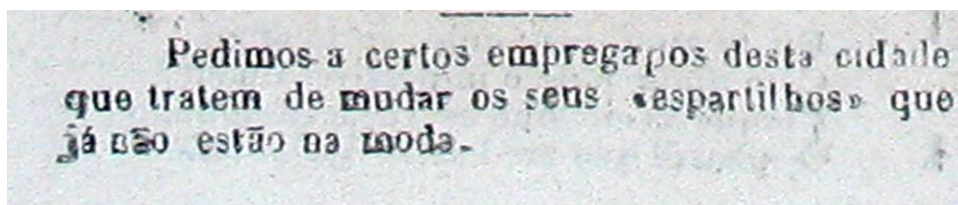


Figura 05: excerto de cunho moralizador, retirado do jornal “O Espelho”³⁸

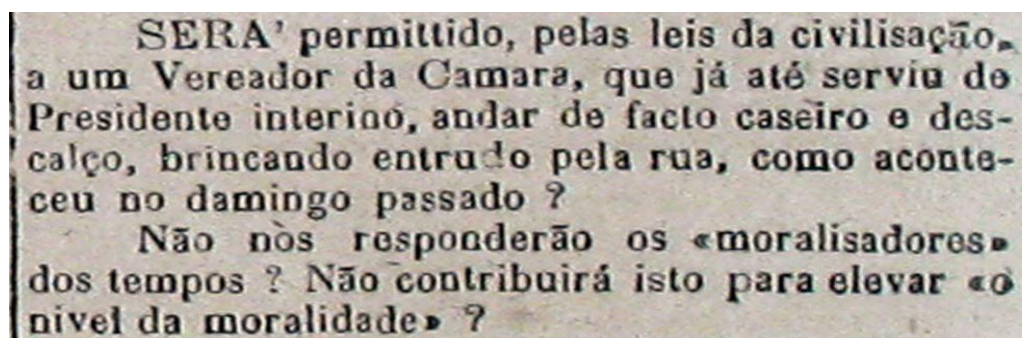


Figura 06: crítica ao comportamento inadequado aos padrões de civilização, retirado do jornal “O Espelho”³⁹

³⁶ RAIOL, Domingos Antônio, *op.cit.*, 568.

³⁷ Consta da pesquisa feita no jornal O espelho que os homens vestiam, em dias de festa, *fracks*, paletós compridos, acasacados e largos e que as mulheres usavam, geralmente, vestidos de caudas. Jornal **O Espelho**, nº 09, ano 1, 27 de Outubro de 1878.

³⁸ “Pedimos a certos empregados desta cidade que tratem de mudar os seus ‘espartilhos’, que já não estão na moda”. *Idem*, n. 15, p. 04.

³⁹ “Será permitido pelas leis da civilização, a um vereador da Camara, que até já serviu de Presidente interino, andar de facto caseiro e descalço, brincando entrudo pela rua, como aconteceu no domingo

As informações contidas nas figuras 05 (cinco) e 06 (seis) evidenciam o deslumbramento e a intenção da cidade de participar do progresso que a euforia da *Belle Époque* proporcionava. Além das transformações urbanísticas, os hábitos citadinos passaram a ser influenciados pela classe mais elitizada e intelectualizada, uma vez que aos intelectuais cabia o desempenho de papéis sociais, como, por exemplo, o de “educar” aqueles que não se privilegiavam da formação letrada ou que não pertenciam a uma categoria mais economicamente elitizada. Geralmente, faziam parte desse grupo de intelectos os jornalistas e escritores que, “ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores”⁴⁰, influenciavam, principalmente, mulheres e estudantes, formadores, em maioria, do público-leitor dos escritores românticos.

Nesse contexto, a formação educacional também era um dos empreendimentos relevantes ao conjunto de ações progressistas do período. Para tanto, surgiram, em Vigia, escolas públicas e centros ligados ao objetivo de propalar as letras na região e, assim, instruir a juventude vigiense. A instrução pública, na cidade, requeria seriedade e compromisso dos e pelos intelectuais. Não era tolerado, por exemplo, o fato de crianças serem ensinadas por pessoas sem a devida competência. Essa prática causava maiores preocupações quando o ato de ensinar era praticado por escravos.⁴¹ Esse paradoxo é compreensível para uma sociedade que se mostra contrária aos preceitos de um período colonial, mas que não alterou imediatamente a mentalidade para os ditames de uma sociedade escravocrata.

passado? Não nos responderão os ‘moralisadores’ do tempo? Não contribuirá isto para elevar o nível da moralidade?” *Idem*, nº 21, p. 03.

⁴⁰ CANDIDO, Antônio. **O escritor e o público**. In: _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1980. p. 74.

⁴¹ Este detalhe evidencia que a cidade ainda mantinha uma sociedade com mentalidade predominantemente escravista e fortalece a ideia de que, apesar do Brasil buscar rumos progressistas, a denominada classe média, surgida no interior da formação escravocrata moderna, não assumiu, de fato, uma posição revolucionária, apesar de apoiar o fim da escravidão, um processo paradoxal no fim das contas. Mas trata-se de um processo e, como tal, não se visiona a possibilidade de resolução imediata, mas de um longo caminho a ser percorrido pelas classes brasileiras.

O jornal “O Espelho” publica, em nota informativa, uma adverteência ao delegado literário da cidade para o fato de que uma escrava chamada “Euzébia” estava a lecionar cantos e a se dedicar à instrução de alguns escravos. Em edições posteriores o jornal publica o ofício expedido pelo delegado literário ao tenente da cidade, requerendo as devidas providências para o fato.

Estas informações foram publicadas no jornal “O Espelho”, nº 11, 17 de Novembro de 1878, p. 04 e edição nº 14 de 08 de Dezembro de 1878, p. 02. A primeira nota de advertência publicada, bem como o ofício expedido pelo delegado literário (e suas devidas transcrições) podem ser encontrados em anexo, páginas nº 169 e 170.

A cidade que, no início do século XIX, apontava para (01) uma escola funcionando em situação regular – com a presença de professores, por exemplo – buscou, na segunda metade oitocentista, impulsionar o interesse dos jovens pelas belas-letas, com a criação de um externato destinado ao ensino gratuito dos jovens e com um total estimado de 04 (quatro) escolas com professores formados na carreira do magistério.

As programações culturais também se faziam notáveis na cidade. A sociedade **Recreação Philo-Scenica** encenava peças teatrais dos mais variados gêneros, a exemplo, a comédia *Força do sexo frágil – uma moça astuciosa* ou ainda peças dramáticas. A encenação era comumente apresentada após as missas, e as peças tinham caráter moralizante e civilizador, haja vista o enredo, fosse de caráter dramático ou comédia, sempre colocar em cena fatos do cotidiano citadino que não condiziam com o modelo de civilização. Criticando o uso do cigarro feito pelas moças da cidade, por exemplo, a sociedade levou ao palco uma comédia intitulada *Os efeitos do tabaco de corda*⁴², que, além da crítica, tentava persuadir as moças, principalmente, a não fazer uso do cigarro. Fato interessante foi a tentativa de chamar o público à atenção da peça. Nesse intuito, a comédia tem toda sua história exposta nas páginas de um dos jornais da cidade, antes de ser apresentada. Pouca expressividade, talvez, para a arte, para a poesia, para a literatura, mas justificável face à necessidade do momento: a pressa nos atos de expressão, de comunicação e de informação.

Aliada à produção cultural, estava a literária, dos homens ligados ao mundo das belas-letas, que, ao contrário do que supõe o silêncio sobre esta existência, fez-se pungente, ampla e reconhecida, não apenas na região de Vigia, mas para além de suas fronteiras. Escritores que estiveram envolvidos no processo de expansão e propagação das letras trabalharam, tanto na cidade de Vigia, quanto na capital da província, em uma corrida caracteristicamente progressista que permitiu a fundação de associações que pudessem abrigar o espírito associativo dos homens ligados à vida literária, social e política do Brasil.

Foi não somente por meio do processo, mas por causa dele e de seu aspecto de urbanização e adequação a um novo modelo de vida que a cidade de Vigia se fez notar

⁴² O enredo da peça, publicado no jornal “O Espelho”, nº 04, ano 1, 22 de Setembro de 1878, pp. 2-3, consta da lista de anexos, p. 168.

dentro e fora da província, especialmente por meio da produção literária de autores como Domingos Antônio Raiol e Vilhena Alves, importantes personagens ligados ao cenário vigiense. Escritores que atuando em diversas instâncias ligadas à Literatura e à história do Pará tiveram uma intenção política e ideológica que se fez presente na capital paraense. Em vigia, Vilhena Alves destaca-se, sobretudo, pela criação e pela fundação da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”.

1.3 SOCIEDADE LITERÁRIA E BENEFICENTE “CINCO DE AGOSTO”: UMA ASCENSÃO LITERÁRIA NA VIGIA OITOCENTISTA

Reinhard Wittman, ao escrever sobre a história da leitura no mundo ocidental, comenta a grande participação das sociedades literárias em locais de encontro para a socialização do discurso, ao mesmo tempo em que promoviam, além de festas, eventos culturais e a convivência social⁴³. No Brasil, é possível dizer que, além do ato de socialização, as sociedades literárias contribuíram para a formação cultural brasileira.

Em sintonia com tais parâmetros, a cidade de Vigia buscou objetivos dirigidos à educação e à informação. Tais finalidades encontraram, em sua maior parte, exequibilidade por meio da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”.

A sociedade surgiu como tantas outras no país que, por meio de atividades políticas, religiosas, educacionais e culturais, buscavam meio de expressão. Fundada em 01 de outubro de 1871 e instalada em 05 de julho de 1872, foi idealizada por alguns escritores, jornalistas e políticos locais como ponto de encontro de uma classe intelectualizada, disposta a proporcionar à cidade ares de intelectualidade e de adequação aos moldes do que era apresentado como “civilidade”. Para tanto, era necessário que um trabalho com propósitos de promover ações de cunho educacional, cultural e humanitário fosse realizado. A efetivação de tal proposta ficou a cargo da Instituição.

Inicialmente de origem religiosa, a sociedade optou pelo nome “Cinco de Agosto”, aparentemente por motivos ligados ao sagrado, haja vista a intenção de

⁴³ WITTMAN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII?. In: _____. CARVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999, p. 161.

homenagear a Santa Padroeira da cidade: Maria de Nazaré. A expressão foi eleita para nomear a sociedade por ser o dia 05 (cinco) de agosto detentor da realização do chamado “Círio de Nazaré”, maior manifestação religiosa do estado do Pará, em devoção à Santa “Nossa Senhora de Nazaré”.

A Instituição foi um dos lugares onde melhor se desenvolveu o pensamento e o exercício das atividades intelectuais vigiense, abrigando sob seu teto, as discussões e consequentes produções daqueles homens durante a segunda metade do século XIX, mais especificamente durante os anos de 1870 até o início do XX. A realização plena da sociedade se deu, em maior parte, pelo trabalho desenvolvido com os jornais da região e com muitos outros de fora da cidade que, em um sistema de permuta, circularam pela cidade.⁴⁴

Imbuída por propostas de trabalho de cunho social, cultural, intelectual e religioso, “Cinco de Agosto”, para além do desejo de modernização, foi também uma espécie de “receptáculo”, abrigando não apenas os homens inquietos frente à metamorfose do cenário brasileiro, mas funcionando também como elaboradora de uma nova forma de sociabilidade e interação social. Sustentamos a tese da “inquietude humana” baseados no pressuposto de que no século XIX “havia forte preocupação com os destinos da nacionalidade, que se traduzia em interesse apaixonado pela política”⁴⁵. Tal fato aliado à necessidade de adequação a uma homogeneização de hábitos causou, no homem moderno, o sentimento de mal-estar frente à mudança de valores.⁴⁶ Julgamos ser essa uma reflexão pertinente para que seja ratificada, dentro desse contexto, a consideração de que a formação de sociedades literárias e culturais no país intencionou, também, a divulgação da produção crítica dos escritores e a difusão do conhecimento como um dos requisitos necessários ao novo momento que se apresentava, ao mesmo tempo em que essas agremiações abrigavam discussões sobre os novos rumos de produção literária, absorvendo nesse diálogo a insatisfação e o ponto de vista de muitos escritores.

Na literatura, foi latente a relação entre o sentimento de mundo e a sua representação por meio de produções literárias, fossem elas no romance, no conto, na

⁴⁴ Trataremos em capítulo posterior sobre o trabalho com os jornais.

⁴⁵ MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010, p. 326.

⁴⁶ Giorgio Agamben discute, por exemplo, a inquietude do homem frente à transformação dos objetos mais familiares, no século XIX. Sobre o assunto Cf. AGAMBEN, Giorgio. **Estâncias** – a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Trad. Selvino Assmann. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

poesia ou na crônica, a relação que envolveu esses elementos foi notável, ao passo que a produção escrita, nesse ínterim, intencionou se constituir como um elemento capaz de afirmar a identidade cultural nacional.⁴⁷

Nesse período, notadamente envolto na socialização da cultura, a Sociedade Cinco de Agosto promoveu discussões variadas, compatíveis com as que circulavam no Brasil: literárias, de origem nacional e universal, ligadas à religião e à política. Um espaço idealizado para ser o centro de leitura em jornais e em livros e de discussões políticas. Uma nova forma de sociabilidade criando comunidades de leitores. Estes que, a partir das leituras feitas, fossem elas em periódicos ou livros, criaram novos textos, permitindo-nos o conhecimento sobre a apreensão que da leitura fizeram. Foi com esse conjunto de características que os fundadores da instituição se comprometeram ao serviço de expressar o sentimento e a opinião que lhes eram pertinentes por intermédio das folhas periódicas e de propagar a leitura entre as pessoas da região, tornando-a uma prática social. Das publicações nos jornais, por exemplo, podemos considerá-las como uma prática enunciativa dos autores – presente em artigos, crônicas e poesias – em busca de reconhecimento entre o meio da produção intelectual.

Ao fundarem a Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”, esse grupo de homens, desejosos da existência de uma manifestação literária e cultural na cidade, mantiveram com o público, por meio de publicações em periódicos locais e por meio de discussões no interior da Sede, uma sociabilidade entre os indivíduos da região e um grupo social voltado ao exercício das belas-letas e ao exercício de práticas idealizadoras do progresso. Homens que se esforçaram para fazer parte da intelectualidade brasileira. Alguns, hoje, ainda são lembrados, outros ficaram no vazio, apagados pela história e pelo tempo.

Daqueles que nos foi permitido o acesso e o conhecimento sobre a vida e sobre a atividade que exerceram, esperamos poder registrar – e deixar como contribuição para a história literária do norte – os fatos e os acontecimentos que nortearam a sua participação social na formação da sociedade vigiense da época.

⁴⁷ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**: Leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.

1.3.1 Os sócios e fundadores da sociedade

Ao movimento cultural e social, na cidade de Vigia, somam-se os intelectuais da região, muitos dos quais fizeram parte da fundação e da constituição da Sociedade “Cinco de Agosto”. Como importante peça dessa pesquisa é que este trabalho se dispõe também a esboçar a história desses protagonistas, sem deixar de mencionar suas sucessivas transformações, satisfações e descontentamentos em relação ao período em que viveram e às atividades que exerceram, em sua maioria, ligadas à Instituição literária aqui tratada.

Entre os nomes que figuram na liderança do movimento para a fundação da Sociedade, destacam-se os de Francisco Ferreira de Vilhena Alves, Márcio Ribeiro, Lauriano Gil de Sousa, Manoel Felipe da Costa, Francisco de Moura Palha, Geroncio Alves de Melo, Abrahão Athayde, Francisco Quintino de Araújo Nunes e seu irmão Bertoldo Nunes, os padres Mâncio Caetano Ribeiro e Argentino Maria de Oliveira Pantoja, Manoel Evaristo Ferreira. Há ainda o nome de Domingos Antônio Raiol, figura ilustre na e para a cidade de Vigia⁴⁸, entre tantos outros que certamente não puderam ser lembrados, ficaram no vazio, apagados pela história e pelo tempo.

Entre aqueles que mais se destacaram no campo intelectual e pela produção de obras contributivas para a historiografia literária paraense, citamos o nome de Domingos Antônio Raiol, nascido em Vigia no dia 30 de Março de 1830. Político notável que transpôs o Império e fez-se respeitado na República, presidiu várias províncias brasileiras, entre elas as de Alagoas, Ceará e São Paulo. Em 03 de Março de 1883, alcançou o título de Barão de Guajará, sendo renomado, no entanto, pela composição e publicação de suas obras históricas. Ricardo Borges nos apresenta todo um apanhado histórico dessas obras, entre as quais inclui: *Análise à obra de Felipe Patroni; História Colonial do Pará, O Brasil Político e Motins Políticos*⁴⁹. Esta última revela-se um inigualável histórico sobre os fatos ocorridos durante a revolta da cabanagem, nos anos de 1836 a 1840. Considerada como o mais antigo e mais detalhado documento historiográfico sobre a revolta, *Motins Políticos* rompeu com a

⁴⁸ Destacamos esta informação pelo fato de ser Antônio Raiol figura importante nos contextos político e social do cenário paraense. Conterrâneo de Vigia, seu nome é evocado, ainda hoje, na cidade, como ilustre e importante cidadão vigiense. Destacaremos, em notas posteriores, sua atuação e importância no cenário político local, sem que isso implique, necessariamente, sua real participação na fundação da SLBCA.

⁴⁹ BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*. 2. ed. Belém: CEJUP, 1986.

incipiente produção regional ao mesmo tempo em que se instituiu como marco na historiografia paraense. A revista nº XIV do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico do Pará) revela que

No mês de Maio de 1865 saía da tipografia do Imperial Instituto Artístico, do Rio de Janeiro, estabelecida no largo de São Francisco, nº 16, o primeiro volume dos “Motins Políticos”. Era a estréia auspiciosa de Domingos Antônio Raiol, no campo vasto das letras históricas.⁵⁰

A obra foi composta por 05 (volumes). Três anos depois do primeiro tomo, veio à luz o 2º volume, editado em São Luís do Maranhão no ano de 1868. Pela tipografia Hamburgueza do Lobão, foi lançado em 1883 o 3º volume de *Motins Políticos*. No ano de 1884, saiu o 4º tomo, sendo editado pela mesma tipografia. Já o 5º e último tomo da obra foi impresso na livraria de “Tavares Cardoso e Cia”, em 1890.⁵¹

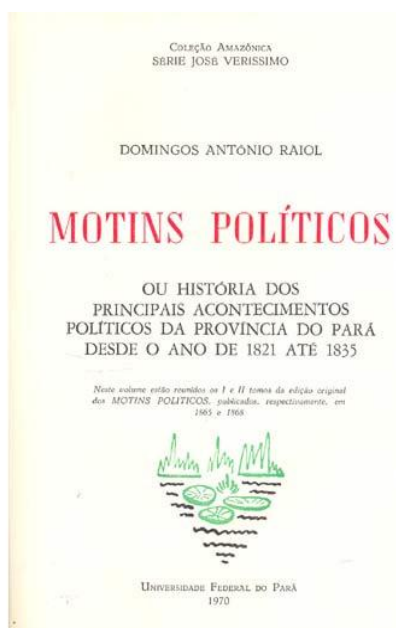


Figura 07 - Folha de rosto da obra “Motins Políticos” de Domingos Antônio Raiol.

Além de suas publicações, encontramos no estatuto do IHGP (artigo 4º, §1º), entre os nomes dos sócios fundadores, o de Domingos Antônio Raiol, patrono da cadeira nº 13 (treze), a qual foi ocupada pelo sócio efetivo Ernesto Horácio da Cruz⁵². Foi ainda membro das Academias Paraense e Brasileira de Letras.

⁵⁰ Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, volume XIV, 1966-1967. p. 134.

⁵¹ *Idem, Ibidem*, p. 135-136.

⁵² *Idem, ibidem*, p. 9-129.

A pesquisa sobre a vida do Barão de Guajará revelou que ele era um homem que, constantemente, estava envolvido em associações, salões ou eventos nos quais figuravam discussões políticas e intelectuais. Sua movimentação social e intelectual rendeu-lhe um grande prestígio, tanto na cidade de Belém como nas regiões vizinhas, fazendo com que seu nome figurasse em muitas das atividades ligadas ao campo literário, social e/ou político.

Quanto a sua relação com a Sociedade Literária “Cinco de Agosto”, resta-nos as poucas informações nos documentos, nos quais não foi comprovado que o historiador e político tivesse feito parte da fundação da Sociedade. Constatou-se, com exatidão, que Antônio Raiol, juntamente com um grupo de patriotas, em Belém, fundou, em 07 de setembro de 1897, a Sociedade 15 de Agosto, da qual o próprio Raiol foi presidente⁵³. Esse fato não esgota, entretanto, a possibilidade de sua participação na SLBCA, uma vez que era ele um homem engajado com os acontecimentos de seu tempo, com as leituras que faziam parte do instante social e político do país, e inserido nas relações intelectuais entre os membros da elite paraense. É possível, portanto, que tenha se relacionado com a movimentação que ocasionou a instalação e abertura da Instituição na cidade de Vigia.

Domingos Antônio Raiol era conterrâneo da cidade. Tal fato, assim como as demais suposições, não nos autoriza a proclamá-lo membro fundador ou sócio efetivo da SLBCA, haja vista a ausência de informações específicas sobre o assunto. O desaparecimento de documentos relacionados à movimentação literária na Sociedade do período oitocentista é outro episódio que não nos impulsionou à autenticação de uma resposta positiva ou negativa quanto à sua participação na fundação da “Cinco de Agosto”. Seu nome e sua história constam, neste trabalho, pela valorização e prestígio que a cidade de Vigia e as demais diretorias da Sociedade, ao longo do tempo, prestaram-lhe, ligando, sempre, seu nome à SLBCA.

Outro importante nome que surgiu entre os idealizadores da Sociedade foi o de Francisco Ferreira de Vilhena Alves. Ele que se destacou, ao longo do tempo, na província paraense, por suas atuações ligadas aos ideais do oitocentismo, relacionadas também com a Sociedade “Cinco de Agosto”, da qual foi o 2º secretário no ano de

⁵³ Cf. **A sociedade 15 de Agosto**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, volume XIV, 1966-1967, p. 125-126.

1876, além de redator do jornal *O Orvalho*⁵⁴. A produção de poesias também não passou despercebida para Vilhena Alves. Foi ele, contudo, reconhecido dentro e fora da província por sua atuação na área educacional. Foi professor dedicado e respeitado na cidade de Vigia e contribuiu com estudos voltados para a área educacional. Em uma pesquisa sobre circulação de ideias, de discursos e de modelos educativos no período oitocentista, a professora Marinilce Coelho reporta-se à importância de Vilhena Alves para a historiografia literária paraense:

E para chegar mais próximo dos ideais republicanos de uma escola para todos, o professor paraense Francisco Ferreira de Vilhena Alves (1847-1912), autor de diversos livros escolares, organizou o livro de leitura *Selecta Litteraria* (1900), editado e publicado por R.L. Bittencourt, editor local, voltado para o mercado editorial de livros escolares que se ampliava, naquele momento, no Pará e no Brasil.⁵⁵

A *Selecta Literária* de Vilhena Alves foi constituída essencialmente por textos de autores nacionais, que deixaram de lado a coletânea de textos de literatura portuguesa presente nos livros escolares. Foi editada e publicada por R.L. Bittencourt, importante livraria para o mercado editorial paraense durante o século XIX. O professor ainda escreveu e organizou diversos outros livros didáticos, assim como escreveu poesias que compuseram seu livro de versos, intitulado “Monódias”. José Eustachio de Azevedo, em seu livro *Anthologia Amazônica – poetas Paraenses*⁵⁶, lamentou-se pela não colaboração de Vilhena Alves, que não enviou dados para a escrita da Anthologia. O ressentimento, contudo, não o inibiu de publicar algumas poesias, como, por exemplo, “Monódias”, enviada pelo amigo Bertoldo Nunes. A poesia “Nenia de Tupinambá” trazia em seus versos a exaltação ao índio, caracterizando ainda o primeiro momento do Romantismo brasileiro:

Eis alli sem vida e alento
Guerreiro tupinambá!

⁵⁴ “O Orvalho”, segundo os estudos de Igo Soeiro, aluno do programa de pós-graduação, do curso de História, na Universidade Federal do Pará, e membro da atual diretoria da Sociedade Literária Cinco de Agosto, era um jornal que servia de instrumento de divulgação das notícias da igreja católica. A pesquisa de Igo Soeiro concentra-se, ainda, em artigos oferecidos às disciplinas do curso bem como em dados para sua dissertação de mestrado. Seus estudos visam à pesquisa histórica e política da Sociedade “Cinco de Agosto”.

⁵⁵ COELHO, Marinilce Oliveira. **Alunos do primário, leitores da Selecta Literária**. Disponível em: <http://web.letras.up.pt/7clbheporto/trabalhos_finais/eixo1/IA291.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2010.

⁵⁶ AZEVEDO, José Eustachio de. *Anthologia Amazônica (poetas paraenses)*. Belém: Typografia da casa editora Pinto Barbosa, 1904.

De fama e glória sedento
 Não pulsa seu peito já.

Com bravura desmedida,
 Fogo dos olhos lançando
 Se atira em longa corrida,
 Ao exército nefando!⁵⁷

Vilhena Alves também foi membro da Academia Paraense de Letras bem como do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

Raymundo Bertoldo Nunes é outro nome que figura entre os sócios fundadores da Sociedade. Professor respeitado, na cidade de Vigia, escrevia artigos para jornais locais, tais como *O Espelho*, e contribuía para periódicos de outras cidades. Em reuniões sociais, sempre era o orador representante da Sociedade Cinco de Agosto, assim como 1º secretário desta agremiação. Muitos outros nomes constituíram a lista dos envolvidos no ideal de progresso e de civilização do século XIX. Entretanto, foi impossível ter, aqui, neste trabalho, citações e evidências sobre suas vidas, haja vista o apagamento da memória e da escrita em documentos, seja pelo tempo, seja pela falta de manutenção.

Para nos referirmos a algumas e pequenas informações sobre a ocupação e a vida de outros sócios, recorreremos às informações já recuperadas de Igo Soeiro:

Os membros da Cinco de Agosto (1871-1882)

Nome	Algumas informações sobre o sócio
Adrião de Sousa Batalha	Nada encontrado até o momento.
Affonso Barbosa da Cunha Moreira	Nada encontrado até o momento.
Antonio Joaquim de Miranda Gomes	Membro da comissão de socorros para ajudar os flagelados da seca do Nordeste.
Carlos Mariano das Neves	Era sapateiro e possuía uma oficina denominada de “A botina do Progresso”. O anúncio dessa loja aparece no <i>Liberal da Vigia</i> , nº 44, de 26/04/1877.

⁵⁷ *Idem, Ibidem*, p. 44.

Casemiro José Ferreira	Foi presidente do Senado da Câmara da cidade e assinava o balanço das receitas e despesas dessa instituição nos anos de 1879-1880. Compôs a mesa diretora da entidade como 2º Secretário em 1878.
Felix Jozé de Carvalho	Integrou a mesa diretora como tesoureiro no ano 1877.
Francisco de Araújo Nunes	Primeiro Presidente da instituição e nome mais influente até seu falecimento em 1883. Atuou como professor público efetivo por 20 anos conforme portaria de jubilação de junho de 1882.
Genuíno Manoel Seabra Nunes	Era diretor do Café Social, espécie de estabelecimento comercial na cidade de Vigia, e membro efetivo da “Cinco de Agosto”.
Geraldo Ferreira Bentes	Foi presidente da Câmara Municipal da cidade de Vigia em 1870, ou seja, estava ligado à política.
Hilário do Espírito Santo Palheta	Em 1877 aparece como tesoureiro da entidade. Era casado com d. Maria Luiza de Carvalho, filha do distinto coronel Carvalho.
Honorio dos Santos de Vilhena	Foi 2º secretário da instituição em 1873. Possuía uma oficina de Alfaiate na Rua da Boa Vista, onde se fazia “palitot, colletes, calças brancas”. Aparece também tendo uma pancadaria, espécie de banda musical.
Januario Napoleão Nunes de Moraes	Nada encontrado até o momento.
João Francisco da Rocha Pires	Nada encontrado até o momento.
João José Felipe	Era alfaiate e possuía uma oficina.
João Marquez d’ Oliveira	Nada encontrado até o momento.
Joaquim d’ Almeida Catanho Sobrinho	Era ligado ao partido conservador e aparece como 2º secretário da Cinco de Agosto em 1877. Fez parte da comissão que organizou a subscrição para os flagelados da seca do Nordeste.
José de Santiago Monteiro	Foi procurador da instituição em 1873.
José Luciano do Carmo Barriga	Nada encontrado até o momento.
Livio Torquato Pinheiro	Nada encontrado até o momento.

Manoel Felipe da Costa	Era comerciante e tinha um estabelecimento comercial de secos e molhados, onde vendia: tecido, miudezas, perfumaria, ferragens e louças. Seu estabelecimento localizava-se na Rua de Nazareth, esquina com a travessa do Carmo.
Manoel Macário Alves	Nada encontrado até o momento.
Manoel Roque Pinheiro	Foi procurador interino da instituição em 1877. No periódico O Espelho, em sua primeira edição, consta uma poesia sua, ou seja, era um homem de letras.
Manoel Theodoro de Souza Gomes	Compunha a Câmara Municipal da Vigia entre os anos de 1879-1880.
Nicacio Antonio da Silva Esteves	Foi promotor dos Resíduos e Capellas e curador Geral.
Raymundo Nunes da Costa	Foi 2º secretário interino da Cinco de Agosto no ano de 1877. Aparece também nos documentos como escrivão do cartório público da cidade em 1877.
Severiano Bezerra de Albuquerque,	Foi 1º secretário no ano 1873. Foi professor efetivo por 20 anos conforme portaria de jubilação de junho de 1882. Junto com Francisco Quintino era professor no externato da Cinco de Agosto.

Tabela 01 – Relação de membros da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”⁵⁸
Composição: Igo Soeiro

Tem sua parcela de razão Roger Chartier, ao afirmar que “nem todos os escritos foram destinados a se tornar arquivos cuja proteção os defenderia da imprevisibilidade da história”⁵⁹. A escrita da história desses homens foi apagada, eliminada pela rigorosidade do tempo, pois não resistiu à falta de cuidado de mãos que a manejavam. Do que restou e do que se pôde encontrar, reforça-se o sentido intrínseco à história desses homens em uma tentativa de mantê-la viva na memória e no tempo, uma vez que foram eles responsáveis diretos pela abertura da Instituição que ajudaria a formar, na cidade, uma comunidade ligada à leitura, à produção e aos acontecimentos que fizeram

⁵⁸ Dados fornecidos por Igo Soeiro.

⁵⁹ CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007. p. 9-10.

da “Cinco de Agosto” uma das responsáveis pela promoção e aumento de um público-leitor na região de Vigia.

1.3.2 criação, instalação e fundação

Como uma preferência, em vários – ou em todos – os ramos do saber no período oitocentista, as reuniões que sustentavam o “espírito intrépido” dos intelectuais da época também faziam parte de um processo intervencionista, nomeadamente nos domínios da criação de sociedades culturais, recreativas e beneficentes. Nelas, os homens ligados às belas-letas, dialogando com seu tempo, reuniam-se com vários intuitos. Segundo Ubiratan Machado, esses audaciosos homens

Adoravam reunir-se em grêmios, sociedades artísticas e secretas, associações lítero-sociais, onde pudessem conviver com seus pares e admiradores, discursar, recitar poemas, debater teses, muitas vezes mirabolantes, fofocar, conspirar contra as instituições.⁶⁰

À medida que se intensificava o gosto pela vida social e cultural, aumentava também o número de associações. Algumas notadamente literárias, como as estudantis, por exemplo⁶¹.

Com uma vida social e intelectual em expansão, Vigia contou com a fundação em 1871 da SLBCA. O professor Francisco Quintino de Araújo Nunes foi o primeiro presidente da sociedade e, em conjunto com os demais idealizadores, preparava debates e reuniões, promovia saraus literários e buscava o estímulo às belas-letas na cidade. Sua casa, por um longo tempo, abrigou a Instituição, já que a mesma não dispunha de sede própria. A instalação efetiva em local próprio só aconteceu na segunda década do ano de 1900 (espaço onde ainda hoje funciona a SLBCA). No período que antecede à instalação, a sociedade migrava de sede sempre que um novo presidente era eleito.

A falta de um lugar próprio não impediu que a agremiação tomasse decisões, em suas reuniões, quanto à atuação em esferas variadas, como, por exemplo, o campo social, no qual a agremiação trabalhou também em prol daqueles menos favorecidos

⁶⁰ MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010 p. 323.

⁶¹ Sobre a diferença entre as sociedades caracteristicamente tomadas pela literatura e aquelas mais ligadas às reuniões convencionais, cf. MACHADO, Ubiratan. *Sociedades Literárias*. *Op. Cit.* p. 323-340.

economicamente priorizando, portanto, mais um dos lemas do pensamento da *Belle-Époque*: a missão civilizadora, que incluía, entre outros fins, o bem-estar da cidade, a estética e a saúde pública. Todo esse conjunto fez parte de um “código de posturas” capaz de levar a cidade aos moldes de civilidade. Dessa maneira, a Sociedade propôs-se a vestir os “maus vestidos”, a financiar despesas fúnebres e a destinar recursos às famílias em caso de doença. Conforme seu estatuto, a Instituição era “a reunião de um illimitado numero de pessoas com o fim de desenvolver a instrucção e praticar a beneficência.”⁶²

Geralmente aos finais das reuniões entre os sócios da Sociedade, ou mesmo ao final de comemorações sociais na cidade, como a inauguração de um cais ou de um barco novo, a promoção de um baile dançante era peculiar para que, assim, fossem arrecadados donativos para a população de menor renda. As esposas dos sócios ou aquelas mulheres que participavam ativamente da vida religiosa se encarregavam de oferecer contribuição, como, por exemplo, acessórios para casa, tais quais panos de crochê, roupas e sapatos usados para serem vendidos. O exemplo abaixo é elucidativo quanto à questão dos donativos:

Em ultimo lugar orou o illustre Sr. Bertoldo Nunes, 1º secr.º da *Cinco de agosto*, que fez um bem elaborado improviso, requerendo finalmente que, em observância dos Estatutos, se despendesse a quantia de 10:000 réis em esmolas aos mais necessitados desta cidade, o que foi unanimemente approved.⁶³

Contando com a colaboração econômica dos membros e sócios, bem como com o auxilio da comunidade, a “Cinco de Agosto” movimentou o espaço social e jornalístico da cidade de Vigia. O periódico *O Espelho*, principal fonte da nossa pesquisa, foi um dos jornais que manteve com a Sociedade uma relação de interesses, à medida que os sócios da Sociedade contribuía com artigos e críticas para o periódico, o mesmo se encarregava de divulgar os trabalhos e os anúncios da agremiação.

⁶² Estatuto da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”. Capítulo 1, Art. 01.

⁶³ Fonte: Jornal **O Espelho**, nº 06, 06 de outubro de 1878, p. 02.

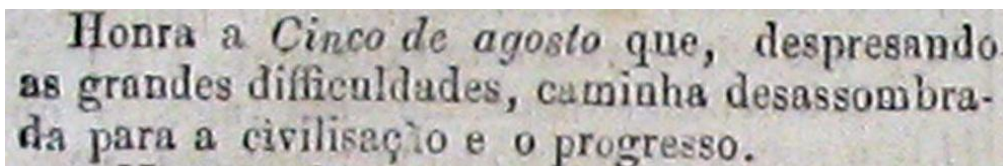


Figura 08 – excerto retirado do jornal “O Espelho” exaltando a sociedade “Cinco de Agosto”.⁶⁴

O escritor paraense José Ildone cita, ainda, em um de seus livros, outros jornais que positivamente comentaram sobre a Sociedade: “O vigilante”, “O liberal da Vigia”, “O orvalho” etc. Nossa pesquisa que está aquém dos estudos nesses jornais, não se esquivava, entretanto, de citá-los.⁶⁵

Para a SLBCA, o principal veículo de transformação social seria a educação. Para tanto, a cidade contava com um delegado literário que se encarregava de marcar os exames das escolas públicas e de observar os acontecimentos ligados ao campo educacional.⁶⁶ Era a Sociedade alavancando o campo educacional naquela cidade. Com esta atitude, a instituição promovia a difusão da leitura, ao mesmo tempo em que entreteinha seus leitores, fosse pelas chamadas nos jornais para as peças teatrais, fosse pelos concursos de poesia e de conhecimento que a Sociedade promovia. Desta forma, a Sociedade se valia do suporte jornalístico como um evento comunicacional e informacional, uma vez que nele eram postados qualquer informativo relacionado à Sede. É possível dizermos, por outro lado, que os eventos para entretenimento permitiam que os leitores trocassem ideias sobre os acontecimentos sociais da cidade, sobre a leitura que se fazia de determinado artigo no jornal, de determinado livro ou simplesmente sobre o evento teatral realizado para a cidade de Vigia. De uma maneira ou de outra, as ações estavam ligadas ao ato de ler. Não podemos esquecer, que, dessa prática de leitura nos jornais, surgia, ainda, a leitura oralizada e a comentada, uma vez

⁶⁴ “Honra a sociedade Cinco de Agosto que, despresando as grandes dificuldades caminha desassomburada para a civilização e o progresso”. *Idem, Ibidem.*

⁶⁵ Estes periódicos serão mais bem apresentados no capítulo 3 deste trabalho.

⁶⁶ A constituição de 1824 passou a defender os direitos dos cidadãos brasileiros, incluindo a educação básica elementar. A partir das legislações da constituição, ao longo do século XIX, a preocupação com a instrução pública foi um dos principais elementos a ser executado, quer fosse pelo estado, quer fosse pela elite política local de cada província. A lei nº 13 de 1835 estabeleceu o cargo de delegado literário. Sendo de nomeação dos presidentes da província, o cargo era de inteira confiança. Sobre a criação do cargo de delegado literário, cf. VEIGA, Cynthia G.; VIANA, Fabiana da Silva; MACHADO, Cláudia M. J. Peixoto. In: **Delegados Literários da Instrução Pública**: A construção de um novo ator social a partir da lei nº 13 de 1835. V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes. Anais CONIFES, agosto/2001. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu1705.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2011. Para informações sobre a constituição de 1824, cf. **Constituição política do Império do Brasil** – carta de lei de 25 de março de 1824. Disponível em: <<http://www.monarquia.org.br/NOVO/Pdf/CONSTITUICAODOIMPERIO.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2011.

que a notícia publicada se propagava de pessoa a pessoa, por meio da oralização e dos comentários a respeito do que se era lido.

2. DA CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE “CINCO DE AGOSTO”

Ler também é uma forma de estar lá.

José Saramago

Uma volta no tempo! Uma digressão, não por acaso, sem ponto de partida, tampouco de chegada! Não vivemos aquele tempo. Não estivemos lá. Mas recuperamos informações por meio de indícios, coletados nos relatos de moradores e estudiosos da cidade de Vigia, como José Ildone, Igo Soeiro e Raul Lobo – já citados anteriormente –, assim como fizemos uso do acervo documental possível, fragmentado e interrompido de estatutos, atas, inventários e ofícios, capazes – ainda que de maneira dispersa e descontínua – de nos permitir a apreensão da constituição e do funcionamento da Sociedade “Cinco de Agosto”. Assim, podemos dizer tal qual Saramago, na epígrafe acima citada, que estivemos lá – ainda que de maneira metafórica – e compreendemos, dentro das possibilidades estabelecidas, seu espaço, seu funcionamento e suas diretrizes. Refizemos o caminho e buscamos a construção dessa história.

Nesse constructo, compreendemos que entre bailes, discussões, jornais e debates, a SLBCA seguia com o objetivo para o qual se dispôs a funcionar: o desenvolvimento da instrução e a prática da beneficência. Do registro oral, pudemos constatar que a Sede funcionou em suas práticas por quase 10 anos antes da oficialização de seu estatuto. É provável que, em 1873, já houvesse um regulamento sobre o qual as decisões da Sociedade eram tomadas. Este, no entanto, só foi oficializado em 1882, quase 10 anos após a fundação da Sede.⁶⁷ A longevidade na regulamentação, entretanto, não esquivou os membros fundadores e sócios da “Cinco de Agosto” de cumprirem seus objetivos. Homens com propósitos políticos que encontraram na Sociedade momento e cenário propícios à divulgação de suas ideias e à ascensão social. Estes protagonistas tiveram, entre outros objetivos, uma atitude de caráter proposital favorável às satisfações pessoais. Igo Soeiro acredita que, mesmo com

⁶⁷ **Actos do governo da Província do Gram-Pará.** Tomo XLVI, ano de 1882, parte 2ª. Portaria de 21 de março de 1882.

objetivos comuns quanto ao incremento da educação e do social, os membros, com o passar do tempo, creditaram sua participação na Sociedade também por fins políticos, por posicionamento nas relações de poder no município⁶⁸, como, por exemplo: “A questão de contatos sociais da Cinco com o presidente da província. Isso trazia benefícios aos sócios, como emprego, cargos públicos em Vigia, que eram nomeados pelo presidente da província.”⁶⁹

Assim sendo, há de se considerar, relativamente, a intenção política e ideológica de alguns membros que – ou participando apenas do processo de fundação da Sociedade ou sendo dela participantes como sócios efetivos – buscavam elevação social. A verdade é que esse fato não negativou os princípios primeiros da Sociedade, que se manteve a serviço da expressão de seus criadores e de seus ideais.

Para mantê-los, os membros e simpatizantes da SLBCA utilizavam diversas estratégias para a propagação de suas ideias. Faziam uso, por exemplo, do jornal como veiculador de sentimentos e de opiniões que lhes eram pertinentes e, por conseguinte, escreviam artigos, crônicas e poesias.

Certamente, a Instituição serviu de local para abrigar as aspirações de um grupo de homens que desejavam a existência de uma manifestação literária e cultural na cidade e que mantinham com o público, por meio da escrita em periódicos locais e de discussões no interior da sede, uma sociabilidade entre os indivíduos da região e o grupo social restrito que formava o corpo da sociedade: seus sócios, correspondentes, redatores de jornais, entre outros membros que assumiam outras funções.

Fato curioso se mostrou a nós no momento em que lançamos mão do recurso da entrevista oral como suporte para coleta de dados. Até este momento, considerávamos apenas aqueles homens ligados ao exercício das letras como constituintes do grupo de sócios da Instituição. A entrevista⁷⁰, todavia, deixou claro que, contrário a este pensamento, os comerciantes da cidade, que não participavam do mundo intelectual, também faziam parte da constituição da “Cinco de Agosto”. Eram homens que não detinham o conhecimento necessário ao exercício das belas-letas, mas que podiam,

⁶⁸ Esses dados foram obtidos em entrevista de Igo Soeiro, sobre a Sociedade Cinco de Agosto, em 11 de junho de 2011. A entrevista completa pode ser conferida ao final deste trabalho por meio da gravação em CD, anexado ao trabalho.

⁶⁹ Excerto retirado da entrevista com Igo Soeiro, membro da atual Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”.

⁷⁰ *Idem, Ibidem.*

contudo, contribuir com o suporte financeiro e que, além disso, auxiliavam em campanhas políticas. Eram os comerciantes da cidade.

É possível que estes homens tenham se associado em busca de prestígio social, ou, ainda, que os membros mais antigos, em um interesse político e financeiro, requeressem para a Instituição a inserção desses comerciantes, uma vez que as Sociedades da época não dispunham de uma feliz situação econômica, e os membros efetivos tinham a obrigação de pagar a joia⁷¹, de entrada, no valor de 2\$ (dois réis) e mais mensalidades no valor de 500 réis, assim como as contribuições que deveriam fazer à sociedade, sempre que requisitados.⁷² Este dever, para algumas pessoas, era uma obrigatoriedade na qual o “pagamento de joias e anuidades (...) afastava muitos dos seus sócios potenciais.”⁷³

Para compor o quadro dos sócios, eram aceitos os membros correspondentes que precisavam requerer a admissão e terem a aceitação dos demais membros para inserção no grupo. Aliás, cabia à Sociedade julgar os interessados no cargo, como dignos a tal posicionamento. A “dignidade” e o “merecimento”, nesse caso, iam desde o desempenho intelectual, que podia delegar o papel de membro honorário, até a situação econômica favorável a suprir as necessidades de recursos financeiros.

Da composição do quadro dos associados e considerados “aptos” a participarem da vida social da Instituição, compartilhavam, também, aqueles de menor idade, recém-ingressos no exercício intelectual. Igo Soeiro nos revelou ainda, durante a entrevista, que de seus estudos foi possível descobrir que alguns membros da Sociedade eram ainda alunos do externato. Ato legal regido pelo estatuto da Instituição. No artigo 6º, parágrafo 2º, que trata das obrigações e dos direitos dos sócios, encontramos o seguinte regimento: “Para sócios honorários poderão ser aceitas pessoas menores de 18 anos”⁷⁴.

Podemos estranhar o fato de jovens com apenas 18 anos ingressarem na Sociedade, entretanto este fato se deve – entre outros, acordados no estatuto – ao interesse dessa agremiação em impulsionar a educação entre os jovens da sociedade,

⁷¹ A “joia” é o primeiro pagamento que se efetua para a inserção, como sócio, nas Instituições associativas.

⁷² Cf. Estatuto da Sociedade, Cap. 2º, Art. 9º, Par. 1º.

⁷³ SCHAPOCHINCK, Nelson. **Os Jardins das delícias**: Gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial. 1999. 181 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁷⁴ Estatuto da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”. **Actos do governo da província do Gram-Pará**. Tomo XLVI. 1882, parte 2ª. Portaria de 21 de março de 1882. Capítulo I, artigo 6º, parágrafo 2º. Disponível no acervo da Sociedade.

O estatuto pode ainda ser conferido na página de número 111 nos anexos deste trabalho.

uma vez que, em qualquer Instituição de ordem educativa e intelectual, os sócios honorários são agraciados com o título por notável desempenho intelectual e, geralmente, são isentos do pagamento das mensalidades.

Qualquer que fosse a relação que envolvia esses homens, ou a intenção que os estimulava ao trabalho na Sociedade, não se pode negar a verdade de que eles trabalharam em prol do objetivo comum de propalar as letras e impelir a educação.

Conforme já exposto, apesar do forte envolvimento com a instrução, esta não foi, todavia, a especificidade da Instituição que, mantendo preocupação semelhante com as ações de cunho religioso e social, propôs-se à tentativa de influir no quadro social da cidade.

2.1 DAS AÇÕES SOCIAIS

Entre as inúmeras atribuições para qual se propunha, a agremiação atuava no âmbito de trabalhos em prol daqueles menos favorecidos economicamente. As ações beneficentes estavam regulamentadas pelo estatuto que alertava:

A Sociedade socorrerá nas ocasiões de suas necessidades e de acordo com suas circunstâncias aos sócios que a ella recorrerem por si ou por intermédio de algum outro sócio podendo e também estender os seus benefícios a pessoas estranhas, assim como dispensará o sócio as suas respectivas contribuições, durante os mezes que eles permanecerem doentes.⁷⁵

Para fortalecer o espirito beneficente e cumprir o acordado no estatuto, os membros da Sociedade, sempre que havia *quórum*, reuniam-se em casa de algum membro para discutirem sobre problemas sociais da cidade para os quais a agremiação pudesse, por meio de leilões ou qualquer outro tipo de arrecadação material ou monetária, contribuir para solucionar ou amenizar o problema. Sobre o assunto, José Ildone explicita que,

Ainda, em 1878, no dia 01 de Outubro, em comemoração ao aniversário do sétimo ano de fundação da “Cinco de Agosto”, os membros da Sociedade se reuniram na casa do presidente Araújo Nunes e decidiram que despenderiam

⁷⁵ Estatuto da Sociedade “Cinco de Agosto”. Cap. 2º, artigo 17.

a quantia de dez mil réis para serem doados como esmola aos mais necessitados da cidade.⁷⁶

Em algumas ocasiões, a sociedade também contribuía com despesas fúnebres quando a família do falecido não podia arcar com os ritos e materiais necessários ao sepultamento. Ademais, oferecia remédios, auxiliava em atendimentos de saúde, entre outras ações que favoreciam a sociedade local. Esses atendimentos eram prestados aos necessitados sempre que coubesse dentro dos recursos disponíveis pela Instituição.

A assistência prestada ia, ainda, além das fronteiras vigienses. Em documentos oficiais, constatamos que havia uma mobilização da Sociedade em prol da miséria que assolava outras regiões, em decorrência da seca. Em carta enviada ao então presidente da província paraense (João Capistrano Bandeira Melo Filho), o presidente da Sociedade, Francisco Quintino de Araújo Nunes, manifestou seus votos de estima e pesar pela seca que castigava as províncias do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba e, comunicou que a Instituição, em um ato benevolente, mobilizara sua “comissão de socorros” para arrecadar fundos que pudessem ser destinados às vítimas da seca. A arrecadação se deu por meio de contribuições dos moradores de Vigia, bem como por uma quantia doada pelo Juiz Municipal:

Chegando ao conhecimento da Sociedade religiosa e beneficente “Cinco de Agosto” a desagradavel noticia da triste situação em que se acham os nossos infelizes compatriotas do Ceara, Rio Grande do Norte e Parahyba, era impossível que ella deixasse a occasião para exercer um dos principaes fins – a caridade –; por isso em sessão de 10 do corrente, resolveu encarregar a sua Comissão de socorros – de promover uma subscrição em favor d’aquellas pobres victimas do terrivel flagello da secca assignando logo ella mesma uma quantia compativel com as suas circumstancia. Tendo-se lhe associado, de accordo com a sociedade o Illustrissimo Snrº Dr. Juiz Municipal, passou immediatamente a Commisão o desempenhar-se do seu nobilissimo encargo, havendo já remetido á mesma sociedade a quantia de trezentos e sessenta e cinco mil reis (365\$) que ella por sua vez envia a V.Exª, pelo snrº Antonio Joaquim de Miranda Gama, um dos membros da supradita commissão, a fim de dar-lhe o conveniente destino.⁷⁷

Imbuídos do desejo de solidariedade, o nome da “Cinco de Agosto” e de seus membros juntaram-se aos de outras Sociedades e aos de outras pessoas que não faziam parte do grupo intelectual ligado às Agremiações, mas que foram tomadas pelas ações

⁷⁶ ALMEIDA, Wilkler; ILDONE, José. **Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”**: Levantamento histórico. Vigia de Nazaré, 2008. p. 16.

⁷⁷ Ofício enviado ao senhor presidente da província paraense em 25 de Junho de 1877. **Fundo da Secretaria da Presidência da Província**. Série ofícios, caixa 312 (1870 – 1879) – ofícios de diversas sociedades. Anexo na página 125.

de cunho humanitário da SLBCA. Em documento que transcreve o nome dos contribuintes, estão o da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”; da sociedade “Terpsichore vigiense”; da sociedade “Treze de Dezembro”, bem como os nomes dos sócios Bertoldo Nunes e Francisco Quintino de Araújo Nunes.⁷⁸

Em 06 de setembro de 1877, a “Cinco de Agosto” repetiu o mesmo procedimento e enviou novamente o montante de 100\$ (Cem mil réis) ao presidente da província para que fosse dado ao dinheiro o mesmo destino que o anterior. Neste momento, a comunidade de Colares, região vizinha à cidade de Vigia, também foi incluída a contribuir juntamente com a “Comissão de socorro”:

A Meza Directora da sociedade “Cinco de Agosto” tem a honra de remetter com este a V. Ex^a, a fim de dar-lhe o conveniente destino, a quantia de cem mil réis (100\$) que, ainda produxio a subscrição promovida pela Comissão de Socorros da mesma sociedade (...) da mencionada quantia, 53\$300 réis foi agenciada por uma Comissão de senhores pertencentes a supradita sociedade; 20\$000 réis foi enviada pela sociedade recreação Philo-Scenica; 11\$000 foi assignada por alguns habitantes desta cidade, 8\$600 foi remettida por vários habitantes da freguesia de collares, sendo finalmente o resto – 7\$100 – assignada de novo pela sociedade “Cinco de Agosto”.⁷⁹

O documento reforça a ideia da movimentação que havia, por parte da SLBCA, em somar esforços para incluir-se nas modificações sociais e culturais, não só da cidade, mas do país.

2.2 DA FUNÇÃO RELIGIOSA

Geralmente, as associações beneficentes, surgidas ao longo do século XIX, possuíam um caráter religioso, sem que isso, todavia, implicasse em admissões exclusivas de homens devotos ao sagrado para a composição de seus membros. A SLBCA, por exemplo, que apresentava em suas atividades um caráter voltado ao religioso, também tinha seu lado laico e, por essa razão, o termo: “Sociedade laica de religiosos”, bem apropriado para a agremiação, pois suas ações iam da promoção de

⁷⁸ Para visualizar a completa lista dos contribuintes, bem como a quantia destinada por cada um deles, acessar página número 133 dos anexos deste trabalho.

⁷⁹ Ofício enviado ao senhor presidente da província paraense em 06 de setembro de 1877. Anexo na página 126.

saraus, bailes dançantes e críticas ao clero local, ao apoio à Igreja por meio da disseminação e do fortalecimento da fé cristã, principalmente da católica.

A Sociedade não fazia, de acordo com seu estatuto, distinção entre crenças para a admissão de seus associados. É incontestável, no entanto, o fato de que, apesar de pautada em ideais do século, a Sociedade trabalhava o pensamento, a formação de uma mentalidade por meios e preceitos cristãos. Atuava amplamente nas organizações das missas e nas festividades do Círio de Nazaré, na cidade. Por volta de 1870, a Igreja Católica buscou retomar o controle de suas atividades religiosas, e uma das primeiras ações foi a retirada da organização do Círio das mãos da SLBCA. Contra essa atitude, manifestaram-se alguns redatores de jornais:

“Srs. Redactores. – por este districto andam algumas mulheres tirando esmolos com a coroa de N. S. de Nazareth, que o padre lhes confiou, a fim de se fazer o Cyrio da mesma Senhora com o producto dessas esmolos.

Eu não censuro esse facto; mas julgo que não havia necessidade de se tirar esmolos quando a honrada sociedade “Cinco de Agosto” se propunha a fazer o Cyrio todos os annos, como fez nos primeiros de sua instituição. É verdade que ao padre antes interessa que as esmolos lhe sejam entregues; porque elle faz as despezas á vontade e o resto dos cobres ... mette no ‘cofre’ !

E ninguem falle nestas cousas, se não é logo chamado de ímpio e rebelde...”⁸⁰

Da polêmica relatada é possível dizer que a Sociedade, além de auxiliar no campo social, conjugava pessoas de níveis sociais diferentes em torno de uma mesma devoção e, com isso, disseminava a educação moral e religiosa ao mesmo tempo em que tentava manter os bons costumes em diversos extratos sociais. Por meio da ação religiosa, a Instituição configurava-se como um espaço de caráter educativo.

Ao considerarmos o processo educativo desenvolvido também por meio da religião, ancoramo-nos em exemplos tais quais as publicações de cunho religioso no periódico *O Espelho*, escritas, muitas vezes, por membros da Sociedade. Manoel Roque Pinheiro, por exemplo, dava-se a escrever para o jornal artigos amplos, os quais, muitas vezes, dada a sua extensão, eram publicados em 02 (dois) dias. Estes, em sua maioria, de caráter religioso, enfatizavam a boa conduta de um cristão e procuravam formar

⁸⁰ Jornal “O Espelho”, n. 38, 29 de junho de 1879, p. 4.

opiniões por meio de argumentos que mostravam os benefícios da religião cristã e que fortaleciam a fé na Igreja Católica.⁸¹

2.3 DA FUNÇÃO EDUCACIONAL

Ao longo de sua atuação, a Cinco de Agosto trabalhou, sobretudo, com a parte educacional na cidade de Vigia. Além das aulas para os alunos residentes, foram criados uma escola primária e um externato. Considerado, dentro e fora da Região, como um dos maiores feitos da Sociedade, o externato iniciou suas atividades em 01 de outubro de 1877. Em ofício ao presidente da província, Snr. José Capistrano de Melo Filho, a Sociedade comunica, em 06 (seis) de outubro do mesmo ano, a abertura da escola com duas aulas a serem ministradas:

A mesma sociedade, pois, por intermedio da sua Meza directora, tem a honra de communicar a V. Ex^a que na noite do dia 1^o do corrente, abriu na sala de suas sessões, sob a Direcção e regencia dos professores publicos desta cidade Francisco Quintino d' Araujo Nunes e Severiano Bezerra d' Albuquerque que de bom grado se prestaram gratuitamente para leccionar uma aula de Grammatica portugueza e outra de Arithmetica para a mocidade que já não frequenta as escolas publicas; tendo as mesmas sido installadas com 11 alumnos e contando já hoje 16.⁸²

O mesmo ofício comunicava que, dentro de 03 (três) meses, em meados de janeiro do ano seguinte (1878), pretendia-se abrir as aulas de geografia, de francês e de outras matérias. A abertura das aulas de francês e de geografia, no entanto, foi antecipada para o mês de novembro do ano corrente (1877), segundo informava o ofício:

Segundo a comunicação feita a V.Ex^a em data de 6 de outubro passado, sómente em janeiro vindouro pretendia esta sociedade installar as aulas de Francez e Geographia do seu externato; havendo, porem os respectivos alumnos manifestado desejos de que ellas começassem a funcionar ainda neste anno, a mesma sociedade resolveu satisfazel-os, tendo tido lugar a

⁸¹ O artigo intitulado “A religião Christan” foi publicado em 15 de setembro de 1878, no periódico de nº 03 e foi concluído na edição seguinte do periódico de nº 4 em 22 de setembro de 1876. Este e alguns outros artigos, escritos no jornal, assemelharam-se à estrutura dos folhetins quando do não término do romance, alertava-se o leitor, ao final da escrita, com a expressão “continua”.

⁸² Ofício enviado ao senhor presidente da província paraense em 17 de Novembro de 1877. **Fundo da Secretaria da Presidência da Província**. Série ofícios, caixa 312 (1870-1879) – ofícios de diversas sociedades. Anexo na página 128.

instalação da primeira das mencionadas aulas no dia 18 do dito mez de outubro, visto ter-se prestado tambem para regel-a gratuitamente o senr.^o Candido Severo de Carvalho Nunes e a da segunda, somente hoje, por só ultimamente ter-se podido fazer aquisição de um globo geographico, passando ella a ser regido pelo professor Severiano Bezerra de Albuquerque.⁸³

A fragmentação de documentos relacionados ao externato não nos permitiu saber de sua situação ao longo do ano de 1880. Só verificamos novamente informações a respeito, por meio do jornal “O Espelho”, no final de 1878, quando de sua publicação em 01 de setembro do ano referido, lê-se o seguinte:

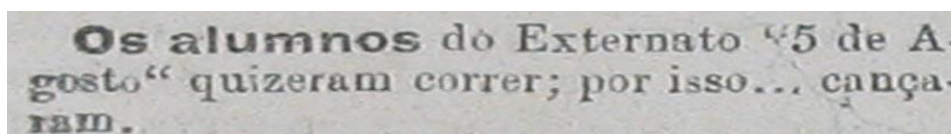


Figura 09: excerto retirado do jornal “O Espelho”: crítica à ausência de alunos no externato⁸⁴

A notícia divulga que, provavelmente, o externato não continuava com o mesmo entusiasmo de anos anteriores. A crítica deixa transparecer que as aulas, em seus primórdios, frequentadas regularmente, esvaziaram-se e já não há um interesse por parte dos jovens em frequentá-las, ainda que continuassem a ser ministradas gratuitamente.

Em dezembro de 1878, por ocasião das festas em comemoração aos exames finais das escolas – momento no qual os melhores alunos sempre eram premiados com livros pelos professores da “Cinco de Agosto” –, o jornal lança nova crítica à falta de entusiasmo para com as aulas do externato. Apesar de parabenizar os poucos alunos que as frequentavam, o periódico não deixa de se referir àqueles que deveriam perceber a importância dos estudos e compreender a “necessidade que tem de aproveitar os meios que gratuitamente se lhes offerece para estudar.”⁸⁵

No ano de 1879, o externato volta em seu funcionamento com uma nova aula: geometria. As aulas, mantidas pela SLBCA, eram ministradas, nesse novo ano, de segunda à sábado, de acordo com o seguinte calendário:

⁸³ Ofício enviado ao senhor presidente da província paraense em 17 de novembro de 1877. *Op. Cit.* Anexo na página 128.

⁸⁴ “os alumnos do externato “5 de agosto” quizeram correr; por isso... cansaram”. Fonte: jornal “O Espelho”, n. 01, 01 de setembro de 1878, p. 02.

⁸⁵ *Op. Cit.* n. 14, 08 de dezembro de 1878, p. 02.

Dias da semana	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
Aulas ministradas	Geometria	Português	Geografia	Aritmética	Francês	Geografia

Tabela 02: calendário das aulas do externato da SLBCA.⁸⁶
Composição: Joseane Sousa Araújo.

Aliado aos anúncios de reabertura do externato, estava o “desejo profético” dos redatores do jornal sobre o reconhecimento da cidade de Vigia, por meio da implementação da instrução. Para tanto, era claro nas páginas do periódico a aspiração de uma classe intelectualizada: “oxalá sejamos ouvidos e que um dia possamos contar com homens mais instruídos (...) e que vejamos nossa terra mais considerada e aumentada”⁸⁷. Todas as publicações acima expostas foram precisas para a apreensão de que a distância mantida entre o desejo de reconhecimento e de posteriores estudos históricos sobre a cidade, sobre a SLBCA e seus feitos não impediu a compreensão de que a Instituição se manteve a par dos princípios dos novos contextos de leitura, surgidos dentro do panorama oitocentista. No tocante a esse campo, envolto pela abertura de bibliotecas e associações, Valéria Augusti ressalta que:

a par das possíveis diferenças no que se refere ao público leitor, a maioria das bibliotecas ou associações literárias cuja documentação ainda hoje é acessível pretendeu ilustrar, acabar com a “indolência do espírito”, contribuir para o “progresso” e o ensino.⁸⁸

Dessa maneira, fortalecemos a ideia de que o externato, mantido pela SLBCA, foi criado mesmo com o propósito de contribuir para o ensino, de oferecer aulas gratuitas. Com a leitura de alguns ofícios, pudemos constatar a ligação que existia entre a Sociedade “Cinco de Agosto” e os professores da cidade. A escola contava também com a colaboração desses profissionais que se dispunham a oferecer as aulas gratuitamente. É possível que a Sociedade pagasse alguns professores para ministrar aulas, mas o que se apreende é que havia mesmo uma comunhão de interesses entre

⁸⁶ Fonte: “O espelho”, n. 18, 19 de janeiro de 1879, p. 02.

⁸⁷ *Op. Cit.* edição n. 17, 12 de janeiro de 1879, p. 03.

⁸⁸ AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta: “A Moreninha” e “Os Dois Amores”**, 1988, 225f. Dissertação (mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. São Paulo. p. 41. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/valeria.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

alguns homens, ligados ao exercício do magistério e às ações da Instituição e, assim, executou-se uma parte dos deveres estatutários da Sociedade: a reunião de um número de pessoas com fins, também, ao desenvolvimento da instrução. Para esse fim, o artigo 1º do capítulo 01 do estatuto da SLBCA previa ter:

O funcionamento de um externato com aulas gratuitas para os alumnos, conservar uma bibliotheca, promover a publicação d'um periódico em que se imprimam os seus trabalhos e os escriptos por meio dos quaes os seus membros se proponham a desenvolver a sua inteligência.⁸⁹

Da criação do estatuto à sua oficialização, supõe-se uma passagem de 10 anos aproximadamente. Da criação do externato, no ano de 1877 até 1882, oficialização do estatuto, realizou-se, em 05 (cinco) anos, um ideal, uma pretensão de contribuição ao desenvolvimento do país por meio do desenvolvimento educacional, ancorado nas atividades do externato da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”. Suas outras idealizações também revelaram os esforços empreendedores da sociabilidade formada pelos membros da Sociedade.

2.4 BIBLIOTECA [ROMANCES, DIDÁTICOS, POESIA, RELIGIOSOS] – LEITURA CERCEADA: O PECADO MORA NA PÁGINA SEGUINTE

As alterações sofridas no cenário vigiense, com as ações da “Cinco de Agosto”, desencadearam dentro do lema “desenvolvimento da instrução para o progresso do país” a criação de uma biblioteca. Tal ação enfatizava os novos hábitos educacionais e sociais que se desejava criar na cidade de Vigia.

O estatuto primeiro da Sociedade mencionava a criação de uma biblioteca como um meio capaz de cooperar com o desenvolvimento intelectual da cidade. Todos os indícios pesquisados concorrem para a certeza de que houve, de fato, uma biblioteca no início da segunda metade do século XIX, sem que os mesmos, no entanto, sejam capazes de nos fornecer dados detalhados, informações consistentes e em proporção quantitativa suficiente para o fornecimento de informações a respeito de seu funcionamento, de suas regras, de seus funcionários e de seus possíveis leitores.

⁸⁹ Cf. Estatuto da SLBCA, cap. 01, art. 02.

Não temos, desse período, sequer uma lista catalográfica capaz de nos dizer sobre a predominância dos gêneros existentes no acervo da biblioteca, durante sua primeira criação. E assim torna-se difícil a hipótese a respeito do que liam, e se liam, as pessoas da cidade de Vigia. Os poucos dados encontrados sobre esse espaço de socialização trazem informações fragmentadas, incapazes de nos autorizar à afirmação de determinadas respostas.

Sabemos, no entanto, que ela existiu para além da idealização posta nas páginas do estatuto da SLBCA. Não temos uma data exata do início de seu funcionamento. Supomos, entretanto, que, em 1876, a biblioteca já se encontrava em funcionamento.

Em correspondência oficial, datada de 28 de dezembro de 1876⁹⁰, surgiu a listagem que o presidente da província e também sócio da Sociedade havia enviado, em 28 de novembro, para a biblioteca: era uma remessa tímida composta por alguns números da “Revista Ilustração Brasileira”⁹¹, bem como números do “Diário de Pernambuco”. Esse periódico, aliás, foi sempre enviado à biblioteca pelo presidente José Capistrano Abreu. Ele, natural de Olinda, em Pernambuco, parece não ter descuidado das leituras de sua terra natal. Político envolto com as novidades do seu tempo, envolvia-se também com leituras surgidas em novos veículos de comunicação, como a “Revista Ilustração Brasileira”, por exemplo. A constatação das doações, feitas por Capistrano Abreu à biblioteca, nesse primeiro ano, nos permitiu a seguinte configuração:

Gênero	1876	Obras	Volumes
Diários	-Diários de Pernambuco (números não definidos)	01	Indefinidos
Revistas	-Revista ilustração brasileira (números não definidos)	-	-
Folhetos	Não definidos	-	-

⁹⁰ Ofício enviado ao senhor presidente da província paraense em 28 de dezembro de 1876 (agradecimento ao presidente da província pelo envio de material à biblioteca). *Op. Cit.* Anexo na página 129.

⁹¹ A “Revista Ilustração Brasileira” (1876-1878) foi dirigida por Henrique Fleuiss. O suporte empenhava-se em criar uma imagem do Brasil que correspondesse à concepção de “progresso e civilização” pelo qual o Brasil passava. A revista era repleta de xilogravuras de formato grande e tinha bastante divulgação entre a classe letrada do século XIX.

Total estimado			+ de 03
----------------	--	--	---------

Tabela 03: Relação de material doado para a biblioteca no ano de 1876

Composição: Joseane Sousa Araújo

Decorridos 08 (oito) meses, a partir do envio anterior de material, no mês de novembro, há um novo ofício em agradecimento pelo envio de novos títulos à biblioteca. Agora, além dos dois títulos da primeira remessa, há o envio de obras de interesse legislativo da província, como relatórios e trabalhos estatísticos (04 grossos volumes), a coleção da revista do Instituto Archeológico Pernambucano, o último relatório apresentado à província pelo referido presidente, a revista de educação e o ensino “Escola” (números de 1 a 23), alguns números do Diário Oficial do Império, números da revista de horticultura e alguns folhetos.

Embora a predominância das obras enviadas à biblioteca fosse, ainda, de caráter legislativo e documental da província, já se vislumbrava outros gêneros de leitura, como aquele ligado às ações cotidianas da família ou do homem do campo: a revista de horticultura.

José Capistrano Abreu foi um doador em potencial de obras para a composição do acervo da biblioteca. Em 09 de outubro de 1877, o corpo de diretores da SLBCA agradece, em correspondência oficial⁹², as novas doações. No corpo do ofício foram citados, além das obras anteriormente expostas, novos gêneros que agora incluíam um livro de poesias de Lima Barata.

Tenho a honra de scientificar a V. S^a que á esta sociedade tem sido entregues os Diarios de Pernambuco remettidos por V. Ex^a, o sr. dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho, actual presidente desta província, para a bibliotcca da mesma, e bem assim 4 volumes dos Relatorios e trabalhos estatisticos, organizados pela Directoria geral de estatisticas, e relativos áos annos de 1873 á 1877, o ultimo Relatorio por V. Ex^a apresentado á Assembléa legislativa provincial; 3 volumies das Informações dos agentes Diplomaticos e consulares do Imperio, a collecção da - Revista trimensal do Instituto Archeologico Pernambucano, com excepção apenas dos n^{os} 4,5,6 e 7 os n^{os} 1 á 23 da - Escola, revista de educação e ensino; Relatorio apresentado á Assembléa geral pelo ministro do Imperio, Conselheiro Costa Pinto, idem do ministro da agricultura, commercio e obras publicas, Thomaz Coelho, um volume do - Plantador de café, em Ceylão [?], as Miragens, poesias por Lima Barata, alguns n^{os} do Diario official do Imperio, outros da revista de

⁹² Ofício enviado ao senhor presidente da província paraense em 09 de outubro de 1877. *Op. Cit.* Anexo na página 131.

Horticultura; um exemplar da - Planta geral da estrada de ferro de Pedro II e diversos folhectos.⁹³

Lento e solitário parece ter sido o processo de formação da biblioteca. Não há registro de outros agentes envolvidos com o ato de doação, nem mesmo documentos que digam sobre outras formas de aquisição, durante esses 03 (três) anos. Em relação à doação feita pelo então presidente da província, prevaleceram os títulos em acordo com a especialidade por ele exercida. Político ligado aos assuntos do país, legou à SLBCA leituras relacionadas com o exercício de sua profissão. Para melhor visualização do conteúdo doado, configuramos um quadro que finaliza suas contribuições, entre os anos de seu governo na província paraense (1876 a 1878):

Gênero	1877	Obras	Volumes
Documentos legislativos provinciais	<ul style="list-style-type: none"> - Volumes das informações dos agentes diplomáticos e consulares do império (03 volumes) - Relatórios do ministro do império, conselheiro Costa Pinto, e do ministro da Agricultura, comércio e obras públicas, Thomaz Coelho. (01 volume de cada) - Exemplar geral da estrada de ferro Pedro II (01 volume) 	03	05
Diários	<ul style="list-style-type: none"> - Diários de Pernambuco (números não definidos) - Diário oficial do Império (números não definidos) 	02	Indefinidos
Revistas	<ul style="list-style-type: none"> -Revista trimestral do Instituto Archeológico Pernambucano (coleção – sem números definidos) -Revista de ensino e educação “Escola” (números de 1 a 23) -Revista de horticultura: “O plantador de café 		

⁹³ *Idem, Ibidem.*

	em Ceylão” (01 volume) -Outras revistas de horticultura (números não definidos)	04	+ de 25
Folhetos	Não definidos	-	-
Livro	“As miragens”, de Lima Barata (01 volume)	01	01
Total estimado			+ de 31

Tabela 04: Relação de material doado para a biblioteca no ano de 1877 pelo presidente da província: José Capistrano Abreu

Composição: Joseane Sousa Araújo

Estimamos em mais de 40 (quarenta) o número de volumes doados por José Capistrano de M. Filho, um número considerável para uma pequena cidade, no interior de um país que impressionava qualquer estrangeiro pela ausência de livros nas casas brasileiras.⁹⁴

É inegável que a referida Sociedade literária tenha contado com poucos benefícios durante esse período. As doações feitas pelo presidente provincial, possivelmente, aconteceram mais pelo fato de ser ele membro da Instituição que por ser presidente da província. Por esta função, preocupou-se Capistrano Filho com a educação da capital provinciana, a julgar pelos relatórios enviados à Assembleia Legislativa⁹⁵, enquanto que para aquela talvez coubesse a lembrança de que devia compartilhar com materiais outros, já que dela se fazia membro associado. Contribuição, entretanto, era necessário à sobrevivência da SLBCA, e, ao conhecimento do sucessor de Capistrano de Mello Filho, foi enviado o pedido:

A sociedade religiosa e beneficente “Cinco de Agosto”, convicta do interesse que V. Ex^a nutre pela instrução popular – verdadeira base da liberdade e do progresso – e desejosa de continuar á concorrer na medida de suas forças

⁹⁴ Cf. GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis**: o romance Machadiano e o público leitor de literatura no século 19. São Paulo: Nankin Editorial, Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 70.

⁹⁵ Relatório provincial enviado à Assembleia Legislativa. p. 77-95. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/546/000072.html>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

para o desenvolvimento da mesma, como o tem feito até agora – creando uma pequena bibliotheca, e algumas aulas nocturnas de Portuguez, Arithmetica, Geographia e Francez; vem recorrer á sua valiosa protecção, pedindo a contribuição de algumas obras para augmento da supradita bibliotheca que tanta attenção mereceu ao antecessor de V. Ex^a, que, ainda agora, mesmo de longe, d'ella se não tem esquecido.⁹⁶

Após esse período, há um grande silêncio em torno do funcionamento da biblioteca da SLBCA. Documentos, atas, qualquer registro que pudesse nos dizer sobre as atividades exercidas por e na biblioteca foram apagados. A biblioteca, apagada, já não mais existia para a memória e para seu registro durante o final do XIX. Sua existência, para a história, era parte de uma paisagem perdida entre extravios e cuidado não tomados. Cabe dizer, tal qual Roger Chartier, que “os escritos (...) não são todos feitos para durar”⁹⁷. Ao contrário, contudo, do que informa Chartier, a respeito dos escritos, os principais registros da primeira formação da biblioteca não foram apagados para serem escritos em novo suporte. Eles foram apagados para sempre, sem retorno.

Só voltamos a ter contato com dados relacionados à biblioteca no início do século XX, quando uma organização de novos membros da SLBCA uniu esforços em torno de seu soerguimento.

2.4.1 Da reorganização da sociedade e da biblioteca

O jornal *Cinco de Agosto*, órgão jornalístico criado pela nova organização da Sociedade, publicou o discurso – em razão da comemoração do 67º aniversário da SLBCA, no ano de 1938 – proferido por José Furtado Belém Júnior, que, lembrando a criação da Instituição ainda no século XIX, lamentou a decadente fase pela qual passou a Sociedade. O orador declarou que, pelos “feitos” à cidade de Vigia, foi que não puderam deixar de continuar a realização dos princípios morais, sociais e educacionais da SLBCA. Para esta continuidade, foram retomados trabalhos ligados ao externato – agora com curso secundário –, à uma escola noturna e à reorganização da biblioteca.

⁹⁶ Ofício enviado ao senhor presidente da província paraense, José Joaquim do Carmo, sucessor de José Capistrano de Mello Filho, em 15 de outubro de 1878. Anexo na página 132.

⁹⁷ CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVII. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007, p.18.

O campo ligado a atos literários, sociais, culturais e instrucionais havia voltado a requerer atenção pelas ações da “Cinco de Agosto”, que, em um passado remoto (período oitocentista), tanto havia se esforçado para alcançar tais objetivos. O referido esforço foi relembrando por José Furtado Belém Júnior, que justificou a tentativa de reorganização da sede e de seus trabalhos:

Por esta razão este estado de cousas não poude demorar e lhe surgiu, então, novamente, uma plêiade de abnegados cidadãos onde pontificaram Candido José de Vilhena, Manoel Fernandes de Barros, Casemiro José Ferreira, João Evangelista Cardoso, Manoel Luduvino de Campos, Jonas José Ferreira, Antonio Alves de Sousa e outros formando na vanguarda o ardoroso batalhador Manoel Evaristo Ferreira que a 8 de Maio de 1902 reorganizou esta sociedade que se propoz a crear uma escola primaria nocturna, um externato de curso Secundario, uma bibliotheca e um periódico.⁹⁸

A tentativa, no entanto, parece não ter obtido o êxito esperado. Ainda em seu discurso, José Furtado nominou “ensaio” o ato de reorganização da Sociedade⁹⁹. Esse ensaio, que sob a direção de Evaristo Ferreira no ano de 1902, parece não ter obtido um bom resultado na prática. Para o orador, depois de um breve período de trabalhos tentando retomar ações pautadas nos objetivos primeiros, a agremiação foi “lançada ao mar da indiferença”. Sobre esse momento, há um silêncio sobre as obras que compuseram o acervo da biblioteca, bem como sobre a sua quantidade.

Mas não apenas a Sociedade “Cinco de Agosto” e sua biblioteca fugiam aos preceitos de “caminho da salvação” por meio da instrução. Os anos finais do século XIX e os iniciais do XX levaram à cidade Vigia a indiferença e a falta de entusiasmo para os assuntos ligados às belas-letas. O clima eufórico de uma classe intelectualizada já não contagiava os demais. A dedicação aos estudos e à leitura agora não era tão bem-vinda, fora dos arredores intelectuais da SLBCA.

O discurso proferido data de 05 de agosto do ano de 1938, 36 anos, pois, entre a direção de Evaristo Ferreira e o momento no qual se deu as boas vindas, por meio da solenidade de posse, à nova direção da Sociedade. A nova diretoria, em novo esforço, reforçou o incentivo à inserção nos ideais da nacionalidade por meio, principalmente, do desenvolvimento educacional.

⁹⁸ Fonte: jornal *Cinco de Agosto*, edição n. 01, 11 de setembro de 1938, p. 02.

⁹⁹ *Idem, Ibidem.*

Segundo notícias do jornal “Cinco de Agosto”, a festa que celebrou o novo momento da agremiação e seus novos representantes foi “empolgante e coberta de brilho”¹⁰⁰, sendo os oradores ovacionados por seus brilhantes discursos. Compareceram à cerimônia – como sempre acontecia nos dias de solenidade – “os elementos mais representativos da sociedade local”¹⁰¹. Durante a comemoração, revelou-se ao público presente a composição dos membros da nova diretoria e de seus respectivos cargos: Raul José Ferreira – presidente; Julio Bulhões da Trindade – vice-presidente; Manoel Alves Rayol e Abelardo da Conceição Siqueira – respectivamente 1º e 2º secretários; Manoel de Sousa Leal – tesoureiro; Solon de Moraes e Sousa – procurador; Francisco Olavo Rayol, Raymundo Dario Ferreira de Britto, Saturnino da Silva Cordeiro e Fabiano Paulo de Sousa – diretores. O 67º aniversário da agremiação foi motivo de uma animada festa que só finalizou à noite, com um “animado sarall dansante”¹⁰², sempre acompanhado de discursos e saudações eloquentes.

Constatamos, por meio de notícias publicitárias, estampadas nas páginas do periódico “cinco de Agosto”, que os atuais membros da SLBCA, em sua maioria, eram proprietários de casas comerciais. O vice-presidente Julio Bulhões da Trindade, por exemplo, era proprietário de um comércio que envolvia a venda de tecidos finos, chapéus, gravatas, calçados e outros gêneros que faziam a moda do período, ainda resquícios do oitocentos. Saturnino da Silva Cordeiro, um dos diretores da agremiação, também era proprietário de uma casa que atuava no mesmo ramo comercial. A relação que abrigava os diferentes ofícios e hierarquias no agrupamento da Sociedade não deixava de ser uma relação vantajosa para ambos os lados (os comerciantes e a própria agremiação), uma vez que se associar a Instituições como a SLBCA era um meio de conseguir notoriedade e ascensão social, ao mesmo tempo em que, para a Instituição, a incorporação de membros pertencentes à classe comercial trazia vantagens financeiras para as intenções da Sociedade. De qualquer maneira, independente das relações sociais ou comerciais, envolvidas entre os membros e a Sociedade Literária, a intenção de incrementar o campo cultural e intelectual na cidade era comum para o grupo.

Tanto o orador José Furtado e a nova diretoria quanto os primeiros idealizadores da Sociedade projetaram seu ideal de nacionalidade e de desenvolvimento social no exercício das belas-letas, no desenvolvimento do intelecto. Estudar e ler eram condição

¹⁰⁰ *Idem, Ibidem.*

¹⁰¹ *Idem, Ibidem, p. 01.*

¹⁰² *Idem, Ibidem.*

essencial para uma melhor interação com o mundo social, e, nessa condição, trabalhou-se uma nova construção de sentidos na sociedade vigiense, ancorada na certeza de que o apego aos livros e a dedicação aos estudos eram capazes de construir um novo sujeito.

Com essa mesma concepção, foi iniciada uma nova fase da SLBCA. Sob a direção de Raul Ferreira, foi lançado, novamente, pelos membros da agremiação, um incentivo, uma tentativa de levar adiante os objetivos primeiros, redigidos em estatuto, discutidos em reuniões e pensados nos primórdios da Sociedade. Ganhava notoriedade, entre pessoas, moradoras ou não, da cidade de Vigia, os esforços da SLBCA em cumprir o que havia sido regido em estatuto. O encerramento do curso de indústrias químicas e domésticas, aplicado por professores da Sociedade, por exemplo, foi muito festejado e comentado em notícias de jornais locais. O curso composto, basicamente, por funcionários públicos, algumas mulheres e por comerciantes foi encerrado com louvores e elogios por parte das autoridades locais.



Figura 10: alunos do curso de indústrias químicas e domésticas, oferecido pela SLBCA no ano de 1938.¹⁰³

O presidente Raul Ferreira somou esforços à boa vontade dos novos e antigos sócios da Sociedade, e cumpriu mais um ano de realizações das ações pensadas pela agremiação. Em setembro de 1939, final de seu mandato, o então presidente apresentou aos membros da SLBCA e à sociedade vigiense o relatório final de sua gestão. Das

¹⁰³ Fotografia retirada do jornal “O Cinco de Agosto”, n. 05, 01 de janeiro de 1938, p. 03.

ações efetivadas durante sua gestão, em relação às sessões acontecidas na Sociedade, constava que:

Durante o anno social, hoje, findo, effectuaram-se quatro (4) sessões da Directoria, sendo duas (2) ordinarias e duas (2) extraordinárias. A Assembléa Geral reuniu-se, tambem, duas vezes no decurso desse período, realizando no dia 2 de Julho ultimo, a eleição da Directoria, cuja posse neste momento se effectiva.¹⁰⁴

Trata-se de um número bem reduzido de sessões para um período anual. A agremiação sempre enfrentou a falta de *quórum* para a realização de suas sessões, o que inviabilizou, em grande parte, a continuidade ininterrupta das ações agremiativas. O periódico “O espelho”, já citado anteriormente, nos primórdios da criação da Sociedade Literária, muito se lamentava pela falta de compromisso dos sócios em comparecerem às reuniões marcadas.

Não podemos identificar o motivo pelo qual foram realizadas as sessões extraordinárias. Supomos, contudo, que uma delas aconteceu em decorrência da transgressão a um dos novos estatutos que passaram a reger a Sociedade a partir de 1902. O estatuto ferido foi o de número 37, parágrafo único, que regia o desligamento de qualquer sócio que, sem motivo justificado, faltasse 04 (quatro) vezes às sessões previamente agendadas. Por infração a esse regimento, o diretor Raymundo Dario Ferreira de Britto e o segundo secretário Abelardo da Conceição Siqueira foram substituídos pelos sócios Ovídio Cabral Gomes e Luiz Gabriel de Oliveira, respectivamente.

O problema que envolveu as poucas sessões realizadas na Sociedade, certamente não foi ancorado na falta de membros para compor o quadro de sócios. No final do ano de 1937, a Instituição contava com um total de 188 (cento e oitenta e oito) associados. De janeiro de 1938 até julho do ano de 1939, esse número elevou-se a um total de 205 (duzentos e cinco) sócios, entre efetivos, remidos e beneméritos.¹⁰⁵ Possivelmente, a falta de membros para as reuniões dava-se também pelo fato de que muitos sócios eram correspondentes, moradores de outras regiões, o que dificultava a presença destes sempre que requisitada.

Esse dilema aliado ao atraso no pagamento das mensalidades não foram suficientes para conter o avanço da Instituição que, no início da gestão de Raul Ferreira,

¹⁰⁴ Fonte: Jornal “O cinco de Agosto”, n. 12, 24 de setembro de 1939, p. 02.

¹⁰⁵ *Idem, Ibidem.*

contava com um débito de 245\$047, e, no final do ano de 1939, exibiram em seus cofres um saldo positivo de 344\$443.

Todo esse trabalho em prol da manutenção dos ideais da Sociedade repercutiu na biblioteca que se encontrava em fase de abandono. Para lembrar o desamparo pelo qual passava o acervo e para enfatizar o especial interesse de seu mandato, o presidente discursou:

Constituiu motivo de particular interesse para nós, assim que fomos eleito presidente desta sociedade, a sua bibliotheca, que parecia um vendaval haver varrido das estantes cobertas de poeira e batidas pela patina do tempo, esses preciosos instrumentos que trabalham á nossa inteligência – os livros.¹⁰⁶

Na tentativa de recuperar parte do acervo, foi lançada uma campanha em favor da devolução das obras, que se encontravam em poder de antigos sócios, às estantes da Sociedade. O apelo foi repassado oralmente a cada canto da cidade ao mesmo tempo em que foi divulgado em periódicos locais. A campanha intencionou não apenas ter de volta à biblioteca obras então dispersas, mas, também, angariar novos títulos para compor o acervo.

A intenção alcançou resultados positivos. Em seu relatório, Raul Ferreira revelou que, em pouco tempo, a Instituição conseguiu angariar 462 (quatrocentos e sessenta e dois) volumes, entre os títulos antigos, que foram devolvidos, e os novos, que foram doados às estantes da biblioteca. A quantidade alcançada foi significativa para a Sociedade literária em vista da precariedade na qual o acervo se encontrava. Além de contribuir para a formação da biblioteca, a devolução e doação dos livros constituíram motivo de orgulho para os membros envolvidos na campanha. As palavras do presidente foram enunciativas desse contentamento: “462 (quatrocentos e sessenta e dois) volumes que representam para nós, outros, riquíssimo patrimônio a atestar o esplendor das passadas glória da sociedade “5 de Agosto.”¹⁰⁷

Entre as doações para a biblioteca, constava o título de *História do Brasil*, de Rocha Pombo, conseguido pelos esforços de alguns associados; uma quantia, em dinheiro, dispensada à sociedade pelo morador da cidade, Snr. Raymundo da Natividade Palheta (o livro a ser adquirido deveria ser ligado às coisas espirituais), condição que

¹⁰⁶ *Idem, Ibidem.*

¹⁰⁷ *Idem, ibidem.*

evidenciava o forte teor religioso que ainda pairava sobre a Sociedade. Raymundo Natividade doou ainda a obra “No limiar da Idade Nova”; a professora e poetisa da cidade, Esther Nunes Bibas, em carta endereçada à agremiação, comunicou a doação à casa de “um livro adequado que, de algum modo, contribua ou sirva de estímulo ao progresso cultural da Vigia”¹⁰⁸. Assim como o sentimento religioso, o desejo de enaltecer a terra por meio da cultura ainda estava presente na mentalidade dos vigienses ligados às belas-lettras.

Ao longo dos anos, a biblioteca da SLBCA recebeu ainda várias outras doações. Não sabemos por quanto tempo consecutivo o presidente Raul Ferreira permaneceu à frente da direção da Sociedade. Sabemos, entretanto, que, no ano de 1940, ele ainda a presidia. Foi por ele redigido e lavrado o termo de abertura que registrava o livro catálogo das obras da biblioteca. Ainda que seu mandato tenha sido interrompido ou não ao longo de 03 (três) anos, o fato é que ele ainda priorizava, entre as ações da Sociedade, o desenvolvimento do acervo bibliotecário.

O termo regia que as obras estariam catalogadas por títulos, língua em que foram escritas, assunto e autor. Na prática, à execução do registro, acrescentou-se o número de volumes de cada obra existente no acervo. A catalogação nem sempre fazia a correta indicação dos assuntos. A obra intitulada *A borracha*, por exemplo, escrita pelo historiador José Carlos de Macedo Soares, certamente deveria ter sido catalogada no quadro que tratava sobre os assuntos de história. Todavia, foi registrada entre os títulos de economia. Outros exemplos semelhantes foram encontrados ao longo da lista catalográfica.¹⁰⁹

Para a composição desse acervo, várias doações foram efetuadas. O Departamento Nacional de Propaganda, por exemplo, doou ao acervo um total de 22 (vinte e duas) obras. Todos os volumes doados eram referentes a assuntos de interesse da política do Estado Novo. Foram doados ainda da caixa postal nº 870¹¹⁰: “Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras”, proferido pelo Dr. José Carlos de Macedo Soares, da imprensa oficial de São Paulo e “100 anos de Instrução Pública”, do Departamento Municipal de Propaganda e Cultura da Vigia “Machado de Assis”.

¹⁰⁸ *Idem, ibidem.*

¹⁰⁹ A lista completa do acervo da SLBCA, no ano de 1940, encontra-se nos anexos deste trabalho nas páginas 140-165.

¹¹⁰ Não sabemos a que se referia a Caixa postal nº 870. A notícia divulgada no periódico *O Cinco de Agosto* não foi suficientemente esclarecedora do assunto.

Seguindo com a política de angariar novas obras para a biblioteca, a Sociedade recebeu das mãos de Agostinho Guimarães, cidadão vigiense, as seguintes obras: “O pirata do Panamá”, autoria de William Mac Leod Raine, “Boas esposas”¹¹¹, escrito por Louisa May Alcott, “Cacos de vidro”, “Acuso”, “O condurú” e “Verité de la religion catolique”, os quais não podemos identificar os autores.

Marciolino Alves, redator-chefe do periódico “O Cinco de Agosto”, ofereceu à biblioteca as obras: “A filosofia do Estado Novo”, “O novo Brasil”, “O Estado Novo e suas realizações”, a coleção do jornal oitocentista “O Espelho”¹¹²; “O Dinheiro na Vida Ezótica” e a coleção “Álbum do Pará (... 1939)”; Uma senhora chamada Santinha Farias ofereceu “Dois Filósofos”, “Tipos do Meu Tempo” e “Aspectos Europeus”; Adalindo Sarmiento contribuiu com um livro de Machado de Assis; o sócio da agremiação Honório Soeiro ofertou “Pequenos Quadros da Vida Brasileira”, “Arquivos Brasileiros de Cirurgia” e “Guia Industrial e Comercial”; o coronel Santana de Medeiros ajudou a preencher o espaço que se apresentava nas estantes da biblioteca e contribuiu com as obras “Segunda República”, “Poesia do Dever”, “O Homem Providencial”, “O Estado Forte”, “O Novo Brasil”, “Crime do Coronel Leitão”, “O Açúcar Síntese da Reorganização Nacional”, “Elogio Proletário” e “Da Primeira a Segunda República”; o padre Monsenhor Argemiro Pantoja ofertou 05 (cinco) volumes de “Á Margem da Visita Pastoral”.

Outras doações ao longo desse ano foram feitas à biblioteca. O senhor Pedro de Moraes Cardoso doou “Alma Contemporanea”, “A historia para todos” e “Anastacio”; a senhora Anna Ferreira Barbosa contribuiu com “Diccionario Pratico Ilustrado” e 02 (dois) volumes de “Os últimos dias de Pompeia”; Raymundo Dario Ferreira Britto – um dos ex-diretores da Sociedade – aliou-se à contribuição e ofertou à biblioteca “Escandalo do petróleo”, “A luta pelo petróleo” e “O segredo dos negócios”; a senhora Atonia Neves de Mello também fez valer seu ato de contribuinte à formação do acervo

¹¹¹ “Boas esposas” foi o primeiro volume a integrar a “Biblioteca das moças” no Brasil, organizada entre 1920 e 1960. Quando nos idos dos anos 1920, as mulheres começaram a ir às livrarias para adquirir seus próprios livros, novas maneiras de expansão do mercado editorial foram pensadas. A coleção “Biblioteca das moças” foi organizada em meio a essa busca de expandir o público-leitor brasileiro, e, assim, livros estrangeiros começaram a ser importados para o Brasil, principalmente os franceses e portugueses. “Boas esposas”, obra francesa de 1869, era um modelo exemplar de educação feminina, vindo da França.

¹¹² Fato curioso é a inserção da coleção deste periódico na biblioteca da Sociedade. Não sabemos se o jornal já fazia parte, anteriormente, do acervo. A apropriação indevida de obras da biblioteca parece ter sido um episódio constante na história da agremiação. Após esse período de doação, outras vezes o jornal seria retirado inapropriadamente do acervo, como veremos posteriormente. Para desfazer o hiato formado para essa questão, necessitar-se-ia de um tempo maior para uma pesquisa minuciosamente detalhada.

e, conseqüentemente, ao desenvolvimento instrucional da cidade de Vigia. Para validar seu ato de cooperação, designou para as estantes da biblioteca as seguintes obras: “Ensino Commercial”, “Nova Constituição Brasileira”, “A Pena de Morte no Brasil”, “A Reforma orthographica” e “Salário Mínimo”. As aquisições – fossem elas por doações, fossem lançadas nas despesas do cofre da Sociedade Literária – não cessaram e mostraram, ao longo do tempo, a formação de um grupo que, de forma a conseguir reconhecimento no mundo intelectual, continuou somando esforços para a continuidade da SLBCA e da formação de sua biblioteca.

A biblioteca, a partir do ano de 1940, continha um total de 658 obras catalogadas em seu acervo.¹¹³ Quanto à classificação, pudemos determinar, precisamente, a quantidade de volumes agregadas por gênero durante o registro das obras que totalizava 672.¹¹⁴ Aferimos que, sobre os assuntos inscritos como legislação e atos oficiais, havia um total de 45 (quarenta e cinco) volumes; assuntos variados, 02 (dois) volumes; relatórios, 06 (seis); administração, 03 (três); discurso, 21 (vinte e um); jurídico, 07 (sete); ciências, 34 (trinta e quatro); história, 84 (oitenta e quatro); economia, 18 (dezoito); estatística comercial, 13 (treze); política internacional, 03 (três); teológico, 02 (dois), ambos referentes à mesma obra; geografia, 01 (um); direito, 05 (cinco); filosofia, 13 (treze); moral, 05 (cinco); sociologia, 08 (oito); biográfico, 05 (cinco); pensamentos, 03 (três); etnologia, 01 (um); médico, 12 (doze); matemática, 01 (um); crítica, 01 (um); política, 06 (seis); comercial, 03 (três); militar, 03 (três); química, 01 (um); técnico, 01 (um); álbum, 03 (três); revistas, 02 (dois); memória, 02 (dois); religioso, 06 (seis); ciências naturais, 01 (um); científico, 01 (um); viação, 01 (um); artístico, 01 (um); anúncio, 01 (um); epistolar, 01 (um); apologético, 01 (um); antropogeografia, 01 (um); vários, 06 (seis); diplomático, 01 (um); naval, 01 (um); bibliográfico, 04 (três); entrevista, 04 (quatro); sexologia, 02 (dois); agricultura, 01 (um); glótico, 01 (um); marítimo, 01 (um); ensaio, 05 (cinco); poesia, 32 (trinta e dois), entre as quais encontramos “Marília de Dirceu”, de Tomás Antônio Gonzaga, e “Os Luzíadas”, de Luiz Vaz de Camões; filosofia, 13 (treze); drama, 11 (onze); ensino/didático, 23 (vinte e

¹¹³ Não podemos precisar o período em que a catalogação deixou de ser efetuada. É possível que todos esses volumes tenham sido incorporados ao acervo da Sociedade durante a gestão de Raul Ferreira, haja vista que, em uma instituição, mudanças de direção quase sempre implicam em mudanças de funcionamento interno, o que, dentro da SLBCA poderia ocasionar a parcial ou total interrupção da catalogação das obras.

¹¹⁴ O número de volumes catalogados refere-se, muitas vezes, a mais de um exemplar da mesma obra. Para conferir quais volumes repetidas vezes ocupavam espaço na biblioteca, verificar lista catalográfica em anexo.

três); romance, 99 (noventa e nove); contos, 08 (oito); literatura, 39 (trinta e nove); títulos ou gêneros não identificados, 93 (noventa e três). Ratificamos, contudo, que a listagem não implica em afirmar que as obras listadas correspondessem evidentemente ao verdadeiro gênero, pois mantivemos a fidelidade aos dados da catalogação. Outro exemplo foi o livro intitulado “Vida de Carlos Gomes”, escrito por Ítala Gomes Vaz de Carvalho a fim de homenagear seu pai, Carlos Gomes. A obra deveria ter sido listada como biografia, no entanto seu registro a delimitava ao grupo dos romances.

A diversidade de livros que, agora, compunha o acervo bibliotecário trouxe ao grupo intelectual não apenas novas leituras, mas também um mal-estar frente às percepções e às concepções que passaram a fazer parte das páginas de alguns livros. O romance, por exemplo, que ascendeu no início do século XIX, ganhou, também, progressivamente, lugar nas prateleiras do acervo da SLBCA. Das 658 obras catalogadas, 99 (noventa e nove) – número estimado – eram romances e foram eles, com sua reflexão ficcional, principalmente, sobre o cotidiano da vida privada, que levaram ao interior da Sociedade “Cinco de Agosto” o mal-estar pela leitura dessas obras e pelas consequências que podiam causar. A polêmica que girava em torno do romance não se fez excluir entre o grupo intelectual da “Cinco de Agosto”. Quando, na generalidade, os detratores do romance concluíram que sua leitura

era tida como grande perigo pois fazia com que se perdesse tempo precioso, com que se corrompesse o gosto e com que se tomasse contato com situações moralmente condenáveis (...) Enquanto a leitura das belas letras tinham por objetivo formar um estilo e ampliar a erudição, e as leituras religiosas (...) aprimorar o espírito e indicar o caminho da virtude e da salvação, a leitura dos romances parecia sem finalidade.¹¹⁵

Essa falta de objetividade para a leitura do romance, vista por alguns, principalmente pelos religiosos, também foi amplamente discutida na Sociedade. Formada, em seus primórdios, por membros e propósitos, majoritariamente, religiosos, a Sociedade não se desfez, ao longo do tempo, dessa formação. Ainda que a laicização começasse a penetrar na organização da Instituição, as concepções religiosas ainda eram muito fortes. Sob a direção de Raul Ferreira, a “Cinco de Agosto” absorvia também membros religiosos. Acreditamos que essa aceitação fazia parte também de uma estratégia que movia a Sociedade em busca do maior número possível de contribuintes

¹¹⁵ Cf. Márcia Abreu, Nelson Shapochinik *et al.*: **Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX**. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

para a o fortalecimento da Instituição. A aceitação não tinha restrições quanto ao credo ou quanto à nacionalidade dos membros. A estratégia poderia ter funcionado se os primórdios de criação da Sociedade não fossem estritamente católicos, fato que possivelmente contribuiu para o conflito entre sócios mais conservadores, especialmente entre os religiosos e aqueles adeptos de um novo olhar para os valores morais da vida.

Em relação à nova direção da Cinco de agosto, constavam autoridades religiosas ou pessoas extremamente ligadas à doutrina católica. Dessa junção de membros, um grande embate foi formado quando o governador do arcebispado, em Belém, e membro da Sociedade, Monsenhor Argemiro Pantoja, visitou a Sociedade e entrou em contato com o catálogo de livros existentes na Biblioteca. O professor e historiador da cidade de Vigia, José Ildone, segundo suas fontes de pesquisa¹¹⁶, relata-nos que, insatisfeito com o resultado da avaliação, formou uma comissão avaliadora para o exame das obras. Da análise, fez-se uma relação de vários títulos que deveriam ser imediatamente remetidos à Belém para substituição, pois aqueles, na visão do Monsenhor, não eram livros que estivessem de acordo com os preceitos da moralidade e do cristianismo, e, sendo a Agremiação fundada em bases cristãs, não poderia constar em suas estantes tais publicações.

Para endossar a argumentação do religioso, um dos sócios manifestou seu descontentamento ao deparar-se, em certa situação, com uma jovem religiosa lendo um romance, tido, então, como altamente pernicioso. O romance em questão era *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco¹¹⁷.

Sendo a questão levada aos demais membros da Sociedade, formou-se a querela. Alguns sócios refutaram a hipótese da retirada dos livros, pois a mesma contrariava o artigo 48¹¹⁸ (quarenta e oito) do estatuto da Sociedade, além do que privava os leitores de obras consagradas como as de Victor Hugo. O argumento contra a retirada não foi consistente o suficiente para impedir a censura à permanência dos livros na biblioteca. A referida questão ocasionou um desgastante e sério problema interno na Sociedade, que contribuiria para sua derrocada mais uma vez. O assunto sobre a censura aos livros

¹¹⁶ ALMEIDA, Wilkler; ILDONE, José. **Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”**. Levantamento Histórico. Vigia de Nazaré, 2008, p. 24-27.

¹¹⁷ *Idem, Ibidem*.

¹¹⁸ O Artigo n. 48, parágrafo único do estatuto de 1900, regia que nenhum material, pertencente à Sociedade, poderia sofrer qualquer tipo de transação. O estatuto regia: “A sociedade fica proibida de vender, dar por empréstimo, trocar, ceder, enfim, fazer transação de qualquer natureza com os objetos de sua propriedade”. Conferir estatuto dos anos de 1900, em anexo número 119 ao final deste trabalho.

foi encerrado com a intervenção do juiz Antônio Evaristo da Cruz Gouveia que foi favorável à permanência dos livros no acervo.

Outros livros foram ainda censurados pela comissão avaliadora. Entre eles, estavam os títulos “As Duas Rivais” e “Amor criminoso Dramas da vida”, de Xavier de Montepim; “O Conde de Monte Cristo” e “A Dama de Monsoreau”, de Alexandre Dumas, entre outros.¹¹⁹ Não podemos afirmar, precisamente, se todos os livros marcados como perniciosos pelos julgadores faziam parte também do *Index Librorum Prohibitorum* (Lista dos Livros Proibidos), criado pela Igreja Católica, que listou algumas obras proibidas para leitura por serem consideradas heréticas.

No início de sua fundação, no período oitocentista ao início do século XX, a Sociedade passou por encontros e desencontros com os habitantes da cidade de Vigia. Formou mentalidades a partir de seus ideais, agitou o meio social e contribuiu para a formação de leitores, dentro e fora da Instituição.

Toda a movimentação que ocasionou a fundação e a continuidade da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” e de sua biblioteca foi acompanhada por outro importante suporte de leitura que também ajudou a movimentar e a propagar os ideais da Instituição: os periódicos.

¹¹⁹ O anexo da página 166 mostra a completa relação dos livros censurados pela comissão que avaliou os livros da biblioteca “Cinco de Agosto”.

Os periódicos aceleraram a circulação das ideias, atingiram um número maior de pessoas e, conseqüentemente, influenciaram a opinião pública. No Pará, os jornais, como um todo, constituíram-se como um veículo difusor de assuntos literários. Segundo Carneiro, os jornais paraenses foram um importante instrumento difusor de assuntos, fossem eles de “Literatura em geral, Folhetins, Versos, Prosas, Poemas até anúncios de publicações de obras literárias.”¹²²

Na cidade de Vigia, os jornais aliados ao processo de construção da identidade nacional, apresentaram-se também com um pensamento civilizador e constituíram espaço de divulgação de textos produzidos por homens de Letras daquele século. Como veículo de expressão e divulgação dos ideais do século XIX e início do XX, os periódicos da cidade também se preocuparam com a divulgação e a circulação do conteúdo literário no Império e funcionaram ainda como um espaço público, como lugar da multiplicidade discursiva. Contribuíram, dessa forma, para a formação de uma tradição da escrita e da difusão de ideias por meio da leitura, o que nos permite ratificar que, sobremaneira, os jornais vigienses também ajudaram na socialização da leitura na medida em que conquistavam novos leitores.

Os jornais da cidade tiveram grande participação na tentativa de desenvolvimento do pensamento e dos ideais da época, pois foram, mormente, o suporte de vozes que, ansiosas, desejavam se expressar. As notícias Imperiais e locais, bem como as literárias, da época eram reveladas à cidade por meio, sobretudo, dos periódicos que ali circulavam e que ali eram publicados.

Mas os jornais vigienses não fugiram aos problemas que contornavam o aparecimento de pequenos jornais. Mesmo em um momento no qual o Brasil inteiro desejava expressão de liberdade e de desenvolvimento social e científico, com a imprensa trabalhando em busca de crescimento e com o aparecimento de diversos jornais de pequeno porte, a impossibilidade de uma permanência para estes periódicos parecia inevitável. Eram eles, em sua maioria, sempre de vida curta, e, na maioria das vezes, essa brevidade era sempre originada pela falta de dinheiro, fato que ocasionou o fechamento e o apagamento de fontes de muitos jornais na cidade de Vigia. Essa curta permanência, no entanto, não privou os editores de trabalharem em busca de expansão e

¹²² CARNEIRO, Daniel Augusto Moraes. **A tipografia e a divulgação e publicação literária no Pará.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Língua e Literatura Vernáculas, da UFPA. Belém, 2003. Catálogo da Secção de Obras Raras da Biblioteca Arthur Vianna séculos XVII-XIX. Despostos e Turismo, 1985, p.366.

divulgação dos periódicos. Para isso, uma das medidas adotadas era justamente a troca de exemplares entre as províncias.

Foi assim que foram lidos, na cidade, diversos jornais de outras regiões do Pará e do Brasil. Essa hipótese pode ser sustentada a partir de informações retiradas de alguns jornais, os quais publicavam cartas de leitores de diferentes lugares. Dos periódicos que encontramos durante a pesquisa, listamos os criados no próprio lugarejo de Vigia, cuja circulação de periódicos teve início na segunda metade do século XIX, em 1852, com a publicação de *O Vigiense*. O segundo jornal divulgado na cidade, *O Publicista*, só apareceu vinte e dois anos depois do primeiro, em 1874. Na década de 1870, a publicação dos periódicos foi mais assídua e, em 1876, a sociedade vigiense teve acesso ao jornal *O Vigilante*, e, no ano seguinte, em 1877, ao jornal *O Liberal da Vigia*¹²³, dirigido por Bertoldo Nunes. A década se encerrou com a folha *O Espelho*, que foi divulgada de setembro de 1878 até julho de 1879 e teve como seus redatores Manoel Epaminondas Vasconcelos Palheta e Augusto Ramos.

As informações sobre outros jornais publicados no final do século XIX não foram encontradas, uma vez que os dados aqui reunidos partiram da recuperação dos próprios jornais, ainda presentes no acervo da SLBCA. Diante dessa ausência, os demais jornais que constam são do século XX, como os jornais: *O Lusco-Fusco*, publicado de janeiro de 1923 até janeiro de 1924, redigido por Manoel Saraiva; *Gazeta da Vigia*, 1924¹²⁴, também redigido por Manoel Saraiva; *O Cinco de Agosto*, de setembro de 1938 a fevereiro de 1944, redigido por Marciolino Alves e Manoel Alves Raiol; *O Orvalho* tendo como redator o professor Bertoldo Nunes e *O Apóstolo*, o qual não identificamos o redator nem seu tempo de publicação.

Jornais de outras localidades estiveram presentes pela cidade. Tal circulação foi possível pelo sistema de permuta que os periódicos da cidade mantinham com outras localidades. Entre os que chegaram à redação dos jornais vigienses, constatamos a presença destes: *O progresso*, vindo de Benevides no Pará, e redigido pelo Tenente Coronel Orvácio Marreca; *Violet*, oriundo do Rio Grande do Sul, redigido por Julieta M. Monteiro; *Aurora Theresinense*, procedente de Teresina, capital do Piauí; *O Paranaense*, originário do Paraná; *Nova Aurora*, proveniente da província de Quissamam, no Rio de Janeiro; *O Clarim*, de Recife; *O Baixo Amazonas* e *O Município*,

¹²³ Não foi possível determinarmos o tempo de duração destes periódicos, assim como não temos notícias sobre seus redatores.

¹²⁴ Data de término não encontrada.

ambos vindos de Santarém. Todos esses periódicos propagavam, enquanto suporte, as mais variadas ideias para além de suas fronteiras locais.

No jornal *O Espelho*, por exemplo, algumas cartas publicadas revelaram que o periódico, além das fronteiras vigienses, era lido também em cidades como Soure e Maranhão:

Soure, 11 de Setembro de 1878. – Ilms. Srs. Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta e Augusto Ramos Pinheiro. – Tendo lido o n.º 1º do periódico—o Espelho—de quem suis os directores, gostei de ver a linguagem com que é escripto mais esse monumento de intelligência da mocidade vigiense.¹²⁵

A troca, geralmente, era efetivada por meio dos vapores que chegavam e aportavam ao cais da cidade. O exemplar de número 10, datado de 10 de Novembro de 1878, do referido jornal, trazia a seguinte notícia:

JORNAES. – Pelo vapor Gurupy, da companhia do Maranhão, hoje de volta para esta cidade, vieram para a redacção do nosso semanário os seguintes:

Os ns. 31 e 32 do *Município*, de Santarém. Os ns. 5 a' 9 do *Clarim*, do Recife. Os ns. 41 e 42 do *Baixo Amazonas*, de Santarém, e do mesmo transcrevemos o seguinte:

“Recebemos os seis primeiros números do *Espelho*, novo periódico literário, crítico e noticioso publicado na cidade da Vigia”.

Desejamos ao *Espelho* feliz percurso nas lides jornalísticas”¹²⁶

Os jornais que chegavam à redacção do semanário *O Espelho* eram divulgados no próprio semanário. Não sabemos como se dava a circulação dos jornais visitantes. Os locais, no entanto, trabalhavam certas táticas para conseguir assinaturas. Eis o exemplo de uma dessas estratégias encontrado no primeiro exemplar do jornal *O Espelho*, de 01 de Setembro de 1878.

Prevenções. – Julgamos conveniente fazer as seguintes prevenções:

-As pessoas que receberem este 1º n. do nosso modesto periodico e não o devolverem depois de lido, serão considerados assignantes, pelo que, desde já, lhes anticipamos os nossos cordiaes agradecimentos e depois...mandaremos...viva Garibaldi...

¹²⁵ Jornal “O Espelho”, n. 04, 22 de setembro de 1876, p. 01.

¹²⁶ Jornal “O Espelho”, n. 10, 10 de Novembro de 1878, p. 03.

O sistema de assinaturas fortalecia as publicações e contribuía para o desenvolvimento da prática de leitura na cidade. Dessa maneira, os jornais, em uma relação conjunta com a SLBCA, atuavam para fortalecer a cultura, a instrução, a leitura e as assinaturas dos jornais, garantindo, assim, seu maior tempo de vida. Além disso, ajudaram a constituir a cultura letrada vigiense.

Para informar sobre algumas ações exercidas pelos periódicos da cidade na cultura local e conseqüentemente sobre a formação de mentalidade das pessoas desta cidade, recorreremos a dois jornais, considerados importantes em sua época na cidade: *O Espelho* e *Cinco de Agosto*.

3.1 JORNAL *O ESPELHO*: PERIÓDICO LITERÁRIO, CRÍTICO E NOTICIOSO



Figura 11: folha de chamada do jornal *O Espelho*

O jornal teve sua primeira edição em 1º de setembro de 1878 e a última em 06 de julho de 1879. Em uma duração de 10 (dez) meses, foi dirigido por Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta e Augusto Ramos Pinheiro.

Sua primeira edição trazia, antes de qualquer assunto, a apresentação do jornal aos leitores, mostrava sua proposição e sua intenção e dizia à sociedade a que propósitos tinha vindo o jornal:

No grande salão da publicidade colloca-se hoje “O Espelho” (...) vem com efeito exercer a crítica; mas crítica justa e sensata (...). Este “Espelho” da moralidade reflectirá em toda parte, e mostrando ao vivo os geitos e tregeitos que cada um fizer, a boa, ou má acção que praticar, incital-o-há a corrigirse.¹²⁷

Para divulgar os assuntos tratados nas folhas semanais e para conseguir leitores, o jornal mantinha um preço unitário de 120 réis, enquanto sua assinatura mensal

¹²⁷ Jornal *O Espelho*, n. 01, 01 de setembro de 1878, p. 01.

alcançava o valor de 500 réis. As assinaturas eram, geralmente, cobradas em domicílio por um funcionário encarregado de tal ação. Antes do dia estipulado para o pagamento, o jornal divulgava uma pequena nota alertando os assinantes:

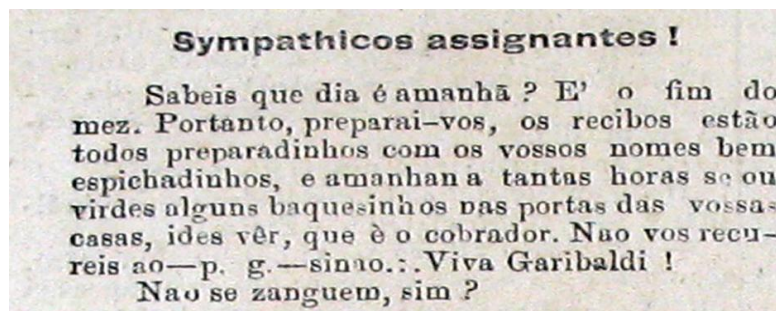


Figura 12: chamada de atenção para o pagamento das assinaturas.¹²⁸

O periódico semanário circulava sempre aos domingos e buscava difundir a moralidade entre a população, incitando-a aos “bons costumes” e à religião. Para os redatores, um bom incentivo aos bons costumes – quiçá ao aumento de leitores e colonistas do periódico – seria destiná-lhes espaço, no jornal, para publicação. Para tal intento o jornal declarava: “Vendo que o mundo marcha em busca da luz e que existem muitos moços que amam as letras e desejam cultivar a inteligência, reserva um espaço para assumptos literários e offerece a esses moços as suas colunas.”¹²⁹

Tanto a função moralizante quanto a religiosa tendiam a apontar para um modelo de sociedade a ser alcançado. Um paradigma que seria baseado em valores morais, sociais e cristãos. Até mesmo as críticas encontradas nos jornais eram relacionadas às situações capazes, de alguma maneira, em interferir ou quebrar o modelo que deveria ser alcançado, o exemplo baseado ainda em moldes românticos, como a doutrina aos costumes que valorizavam os ideais de nacionalidade e os preceitos cristãos, por exemplo. O molde adotado por uma classe elitista e intelectualizada na cidade, foi ganhando adeptos, e assim, as opiniões e os pensamentos de moradores da cidade, mesmo que em pequeno número, foram sendo estampados nas páginas dos jornais. Leitores que encarnavam seus gestos e que deixavam a amostra, na escrita, as consequências de suas leituras e de suas vivências. Eles, os “furtivos caçadores do

¹²⁸ “Simpáticos assinantes: sabeis que dia é amanhã? É o fim do mês, portanto, preparai-vos, os vossos recibos já estão todos preparadinhos com os vossos nomes bem espichadinhos, e amanhã a tantas horas se ouvirdes alguns baquesinhos nas portas de vossas casas, ides ver, que é o cobrador, não vos recuseis ao – p.g. – sino...Viva Garibaldi! Não se zanguem, sim?”. Fonte: Jornal “O Espelho”, n. 05, 29 de setembro de 1878, p. 01.

¹²⁹ Jornal *O Espelho*, n. 01, *Op. Cit.*

texto”¹³⁰, nas palavras de Michel de Certeau contribuíram, consideravelmente, para a formação de uma comunidade de leitores da qual eles próprios se faziam membros.

3.1.1. Três leitores e suas impressões [impressas] nas folhas do jornal

A epígrafe que abre esse capítulo evidencia, entre outras coisas, o processo de relações que envolvem o leitor e suas leituras como, por exemplo, a apropriação que o leitor faz das palavras postas nas páginas de um livro. Tal apropriação pode fazer com que leitor e livro se tornem um só. O escritor Alberto Manguel, ao escrever sobre essa relação, utilizou-se de algumas metáforas da leitura e, entre elas, evidenciou que: “O mundo, que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo; assim, cria-se uma metáfora circular para a infinitude da leitura. Somos o que lemos.”¹³¹

Tal relação entre texto e leitor leva a um entrelaçamento de conhecimentos, de ambas as partes, para a conseqüente produção de sentidos. Os colunistas do jornal se deixaram perceber, se fizeram claros em suas intenções e em seus pensamentos, exteriorizaram seu modo de vida e de pensar, ancorados em padrões de um momento social e na literatura que embasava esse período, ainda tomado por pensamentos do período romântico que embalou, mais fortemente, a segunda metade do século XIX.

Empenhados em participar do momento, pessoas como Bertoldo Nunes, Gervásia da Purificação do Coração de Jesus, Manoel Roque Pinheiro e outros que evidenciaremos adiante publicaram seus escritos nas páginas do semanário *O Espelho*. Não parece a nós que todos pertencessem ao restrito grupo de intelectuais da cidade, pelo menos não ao grupo da SLBCA, outrossim, pertenceram, sem dúvida, ao seletivo grupo de leitores, na cidade.

Bertoldo Nunes, já apresentado neste trabalho, como membro da Sociedade e como diretor do jornal *O Liberal da Vigia* e redator de *O Orvalho*, evidentemente um homem ligado ao exercício do intelecto, foi agraciado com a publicação de alguns de seus escritos nas páginas do periódico. Não nos parece, por meio das averiguações feitas nas folhas do semanário, que ele os escrevesse diretamente para o jornal. A notoriedade

¹³⁰ Apud CHARTIER, Roger. Comunidade de leitores. In: _____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1994. p. 01.

¹³¹ MANGUEL, Alberto. **Metáforas da leitura**. IN: _____. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 201.

a ele conferida, por seu desempenho social e cultural à cidade, legava-o privilégios de publicação. Alguns de seus artigos, por exemplo, ocupavam mais de 01 (uma) página do jornal e, seguiam, quase sempre, a estrutura folhetinesca do romance, publicado nos rodapés dos jornais, durante o período oitocentista. Por apresentarem uma extensão impossível de ser publicada na totalidade, durante o exemplar semanal, sempre trazia a expressão “Continnua” ou “continuar-se-á” ao final da escrita. Um de seus artigos, publicados no *O Espelho*, ocupou duas páginas e meia do jornal, durante 03 (três) publicações semanais. O artigo intitulado “Dissolução social” havia sido escrito para o álbum de um amigo, por volta de 1876, e, com a devida autorização de Bertoldo Nunes, foi publicado nas páginas do jornal.

A partir das impressões de Bertoldo Nunes, podemos inferir que foi um homem insatisfeito com as mazelas que o progresso trouxe à cidade. Escrevia versos, mas não se considerava poeta, como também não se conformava com a falta de tempo para se dedicar à leitura de seus livros literários e à escrita de seus versos. Sendo impossível, para ele, viver apenas de sua pena, acumulava tarefas diárias como diretor, redator de jornais e como professor. Tais tarefas, entretanto, não o motivaram ao contentamento pelo progresso. Contrário a isso, dizia ele preferir o encanto de uma cidade pequena ao barulho ensurdecidor das carruagens, que nada mais trazia consigo além do desgaste da alma, a visibilidade corruptiva que atingia os homens, transformando-os em arremedos da corrupção. Esse posicionamento pode ser observado em um trecho da carta de Bertoldo Nunes:

Meu bom amigo,

Habitado já há muito a vida prosaica do – Dever e Haver – , pouco tempo me resta para compulsar os livros litterários, verdadeira fontes de bellezas e encantos (...). De que, porém, deverei occupar-me? Da Religião, do amor do próximo, de estrelas, rosas, nynphas? Não: assumptos sublimados e poéticos, só podem ser devidamente tratados por homens erudictos e scientificos.

Permitti, (...) que fallemos desta época de dissolução que a nossa sociedade atravessa (...). A corrupção vem de cima.

Eu troco de bom grado o bulício de uma capital populosa, centro quasi sempre de muita depravação e vícios, pelo prazenteiro silencioso de uma cidade, ou villa do interior; inspira-me mais veneração e religiosidade uma valla comum, com sua cruz de madeira, do que esses sumptuosos mausoléus, que só podem inspirar sentimentos tão frios, como o próprio mármore de que são fabricados.¹³²

¹³² Artigo publicado no jornal *O Espelho*, n. 03, 29 de setembro de 1878, pp. 01-02.

Não nos foi possível a identificação exata das leituras de Bertoldo Nunes. Talvez lesse a Bíblia, além de temáticas políticas e poéticas. Sua escrita deixa transparecer suas marcas como leitor. Lançamos tal suposição a partir da relação de sentidos presente entre leitor-escritor: a escrita que contém o perfil do leitor a quem o texto se destina¹³³, em outras palavras, a interação que existe entre autor e leitor que, conseqüentemente, produz um novo sentido ao texto. Chamou Hélio de Seixas Guimarães a essa relação um englobamento entre “todo um mundo”¹³⁴. Um mundo do qual participam escritor e leitor – não necessariamente nessa ordem – os quais parecem compartilhar do mesmo índice político, do mesmo conjunto cultural e que deixam, para Hélio de Seixas, uma repercussão imediata no texto e nas formas de manifestação literária. É possível que tais manifestações estivessem presentes nas leituras de Bertoldo Nunes e que, provavelmente, reverberaram em suas escrituras.

O momento histórico e cultural de Bertoldo Nunes, assim como sua atuação no mundo político, cultural e religioso nos permitiu conferir relevância à probabilidade de suas leituras, às significações que delas fazia. Arriscamo-nos a tal conjectura a partir, também, daquilo que chamamos “impressões”, contidas em seus textos, dotados de um forte teor religioso, político e poético:

Minhas ideias se perdem em mil conjecturas; sinto a voz suffocada pelo pó da confusão, e apenas posso fitar os olhos no firmamento, convencido intimamente de que além está Deos, única essência de onde poderá ainda emanar a verdadeira regeneração social, sem mesmo ser preciso novo dilúvio para lavar as culpas da humanidade.¹³⁵

Ao longo do período de existência do jornal, muitos leitores, além de Bertoldo Nunes, deixaram-se revelar em suas impressões de mundo e de leitura. Uma leitora do periódico, Gervásia da Purificação do Coração de Jesus, ganhou espaço nas colunas do jornal por seu constante embate com as críticas, feitas pelos redatores do jornal, ao comportamento feminino na cidade.

No dia 29 de setembro de 1878, Gervásia conquistou sua primeira publicação no periódico. Em edições anteriores a data especificada, publicou-se no jornal críticas ao

¹³³ Cf. SARTRE, Jean-Paul. **Que é Literatura?**. São Paulo: Ática, 1989.

¹³⁴ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de Literatura no século 19**. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 40.

¹³⁵ Jornal *O Espelho*, n. 07, 13 de outubro de 1878, p. 01.

comportamento feminino, tanto pelo uso do “tabaco de cordas”, espécie de cigarro, quanto pelo costume em “alterar discussões sobre os partidos políticos”¹³⁶. Tal pedido esperava ser atendido, uma vez que, segundo a crítica, “a politica não pertence as mulheres”¹³⁷. A crítica e o pedido não foram bem aceitos pelo público feminino, e Gervásia fez valer seu direito à réplica. Em carta endereçada à redação de *O Espelho*, posteriormente publicada no jornal, ela pedia:

Snrs. Redactores – permiti que uma das mais obscuras leitoras do “Espelho” venham também deixar refletir nele os seus medíocres pensamentos. Meu fito não é contestar as censuras que V. Sas. tem feito ás pessoas do meu sexo, não. Ellas são justas, com quanto algum tanto exageradas. O que eu desejo é pedir-lhes que sejam imparciaes, estigmatizando os vícios dos homens, da mesma forma que fazem ás faltas das mulheres. Ou V. Sas. julgao que não e feio, por exemplo, um moço, todo vestido no rigor da moda andar com um cigarro no canto da bocca, muitas vezes a babar?...

Oh! é feio e muito feio,
Ver um moço de cigarro,
Que deixa o dente amarelo
E a gengiva cheia de sarro.¹³⁸

Carta publicada, réplica feita. No entanto, insuficientes para o contentamento de Gervásia, a leitora quis mais protestos por meio das páginas periódicas. Na semana seguinte, o jornal lançava novas declarações da leitora. Para intitular o espaço a ela dedicado, os redatores escreveram “Ainda a Gervásia ao público”. Inquieta e intolerante às críticas, ela retrucou:

Srs. Redactores do “Espelho”, (...)
Disse que V. Ss. são exaggerados nas censuras que dirigem ás mulheres e venho provál-o.
Censurando o uso do tabaco de corda, affirmarão V. Ss. que nós levamos o mesmo nos bailes e reuniões (...). Nunca nenhuma moça levou tabaco nos bailes. (...) quanto á uzar as vezes o mesmo nas janelas. V. Ss. sabem que não somos das primeiras. (...)
Agora me permittam dizer que causou extranheza que V. Ss., moços da época e civilisados, publicassem no “Espelho” um à pedido sustentando que a politica não pertence ás mulheres.
Ora esta!...Quando em Pariz acaba de haver um congresso de senhoras, a fim de pedirem a garantia dos seus direitos, quando no Chile trata-se de pedir o direito de voto ás mulheres, quando na Inglaterra e Estados Unidos muitas moças exercem em pregos importantes e advogam, a sombra do “Espelho” vem censurar que tratemos de politica.
Ora quem sabe se o author do artigo não receia que nós lhes possamos tirar a influencia partidaria ?

¹³⁶ Jornal *O Espelho*, nº 01, 01 de setembro de 1878, p. 04

¹³⁷ *Idem, Ibidem.*

¹³⁸ *Idem*, nº 05, 29 de setembro de 1878, p. 04.

Que deixe de receios! Que advogue também a nossa causa e terá dado uma prova de quanto é amante do progresso e da luz.
Basta por hoje!¹³⁹

Assim como para Bertoldo Nunes, também não nos foi possível desvendar as leituras de Gervásia. Sua declaração sobre os problemas políticos e sociais no Brasil e no mundo, acima evidenciados, nos deixa interrogações: onde ela teria conseguido tal informação? É possível que nos próprios jornais locais, assim como em de outras cidades. Qual a função exercida por ela? Seria realmente uma mulher a retrucar as críticas jornalísticas ou por trás de um falso nome estaria escondido alguém do gênero masculino?

Há contradições diversas sobre o número de leitores durante o período oitocentista. Discussão maior, há quando se trata de um público-leitor feminino. Acompanhamos, no primeiro capítulo deste trabalho, os números referentes à criação de escolas em Belém e, para fortalecer a ideia de um crescente público-leitor feminino em Belém, lançamos mão do trabalho de Irma Rizzini, que, ao pesquisar nas províncias amazônicas as tensões existentes entre a Igreja e a instrução pública, registra que após o conflito da cabanagem

As escolas femininas se alastraram, especialmente em Belém e Manaus, onde, ao final do Império, o número de alunas ultrapassou o de alunos. Por esta época, surgiram as escolas mistas, onde professoras ensinavam a ambos os sexos, até os nove ou dez anos de idade.¹⁴⁰

O próprio semanário nos autoriza à compreensão de que realmente seria uma mulher a retrucar as críticas jornalísticas. Além de escreverem certas colunas para elas em claro cortejo e amabilidade, os redatores – era natural cortejá-las a fim de aumentar ou manter as leitoras do jornal – sempre utilizavam expressões como: “queridas leitoras”, “amáveis leitoras” ou “permita-me beijar suas amáveis mãozinhas”. Além disso, antes de vir a público o artigo de Gervásia, o semanário lançou, na coluna “Um pouco de tudo”, uma nota informando seus leitores sobre o próximo artigo: “Na sessão competente vai o segundo artigo da Senra. D. Gervásia da Purificação”¹⁴¹.

¹³⁹ *Idem*, Nº 06, 06 de outubro de 1878, p. 04.

¹⁴⁰ Cf. RIZZINI, Irma. **O imaginário divino e o amor da pátria: tensões entre a igreja e a instrução pública nas províncias amazônicas**. Disponível em <http://www.fe.ufrj.br/artigos/n2/numero2-irmarizzini.pdf>. Acesso em 30 de Julho de 2011.

¹⁴¹ Jornal “O Espelho”, *ibidem*, p. 02.

Relacionado ao público feminino, apenas uma assinatura, além da de Gervásia, foi encontrada no jornal. Era de Amélia Pinheiro Nunes, assinada ao final de uma poesia fúnebre. Amélia pertencia à família Nunes, na cidade. Sobrenome influente sempre ligado ao mundo das belas-letas, o que possivelmente a mantinha em contato com livros e com discussões ligadas ao social ou ao literário.

Outra assinatura que obteve nossa atenção foi a de Joaquim Antônio. Seus escritos não o julgam um homem ligado à erudição ou ao exercício do intelecto. Ele próprio se julgava inculto e sem instrução. Seus artigos permitem-nos supor que suas impressões eram ditadas mais pela oralidade que pela leitura. Mas lia. Escrevia. Joaquim Antônio interpretava suas leituras a partir de seu conhecimento de mundo, caso clássico na relação que move texto e leitor. Era um homem da roça, segundo ele próprio, e, ao enviar sua primeira carta ao jornal, pediu:

Lembrei-me de lhes pedir que publiquem minhas impressões, depois de as corrigir bem entendido, pois se *elers* as lessem como me sahiram do bestunto, e como me acudiram ao bico da penna, xi! Eram capazes de me arrancar os cabellos e fazer-me careca!¹⁴²

Em seu segundo artigo, Joaquim Antônio mostrou-se maravilhado com os exames anuais das escolas. Ao presenciar, no mês de novembro de 1878, a festa e os discursos que fizeram parte dos exames, Joaquim encantou-se. Elogiou grandemente os alunos, os professores e o meio que, com esforço, resultava no “brilhante exame que prestaram os alumnos”¹⁴³

Sua admiração, evidenciada na escrita para o jornal, era baseada em um conjunto de opiniões alheias e em suas próprias impressões. Escreveu o que ouviu, durante as festas, pois ele mesmo dissera: “eu nada entendo destas cousas de grammatica; mas ouvi opiniões de pessoas competentes, e são essas opiniões que vou aqui externar.”¹⁴⁴.

Foi este o segundo artigo consecutivo que Joaquim Antônio escreveu para o jornal. Era a escrita, para ele, uma constante satisfação. Queria escrever e publicar sempre. Sua terceira carta, no entanto, não pôde ser publicada por falta de espaço. Seus escritos só foram publicados novamente na edição de número 17 (dezessete), quando, desses, pudemos constatar forte presença religiosa em sua vida e, conseqüentemente, em seus textos. Na edição de número 18 (dezoito) e 19 (dezenove) do semanário, Joaquim

¹⁴² *Idem*, n. 12, 24 de novembro de 1878, p. 04.

¹⁴³ *Idem*, *Ibidem*.

¹⁴⁴ *Idem*, *ibidem*.

Antônio fez citações da Bíblia e de trechos ditos pelo Padre Antônio Vieira, leituras que fizeram parte de sua vida.

O livro sobre a vida de Antônio Vieira era vendido na cidade, na tipografia do jornal *O apóstolo*.¹⁴⁵ Não era somente na cidade, entretanto, que Joaquim tinha acesso às leituras sobre a vida do Padre. Em nota de jornal, descobrimos que o leitor encomendava livros da capital, e, entre eles, volumes sobre a vida do padre Antônio Vieira. Na coluna “Anúncios”, de novembro de 1878, foi publicado que “Da capital veio ao tio Joaquim Antônio, sermão do padre Vieira, 03 volumes, - ao beneficiado [...] drama, “os maçons”, 01 volume.”¹⁴⁶

Acreditamos que as leituras feitas por Joaquim Antônio, assim como sua vivência, tenham repercutido em suas escritas. Estas mostraram sua maneira de pensar e de interagir com a leitura, a qual entrava em um processo de articulação com seus próprios saberes e vivências. Ele, como lia, escrevia. Escrevia porque lia. Homem de pouca instrução, Joaquim Antônio não se esquivou aos caminhos que poderiam levá-lo a um reconhecimento social, a uma nova identidade social, manifestada na e pela escrita. Nela, vez ou outra, escrevia sobre si mesmo e sobre o que lia. Fazia isso de modo peculiar, usando de expressões coloquiais, mostrando uma intimidade com o tom informal da língua: “se *elels* as lessem como me sahiram do bestunto, e como me acudiram ao bico da penna, xi!”.

Em relação às leituras de Joaquim Antônio, mostrou-se a nós fato interessante a controvérsia temática que ele adquiria. Lia a vida de Padre Antônio Vieira e lia sobre os maçons. Era controverso aos preceitos da Igreja Católica que condenava os princípios supostamente anticristãos da maçonaria. Não encontramos, em seus textos, contudo, referência direta à Ordem dos Maçons. Talvez, a leitura desse tema o ajudasse a preservar os princípios da Igreja Católica a partir de suas críticas quanto a qualquer comportamento não cristão. Dessa maneira, consideramos que esse leitor tenha se apropriado dos textos de forma muito particular, ratificando o que Roger Chartier viria a considerar como leitura: apropriação, invenção e produção de significados.¹⁴⁷

¹⁴⁵ O jornal *O apóstolo* pertencia à Igreja Católica. Sobre ele, não conseguimos maiores informações.

¹⁴⁶ Jornal *O Espelho*, n. 19, 26 de janeiro de 1879, p. 04.

¹⁴⁷ CHARTIER, Roger. **A aventura do Livro: Do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999, p. 77.

3.1.2 Nas sessões, outras impressões

As seções que dividiam as folhas do jornal *O Espelho* apresentavam títulos como: “um pouco de tudo”, “variedades”, “coluna variada”, “a pedido” e “espaço perdido”. Essas colunas eram divididas e preenchidas, respectivamente, da seguinte maneira: em “um pouco de tudo”, os assuntos principais que circulavam nessa coluna eram sobre as prevenções a respeito das assinaturas e do pagamento das mensalidades; sobre as peças teatrais a serem apresentadas; sobre as festas nupciais na cidade; sobre aulas e sobre qualquer outro assunto que pudesse noticiar as novidades acontecidas na região.

Boa parte da sessão era destinada às mulheres. Os redatores, buscando cativá-las à leitura do jornal, anunciavam banalidades sobre o cotidiano da cidade, ou chamavam-nas à atenção de alguma possível polêmica entre as leitoras e as críticas, feitas pelo jornal, ao comportamento feminino; alertavam-nas para a apresentação de alguma peça teatral; comentavam sobre algum baile dançante, acontecido na cidade e sobre as roupas usadas pelas moças: “os vossos *toillets* estiveram assim *nam()sque*, para servir-me de uma phrase popular”¹⁴⁸.

Preenchiam esse espaço sempre os redatores do jornal, informando, noticiando, usando da autoria jornalística que lhes era conferida para a divulgação noticiosa do jornal e para, segundo os próprios redatores, “relatar as principaes ocorrências”¹⁴⁹ para aquelas vistas como “formosas leitoras, fieis aos seus deveres”¹⁵⁰ da leitura semanária. O espaço “Um pouco de tudo” era um dos que mais se destacavam, por extensão de publicações: vários anúncios curtos, relatores dos acontecimentos semanais.

O espaço “variedades” era destinado às poesias. Essa seção era quase sempre preenchida por Manoel Roque Pinheiro e Manoel Epaminondas de Vasconcelos. O primeiro, aluno do externato “Cinco de Agosto”, mantinha seus textos sempre voltados para poesia. Vez ou outra, escrevia um conto, sempre a enaltecer o amor e a beleza feminina.

As publicações de Roque Pinheiro eram, em sua maioria, poesias e outros gêneros que versavam sobre o amor. Consideramos relevante para expor o perfil de leitor e de sujeito atuante em seu tempo. Manoel Roque Pinheiro, durante o ano de

¹⁴⁸ Jornal *O Espelho*, n. 07, 13 de outubro de 1878, p. 02.

¹⁴⁹ *Idem*, n. 10, 10 de novembro de 1878, p. 02.

¹⁵⁰ *Idem, Ibidem*.

1878, publicava poesias e outros gêneros que abordavam o amor, sempre com referências à “Marillia”¹⁵¹, um amor, talvez, impossível ou apenas alusão ao poema “Marília de Dirceu”, de Tomás Antônio Gonzaga, já que este título constava na lista do acervo da SLBCA. Ele publicou suas poesias amorosas ao longo de todo o ano de 1878, com exceção do último mês anual (dezembro), quando veio a público, nas páginas periódicas, uma poesia com temática diferente. Os versos tratavam sobre o amor ao livro, sobre o enriquecimento que podia ter o espírito por meio da instrução:

Ouve ó mocidade o bradar do século
 Pedindo luz! Luz?...e luz não temos?
 E onde está? (...)
 Eis mocidade – é o livro – o mestre mudo¹⁵²

Possivelmente, Manoel Roque teria mudado a temática de suas poesias pelo motivo de ter sido nomeado, recentemente, para participar da comissão de instrução da Sociedade Treze de Dezembro¹⁵³, em Vigia. Assumindo novo cargo, deveria ele incentivar a mocidade ao estudo, ao desenvolvimento do intelecto, e, assim, suas poesias precisavam de um novo tom, de um rosto que dissesse de sua nova função.

Curiosamente, após essa publicação, Manoel Roque só voltaria a publicar uma poesia em junho de 1879. Quando se referindo novamente à Marília, declama sua saudade e seu infinito amor:

A's dez horas

A's dez horas pensava em ti Marília!
 Meu peito a suspirar se debatia
 Minh'alma a delirar de dor gemia,
 Era tudo soffrimentos e saudade!
 (...)

A's dez horas da noite, na calada.
 Quando a lua mostra a face prateada,
 Não ouves minha bella e linda fada
 Os suspiros que solta o coração?...
 (...)

¹⁵¹ Possivelmente um nome fictício, uma espécie de pseudônimo.

¹⁵² Jornal *O Espelho*, n. 13, 01 de dezembro de 1878, p. 2-3

¹⁵³ A sociedade Treze de Dezembro, surgida também na cidade de Vigia, foi uma entre tantas outras sociedades de cunho cultural, surgidas no Brasil, durante o período. Não nos detivemos a descrevê-la ou a dar maiores detalhes sobre sua constituição, pelo fato de que não pertence ao nosso objeto de estudo e nos tomariam uma parte do tempo que, por sua brevidade, não pode ser dispensada a assuntos outros não relacionados diretamente com o propósito do trabalho.

A's dez horas pensando em ti, medito
 Na tua rara formosura, anjo bemdito.
 E me julgo transportado no infinito!
 Sinto na alma encantada, doce amor!
 Recordando, porém, que logo estás,
 Fico cheio de tristeza e o mordaz
 Espinho da saudade, muda a paz
 Do amante coração em mágoa, em dor.

A's dez horas, quando o ceo está brilhante,
 Embriaga e deleita o peito amante
 Que gosa de praser sempre constante
 Recompensa do affeto que com ardor
 Deu a joven que ahi bem perto existe,
 Minha alma á saudade não resiste;
 Porem crendo e esperando ela presiste
 Em votar-te, ó Marilia, o seu amor!

11 de janeiro de 1879
 M. Roque Pinheiro¹⁵⁴

Depois desse retorno, outras poesias foram publicadas e referenciadas à Marília, para quem ele desejava seu eterno amor e sua eterna amizade. Junto a ele, outros escritores dedicaram-se a cooperar com a sessão.

Manoel Epaminondas e outros nomes, autores de prosa e verso, escreveram poesias fúnebres, acrósticos e outros gêneros ligados ao poético. Essa sessão, que até a publicação número 04 (quatro) do jornal, vinha em conjunto com a sessão “coluna variada”. Esta nova seção dedicava-se também à publicação de prosas, algumas, por exemplo, extraídas de outros jornais, trazendo ao final a abreviatura “*Extr.*”. O espaço “Variedades” sempre foi à luz das publicações. Continuamente preenchido em sua totalidade espacial, algumas vezes deixando de fora poesias e prosas que chegavam à redação do jornal, quando a economia do espaço não permitia certa publicação, os redatores sempre se desculpavam com os escritores e com os leitores:

Fica em nosso poder uma poesia do nosso inteligente amigo Abraham Atayde, que não publicamos hoje por falta de espaço, promettendo fazel-o no n. vindouro, e pedindo mil desculpas ao seu autor.
 Pela mesma razão interrompemos a traducção do nosso dedicado amigo Severo Nunes.¹⁵⁵

¹⁵⁴ Publicada no jornal *O Espelho*, nº 36, 09 de junho de 1879, p. 04.

¹⁵⁵ *Idem*, nº 37, 22 de junho de 1879, p. 02.

O espaço “Columna variada” era sucessivamente preenchido por críticas em tom satírico e irônico, assim como por anedotas que mantinham o tom satírico da Igreja à política da cidade e da capital. Demócrito, responsável pela criticidade das informações, não aparece em todas as edições do jornal. A própria coluna deixa de aparecer, ainda na edição de número 14 (quatorze). Talvez, Demócrito tenha se ausentado da redação do jornal. Ele havia passado algum tempo afastado e, ao retornar, levou a público mais uma publicação do espaço em questão, ao mesmo tempo em que se desculpava com os leitores. Após esse regresso, Demócrito e sua coluna desaparecem novamente, dessa vez sem retorno até o último ano de publicação do jornal.

Na mesma edição que finalizou a participação de Demócrito e da seção “coluna variada”, surgiu uma nova coluna: “Espaço perdido”. Essa também era receptora de poesias, mais que isso, era uma espécie de espaço misto, que abrigava diversos gêneros do jornal, tais como: anúncios, críticas, informações políticas, entre outros. Provavelmente, a nova coluna teria por objetivo suprir a ausência da antiga. O resultado, todavia, foi uma mistura de assuntos diversificados. Algumas páginas do jornal mais pareciam um espaço-folhetim, no qual era publicado uma diversidade de gêneros.

Entre todos os espaços divulgados no jornal, havia a sessão “Literatura”, presente pela primeira vez nas páginas de *O Espelho*, na edição de número 21, de 09 de fevereiro de 1879¹⁵⁶. As publicações que ali foram vinculadas exibiam o que parecia ser um romance. A primeira publicação se intitulava *Esmeralda*. Era dividida em 04(quatro) capítulos curtos. Na primeira publicação, ocupou uma coluna e meia da página jornalística e exibiu ao seu final a expressão “*extr.*”, o que, possivelmente, indica que o texto foi extraído de outros jornais.

A segunda publicação que ocupou o espaço “Literatura” foi um texto chamado *A cruz de marfim*, publicado na edição número 24, de 02 de março de 1879¹⁵⁷, sem referências à autoria, publicado em quatro capítulos. O primeiro ocupou uma página inteira do jornal e estampou ao final do capítulo a expressão “*continnua*”. Na edição seguinte, foi publicado o segundo capítulo que, em maior extensão que o primeiro, ocupou 02 (duas) páginas do jornal e ainda teve continuidade. A conclusão se deu na edição posterior, com o terceiro e quarto capítulos. Este texto havia sido extraído do jornal *Diário de Belém*.

¹⁵⁶ *Idem*, n° 21, 09 de fevereiro de 1879, p. 02.

¹⁵⁷ *Idem*, N° 24, 02 março de 1879, p. 01.

O jornal *O Espelho* em muito diversificou as publicações literárias, do período oitocentista, na cidade de Vigia. No tocante a isso, publicou poesias, anedotas, epigramas, acrósticos, charadas e outros gêneros que agradavam aos olhos e à percepção do leitor vigiense.

3.2 JORNAL *O CINCO DE AGOSTO*, PROPRIEDADE DA SOCIEDADE LITERÁRIA E BENEFICENTE CINCO DE AGOSTO



Figura 13: folha de rosto do jornal *O Cinco de Agosto*

O jornal teve sua primeira edição em 11 de setembro de 1938 e a última em 20 de fevereiro de 1944. Como órgão jornalístico pertencente à SLBCA, o jornal manteve sua direção e redação, ao longo de sua duração, sempre pelas mesmas pessoas: Redator-chefe – Marciolino Alves, redator secretário – Manoel Alves Raiol e como gerenciador – Raul Ferreira.

Sua primeira edição noticiava ser o órgão um instrumento criado pela coragem e pela expressão de boa vontade dos novos diretores da SLBCA. Segundo eles, o jornal estaria preenchendo uma lacuna que há muito se percebia na cidade: a falta de um jornal que pudesse contribuir com as informações locais, nacionais e até internacionais e que fosse capaz de interagir com o público local e com as pessoas de outras regiões.

A função primordial, no entanto, do periódico quinzenal era restaurar por meio de suas colunas postadas com artigos, anúncios e outros gêneros a disposição dos jovens para a educação, impulsionar a busca pelo desenvolvimento do intelecto que nos primórdios da sociedade tanto foi motivo de discussões por um grupo intelectualizado. Para tanto, as páginas do jornal seriam:

O posto de combate e de sacrifício e por suas colunas havemos de chamar a rebate a mocidade dessa terra e faze-la despertar do criminoso lethargo em

que jaz, de há muito, naturalmente, por falta de um estímulo vivificador. (...) confiamos por isso na juventude alacre da vigia, e com sua ajuda, já desperta, contamos levantar o nível intelectual deste rincão.¹⁵⁸

De circulação quinzenal, sua primeira edição foi a público em 11 de setembro de 1938, com preço de \$ 400 o número do dia. Anunciava ainda que os números atrasados sofreriam um acréscimo dobrado, chegando a \$ 800.

O dia escolhido para o lançamento do jornal foi repleto de festividades, pois, nesse dia, também se homenageava a padroeira da cidade: Nossa Senhora de Nazaré.

Sendo o jornal de caráter religioso, uma vez que a sociedade, ainda que se tivesse laicizado, mantinha um cunho cristão, suas primeiras publicações foram dedicadas à festa da padroeira e aos preceitos religiosos. Não apenas as primeiras publicações, mas a maioria de suas páginas era ocupada por artigos cristãos e de incentivo ao culto religioso.

Não queremos, com isso, dizer que o jornal fugiu ao cunho jornalístico e noticioso, divulgando e informando sobre a festa e sobre os demais assuntos religiosos. Entendemos que por ser a data marcada por um tema religioso, tornou-se natural a publicação de artigos e mensagens devotas capazes de dizer do contentamento e da fé dos moradores da cidade. Foi notável, todavia, nas páginas jornalísticas, ao longo da duração do periódico, o fato de que ele se manteve fiel aos preceitos de base cristã.

Ainda por essa ocasião, o jornal proclamou todas as honrarias e todas as dedicatórias aos fundadores primeiros da sociedade, assim como aos atuais. O periódico, como instrumento de divulgação e informação da SLBCA, cantou a Instituição em versos e prosas:

Dedicado á Sociedade Litteraria Cinco de Agosto

Feliz bem seja a tua projecção
Em um porvir de plena alacridade
Orgulhecendo a nova geração,
Que te quer na maior prosperidade.

(...)

És a herança de nossos ancestrais.
Desses vultos que, na literatura,
De glória formaram-te os annaes

(...)

¹⁵⁸ *Idem*, nº 02, 25 de setembro de 1938, p. 02.

Vigia, 27 de julho de 1935
Manoel Saraiva¹⁵⁹

A saudação lida na festa solene de reinauguração da sociedade também foi publicada no jornal. Lauro Ferreira foi quem ditou as palavras:

Á “Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto”, representante legítima das tradições intelectuais de minha terra, saúdo neste dia, formulando os melhores votos pela sua grandeza e prosperidade. A todos os conterrâneos, seus atuais diretores e socios, lanço desta Capital o meu veemente apelo, como a expressão melhor do meu amor a Vigia, para que não se esmoreçam nunca no prosseguimento da obra grandiosa que se vem processando através de muitas gerações, no seio da “Cinco de Agosto”, pelo alevantamento moral e intelectual de nossa terra”.¹⁶⁰

Ao longo de seu tempo de publicação, constatou-se que o jornal, para além das notícias religiosas, possuía um vastíssimo número de informações, principalmente sobre o quotidiano da cidade e de capitais diversas. Publicava sobre economia, política, crime, a vida cultural e social, entre outras informações.

Não parecia ter o jornal uma organização quanto à ordem ou à hierarquia das sessões. O periódico era dividido em 04 (quatro) colunas que apresentavam, ora um artigo religioso, ora um artigo científico, ora a transcrição de algum discurso solene. Não havia, comumente, uma chamada por títulos de sessão, salvo sobre os fatos sociais da cidade, que vinham intitulados “Factos sociaes”, onde se lia sobre aniversários, casamentos, acontecimentos fúnebres, além de outros. A economia da página, após o término das divulgações noticiosas, era preservada, geralmente por um quadro ou linha demarcatória para que um novo assunto fosse inserido.

Havia publicações de cunho literário, como poesias, por exemplo, que geralmente apareciam na coluna central, dividindo a página em 03 (três) colunas apenas, impressadas entre uma coluna noticiosa e outra publicitária e, outras vezes, ocupando a metade de uma página, mas sempre sem uma seção definida ou especificada.

Geralmente, junto às poesias, também era publicado um conto ou uma crônica. Esses gêneros publicados, geralmente, eram escritos por autores da cidade de Vigia. Aliás, era uma das funções do jornal incentivar a escrita dos jovens, ofertando-lhes espaço no jornal para publicação.

¹⁵⁹ Jornal *O Cinco de Agosto*, nº 01, 11 de setembro de 1938, p. 03.

¹⁶⁰ *Idem, Ibidem*, p. 03

Quanto às publicações extrínsecas à cidade, como as de autores renomados pela literatura nacional, encontramos apenas 02 (duas): Olavo Bilac (Madalena) e Guimarães Passos (Teu lenço). Algumas poesias publicadas de autores nem tão conhecidos, como C. Paula Barros, por exemplo, também eram publicadas. Curiosamente, o nome de C. Paula Barros constava no acervo da biblioteca da SLBCA, evidenciando aspectos relativos às leituras feitas na biblioteca e servindo de embasamento para algumas publicações no jornal, tal qual a de poemas¹⁶¹.

O professor José Ildone referiu-se a essa pouca expressão da Literatura no jornal *O Espelho* em entrevista a nós concedida.¹⁶² Conferimos, no entanto, que essa pouca expressividade literária era latente, sim, no jornal *O Cinco de Agosto*, já no século XX. Das publicações, é clara a presença de assuntos ligados ao noticioso, em sua maioria, às notícias sobre as ações da SLBCA. Várias outras informações sobre os acontecimentos sociais, políticos e culturais eram publicadas, especialmente quando essas tinham alguma relação com a cidade de Vigia.

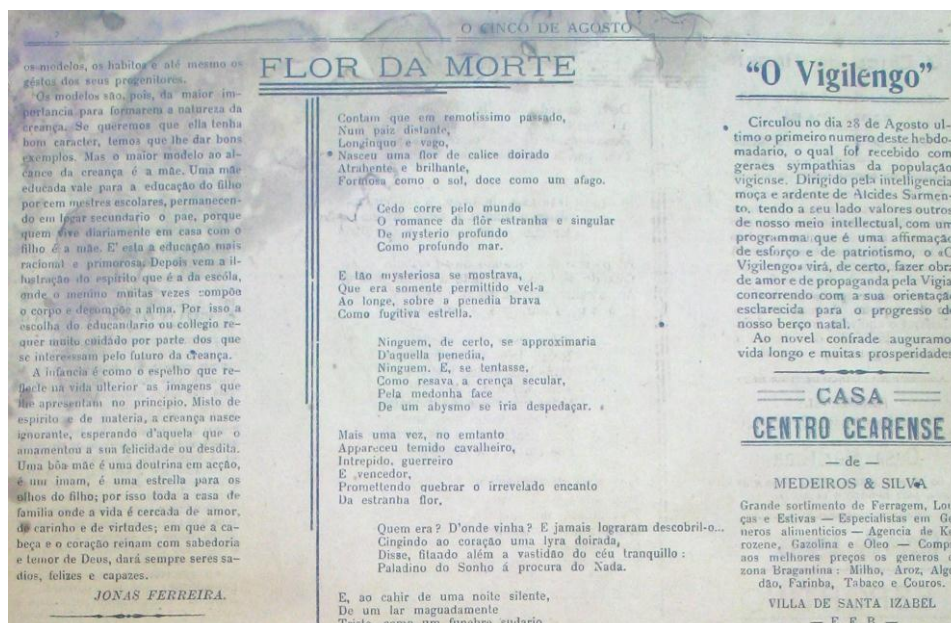


Figura 14: página do jornal *Cinco de Agosto*

A figura 14 (quatorze) exemplifica a posição que geralmente ocupavam as poesias no periódico, quase sempre acompanhadas de anúncios comerciais. Os anúncios publicitários, aliás, ocupavam um grande espaço no jornal, algumas vezes 80% de uma página. Entre esses anúncios, constava a divulgação de uma panificadora (padaria

¹⁶¹ Cf. obra na lista catalográfica.

¹⁶² Conferir entrevista em CD anexada a este trabalho

modelo), de casa comercial de tecidos (casa Dário e casa Pérola) de máquinas de costura (casa Singer) e de outros mais.

Toda a configuração jornalística, assim como os esforços somados de um novo grupo de homens, ligados ao campo intelectual, tinha como objetivo maior a integração dos jovens vigienses ao mundo cultural. Na busca pela execução dessa intenção, os jornais incentivaram e contaram com a participação de diversos nomes que se deixaram marcar nas páginas periódicas.

3.3. OS LEITORES COLABORADORES DAS PÁGINAS JORNALÍSTICAS

Foi constante a participação local nas páginas do jornal *O Cinco de Agosto*. Ao longo de todo o jornal, encontramos, aproximadamente, um total de 15 (quinze) poesias, assinadas por Alves de Sousa, que participou do ato de reorganização da SLBCA em 1902; Manoel Saraiva, redator e proprietário do jornal *Lusco-Fusco*; Esther Nunes Biba, professora e poetisa da cidade de Vigia. Ela que havia dispensado, durante a campanha de arrecadação de livros para a biblioteca, uma determinada quantia em dinheiro à Sociedade, foi enfática em condicionar sua doação à compra de um livro útil que servisse para a formação intelectual dos jovens. Tal obra poderia ser um romance, um livro de poesias ou outro gênero qualquer ligado ao mundo das belas-lettras. Lançamos a possibilidade a partir de suas publicações poéticas, nas páginas jornalísticas que eram majoritariamente poéticas, fossem elas em tom religioso ou amoroso. Dando continuidade aos nomes das pessoas que publicavam suas poesias no jornal, temos: Diniz Costa, com suas poesias em tom religioso e social; Serafim Raiol; Abrahão Atayde; Amadeu Lopes; Diniz Costa; Theodoro Rodrigues; Alirio Pinheiro; Amadeu Lopes e Augusto Roque. Theodoro Rodrigues e Evaristo Ferreira, escritores locais pertencentes ao século XIX, tiveram postadas suas poesias como lembrança de um período considerado, pelos redatores, áureos para a sociedade vigiense.

As escritas que se apresentavam nas páginas de *O Cinco de Agosto* ainda eram imbuídas de precedentes românticos, com escritores que se engajavam em um movimento de denúncia e de crítica social. Mas, concordamos que não somente por denúncia escreviam esses homens para o jornal. A prosa, a poesia, a crítica e outros

gêneros eram uma espécie de ponte para a entrada no prestigiado mundo intelectualizado da cidade, assim como fora no tempo da criação da SLBCA.

Entre os que contribuíram com as páginas periódicas, elencamos 01 (um) nome que, longe de ser uma escolha aleatória, mostrou-se relevante para a formulação do trabalho, tanto pela recorrência de assinaturas nas publicações quanto pelas informações que fugiram à escassez das demais.

3.3.1. Jonas Ferreira, das impressões militares para a escrita do jornal

Jonas Ferreira. Membro da Sociedade Beneficente São Sebastião. Ocupava o posto de tesoureiro da Instituição. Além de sua função ligada ao mundo intelectual, era também comerciante: proprietário de uma casa de tecidos¹⁶³ e talvez fosse ou tivesse sido ligado ao exercício militar. Várias vezes encontramos como referência a ele o título de tenente-coronel. Profissões diversas e diferentes de um homem ligado ao mundo das belas-lettras.

Homem moralista, como ele próprio se denominou¹⁶⁴, escrevia artigos de cunho moralizante. Fazia conhecer ao público seu repúdio por situações adversas que contrariassem sua concepção de moral e de bons costumes. Uma dessas ocorrências foi a inserção do “jogo do bicho” na cidade de Vigia, para o qual Jonas Ferreira se mostrou insatisfeito pela proliferação daquilo que ele considerava déspota e do qual o homem se tornava escravo, e, então, declarou:

Vendo que na minha terra já vae predominantemente essa maldição, com o chamado jogo do BICHO. (...)
Realmente o jogo é um dos mais importantes assuntos que interessar possa a penna do moralista; por isso combatel-o é uma obrigação.¹⁶⁵

Os artigos de Jonas Ferreira sempre traziam um tom moralizante. Talvez, esse perfil tenha sido parcialmente conseguido com a ajuda do militarismo: conservador nas ideias e nas atitudes moralistas. Não por acaso, ele também foi moldado pela situação do momento, no qual o ideal passava pelo exercício e aperfeiçoamento da moral. Para

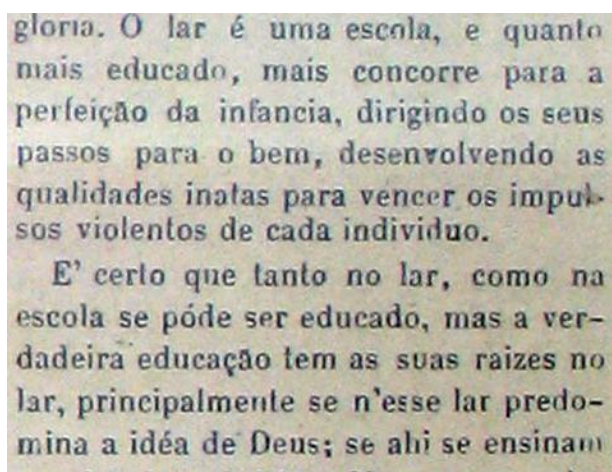
¹⁶³ Informações retiradas do jornal vigiense *O Lusco-Fusco*, nº 01, 1º de janeiro de 1923, p. 04

¹⁶⁴ *Idem, Ibidem*

¹⁶⁵ *Idem, Ibidem.*

ele, a boa imprensa, por exemplo, era a que instruía e educava o sentimento social no grau mais elevado.¹⁶⁶

A maioria de seus artigos, contudo, era sobre temas cristãos. Dotados de uma grande religiosidade, os escritos deixavam claro algumas de suas preferências literárias. A Bíblia, possivelmente, era uma delas. A avaliação se dá em torno de suas próprias palavras, escritas para o jornal: “Que os nossos pensamentos se guiem pelos exemplos emanados das doutrinas de Jesus”¹⁶⁷. Um sujeito que se torna construtor a partir de suas experiências como leitor: “muitas vezes o que se leu é o filtro que permite dar sentimento à experiência”¹⁶⁸, afirmou Ricardo Piglia. Assim, Jonas talvez tenha encontrado nas passagens bíblicas o modelo pelo qual se poderia viver. Da mesma forma que seus escritos descreviam suas impressões literárias, também expunham seu comportamento social. Preocupado com a boa formação do espírito, do corpo e da mente, ele declarava ser a família a instituição em mais alto grau de moralidade capaz de educar o sentimento social das pessoas.



gloria. O lar é uma escola, e quanto mais educado, mais concorre para a perfeição da infancia, dirigindo os seus passos para o bem, desenvolvendo as qualidades inatas para vencer os impulsos violentos de cada individuo.

E' certo que tanto no lar, como na escola se póde ser educado, mas a verdadeira educação tem as suas raizes no lar, principalmente se n'esse lar predomina a idéa de Deus; se ali se ensinam

Figura 15: excerto do artigo intitulado: A educação do lar.¹⁶⁹

O artigo “A educação do lar” nos mostra a experiência acumulada desse homem, tanto pela leitura como pelo seu modo de vida: moral, conduta condizente com aquilo que acreditava ser ético, bases cristãs entre outras impressões que fugiram a nossa capacidade de percepção.

¹⁶⁶ Jornal *O Cinco de Agosto*, n. 02, 25 de setembro de 1938, p. 01.

¹⁶⁷ *Idem, Ibidem*, n. 16, 09 de maio de 1941, p. 02.

¹⁶⁸ PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 98.

¹⁶⁹ Jornal *O Cinco de Agosto*, *Op. Cit.*

Em suma, foram todos eles, leitores e escritores de uma época, ligados a um grupo intelectualizado, que acreditavam na formação do espírito, pela leitura daquilo que era considerado ideal para a formação social de uma determinada comunidade, de uma determinada organização institucional que fizeram valer a verdade de que “um texto pode ser lido somente *porque* é inacabado, deixando assim espaço para o trabalho do leitor.”¹⁷⁰

¹⁷⁰ MANGUEL, Alberto. *Op. Cit.*, p. 112.

CONCLUSÃO

À intenção deste trabalho – pautada, principalmente, na possibilidade de recuperação de uma história cultural e social, ditada por ideais de um determinado momento e construída a partir de textos que, por ventura, se poderiam dar por perdidos, ao longo do tempo, sem que fosse permitida a chance de os leitores contemporâneos conhecerem parte da historiografia literária paraense – somou-se a certeza de que, relacionado à história literária e da leitura, muitos dados ainda precisam ser recuperados. Além disso, temos a certeza de que a importância dada pela crítica literária aos centros urbanos, palco de maior intelectualidade, por extensão territorial, demográfica ou educacional, não satisfaz aquilo que se deseja por completude de informações.

No processo de formação de um grupo social, a relação livro-leitor é permeada, entre outros parâmetros, pela função simbólica que o livro exerce sobre o leitor: *status* cultural e intelectual, por exemplo. A partir de pressupostos como esse, podemos constatar o quanto a movimentação oitocentista influenciou o meio vigiense, a partir de uma classe intelectualizada, disposta a enquadrar a cidade aos moldes europeus, como um centro que tentava alcançar o progresso do século XIX.

De acordo com o professor José Ildone, a fundação da *Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto* foi a continuação de um processo de formação intelectual dos jesuítas, começado ainda no século XVII. Outrossim, paira em nossa conclusão que a busca pela inserção no conjunto que ajudaria a formar o ideal nacional brasileiro pautou-se, sim, nas novas tendências do Romantismo, justamente na contradição que havia entre as ideias coloniais e o pensamento de liberdade. “Libertar-se” era a palavra de ordem! Libertar-se dos domínios portugueses, libertar-se da escravidão e de tudo o que pudesse ligar o país ao atraso do colonialismo.

As evidências ficaram por conta de um grupo de escritores vigienses, marcadamente envolvidos com as questões do período. Poesias que exaltavam o livro e a instrução, vista como caminho para o progresso social e cultural da cidade; artigos que procuravam estabelecer com seus leitores uma cumplicidade desejosa de formar a mentalidade dos sujeitos.

Mas concordamos que ainda há conceitos cristalizados. As bases de ensinamento religioso dos jesuítas e suas ações em torno de construções arquitetônicas e

educacionais atravessaram os séculos, e, se fazem presentes ainda na concepção vigiense. Esse entendimento, todavia, não interrompeu as transformações ocorridas ao longo do período oitocentista na cidade que, formando um grupo de intelectuais, lançou-se ao mundo das belas-lettras, ajudando a alicerçar a efervescente vida cultural e social que se fazia presente na capital paraense nos finais do século XIX.

A movimentação foi capaz de despertar não apenas aqueles ligados ao exercício das belas-lettras para o modo de vida cultural que se apresentava, mas também pessoas que, desejosas de expressão, lançaram-se à participação no movimento de modificações culturais e sociais da cidade. Dessa maneira, lançamos mão da escrita de alguns sujeitos para identificar o modo de vida, a função social e as leituras que possivelmente faziam.

Lançamos mão dos escritos do Sr. Joaquim Antônio a fim de que nos fosse dada uma pista sobre suas leituras. Ao constatarmos ser ele leitor da vida do padre Antônio Vieira, concordamos que tal leitura não faria dele um sacerdote de linguagem culta, dentro do estereótipo das normas literárias. Inferimos, todavia, que tal texto impactou a vida do leitor, contribuindo para aquilo que ele julgava ser verdadeiro, dentro dos princípios morais cristãs. A livre interpretação que fez de sua leitura, ao mesmo tempo em que compartilhou apaixonadamente da tese religiosa em voga, influenciou o senhor leitor a escrever, sempre, sobre a moralidade e as virtudes encontradas em bases cristãs.

Uma vez notificado os personagens que compunham o grupo restrito intelectual na cidade e evidenciadas suas ações em torno de um ideal, deparamo-nos com as consequências da mobilização: a formação de bibliotecas, os livros para preenchê-la e a criação de jornais para divulgar os preceitos da época.

No que tange aos jornais, constatamos sua eficácia, como propagador de informação e comunicação, em fazer com que os espaços de sociabilidade, promovidos em associações, igrejas e outras instituições locais se tornassem públicos, não apenas pela divulgação do que vinha sendo realizado, discutido e executado, mas pela maneira com que envolveu também os leitores, fazendo-os membros sociais do espaço discursivo.

A eficácia dos periódicos se pautou também no poder comunicacional que mantinha com os leitores, por mais que alguns redatores alimentassem uma linguagem próxima à erudição, o que era raro nos jornais de Vigia, os leitores conseguiam acompanhar e dar o retorno ao jornal na forma de artigos críticos, que se contrapunham ou não às polêmicas emitidas pelo jornal.

Não queremos aqui afirmar que os jornais ou outros propagadores da leitura promoveram a ascensão da cidade de Vigia à cultura letrada. Importa-nos ressaltar, todavia, que a prática por eles exercida foi essencial para estimular a leitura na região e tornar visível ao mundo as impressões de pessoas, aparentemente, desconhecidas.

Os fatos relatados nos permitiram concluir que os órgãos participantes do processo de formação intelectual, na cidade (Sociedades literárias e beneficentes, jornais, externatos, escolas primárias e secundárias, bailes dançantes com discussões moralizantes e de base instrucional) consolidaram uma cultura associativa, não apenas ao longo do período oitocentista, mas também na atualidade vigiense.

Asseveramos “na atualidade” pelo fato de que permanece, ao longo do tempo, erguida a Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto. Com um novo rosto e com novos rostos, mas ainda mantenedora de ideais parecidos com os do início de sua criação. Sempre buscando incentivar a educação e a leitura na cidade, a instituição, que no início desse trabalho (2009), funcionava sob a direção do professor José Ildone, participante e informante dessa pesquisa, busca atualmente sobreviver ainda de doações e contribuições mensais ou anuais dos sócios. A direção atual, de Igo Soeiro, revela-se apaixonada e competente para dar continuidade aos ideais iniciados na segunda metade do século XIX.

Essa pesquisa, longe de estar acabada – assim versou Drummond na introdução deste trabalho sobre a escrita do livro – leva-nos à certeza de que muito ainda há de ser recuperado. Esperamos abrir caminhos para a continuidade desse trabalho. Não podemos deixar de lamentar, todavia, sua incompletude.

O período de 02 (dois) anos para a execução de um trabalho como este não se faz suficiente para satisfazer coerentemente a análise, por exemplo, sobre a vida dos colunistas, sobre os anônimos escritores dos jornais. Tal estudo, certamente, requer um tempo maior que promova a averiguação detalhada em documentos de cartórios e outras fontes. Esperamos, contudo, que essa não seja a última página.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. A censura e o controle dos livros. In: _____. **Os caminhos dos livros**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura no Brasil (ALB), 2003.

_____. **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura no Brasil (ALB), São Paulo: FAPESP, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. **Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental**. Trad. Selvino Assmann. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ALMEIDA, Wilkler & ILDONE, José. **Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”**. Levantamento histórico. Vigia de Nazaré, 2008.

AZEVEDO, J. Eustachio. **Literatura Paraense**. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. Secretaria de Estado da Cultura, 1990. (lendo o Pará, 7).

_____. **Antologia Amazônica (poetas paraenses)**. Belém: Typografia da casa editora Pinto Barbosa, 1904.

BORGES, Ricardo. **Vultos Notáveis do Pará**. 2. ed. Belém: CEJUP, 1986.

CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. In: _____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1980.

CARNEIRO, Daniel Augusto Moraes. **A tipografia e a divulgação e publicação literária no Pará**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Língua e Literatura Vernáculas, da UFPA. Belém, 2003. Catálogo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Arthur Vianna séculos XVII-XIX. Despostos e Turismo, 1985.

CHARTIER, Roger. Comunidade de Leitores. In: _____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**, Brasília, editora UnB, 1994.

_____. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007.

_____. **A aventura do Livro: Do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. Do palco à página. In: _____. **Entre o palco e a página: publicar teatros e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)**. Trad. Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2002.

CLÓVIS, Meira; ILDONE, José; CASTRO, Acyr. **Introdução à Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990.

COELHO, Marinilce Oliveira. Entre Livros e Cafés. In: _____. **O Grupo dos Novos (1946-1952):** Memórias Literárias de Belém do Pará: EDUFPA: UNAMAZ, 2005.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Bibliotecas de Médicos e Advogados do Rio de Janeiro: dever e lazer em um só lugar. In: _____. ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, História e História da Leitura.** Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura no Brasil, 1999.

GARCIA NOBRE, Izenete. **Leitura a vapor:** a cultura letrada na Belém oitocentista. Dissertação apresentada à UFPA (Universidade Federal do Pará), na área de estudos literários, para obtenção do grau em mestre, ano de 2009.

HANSEN, João Adolfo. Leituras Coloniais. In: _____. ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, História e História da Leitura.** Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura no Brasil, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Leitura Rarefeita:** Leitura e Livros no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.

LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média.** Trad. Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LOBO, Jorge Raul B. **Vigialma Nossa:** História, Cultura e Turismo. Vigia de Nazaré: [s.n.] 2007.

LUSTOSA, Isabel. . **Insultos Impressos:** a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHADO, Ubiratan. **A etiqueta de livros no Brasil:** Subsídios para uma história das livrarias brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura.** Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARANHÃO, Haroldo. **Pará, capital:** Belém – memória & pessoas & coisas & loisas da cidade. Belém: Funbel, 2000.

MEIRA, Clóvis, ILDONE, José; CASTRO, Acyr. **Introdução à Literatura no Pará.** Belém: CEJUP, 1990.

MORAES, Rubens Borba. **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial.** 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MOREIRA, Eidorfe. Obras reunidas. v. VI. Belém: Cejup, 1979.

NUNES, Benedito. Entrevista ao jornalista Lúcio Flavio Pinto. In: _____. **o roteiro dos livros de um sábio paraense**. Asas da palavra – revista de Letras, Belém: UNAMA, v. 12, nº 25, 2009.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RAIOL, Domingos Antônio. **Motins políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da província do Pará desde o ano de 1821 até 1835**. v. 2. Tomos III e IV. Coleção Amazônica Série José Verissimo. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.

REGO, Clóvis Moraes. **A Mina na “Literatura nortista” de Eustachio de Azevedo n’ “O Pará literário” de Theodoro Rodrigues**. Belém: UFPA, 1997.

RONCARI, Luiz. **Dos Primórdios Cronistas aos Últimos Românticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**: esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992 (coleção amazoniana).

SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos (1969-1973)**. Belém: PAKATATU, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é Literatura?**. São Paulo: Ática, 1989.

SCHAPOCHNIK, Nelson. **Os Jardins das delícias**: Gabinetes literários, bibliotecas e figurações na corte imperial. Tese apresentada ao Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.

SERAFIM LEITE, S.I. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo IV. Livro V. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943.

_____. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Org. Cesar Augusto dos Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

S.J, Padre Hélio Abranches Viotii. **Padre Serafim Leite (1890-1969)** Edições Loyola, 1999.

VILLALTA, Luiz Carlos. Os leitores e os usos dos livros na América Portuguesa. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura no Brasil, 1999.

_____. Bibliotecas privadas e práticas de leitura no Brasil Colonial. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura no Brasil, 1999.

WERNECK SODRÉ, Nelson. História da Literatura Brasileira, 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: O romance Machadiano e o público de literatura no século 19.** São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004

_____. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WITTMAN, Reinhard. **Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII?** In: **História da leitura no mundo ocidental.** Org. Guglielmo Carvallo e Roger Chartier. São Paulo: Ática, 1999

REFERÊNCIAS EM MEIO ELETRÔNICO

AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta: “A Moreninha” e “Os Dois Amores”**, 1988, 225f. Dissertação (mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade estadual de Campinas. Campinas. São Paulo. p. 41. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/valeria.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2011.

Constituição política do Império do Brasil – carta de lei de 25 de março de 1824. Disponível em: <http://www.monarquia.org.br/NOVO/Pdf/CONSTITUICAODOIMPERIO.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2011.

Discurso recitado pelo Exm. Snr. doutor Bernardo de Souza Franco, presidente da província do Pará quando abriu a Assembleia Legislativa Provincial no dia 15 de agosto de 1839. Pará, Typ. de Santos & menor, 1839. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/498/000006.html>. Acesso em: 20 out. 2010.

HANSEN, João Adolfo. **Drummond e o livro inútil.** Disponível em <http://www.sibila.com.br/index.php/mapa-da-lingua/428-drummond-e-o-livro-inutil>. Acesso em 20 de Junho de 2010.

Márcia Abreu, Nelson Shapochinik *et all*: **Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX.** Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2011.

RIZZINI, Irma. **O imaginário divino e o amor da pátria: tensões entre a igreja e a instrução pública nas províncias amazônicas.** Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/artigos/n2/numero2-irmarizzini.pdf> >. Acesso em: 30 jul. 2011.

SALES, Germana Araújo. **Folhetins**: Uma prática de leitura no século XIX. Entrelaces. Ceará, ano I, volume I. 14 páginas. Agosto, 2007. Disponível em: <<http://www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2010

VEIGA, Cynthia G.; VIANA, Fabiana da Silva & MACHADO, Cláudia M. J. Peixoto *In*: Delegados Literários da Instrução Pública: A construção de um novo ator social a partir da lei n° 13 de 1835. CONGRESSO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES, 5. **Anais CONIFES**, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu1705.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

PERIÓDICOS

Diário de Belém (1869-1892)

Diário Oficial do Estado do Pará. Ano IV – 6º da República – nº 967. Belém, Quarta feira, 3 de Outubro de 1894.

Gazeta da Vigia (1924-1926)

Jornal do Pará (1862-1878)

O Espelho (1878-1879)

O Cinco de Agosto (1938-1944)

O Lusco –Fusco (1923-1924)

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, v.9, 1966-1967.

LEGISLAÇÃO E DOCUMENTOS MANUSCRITOS DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARÁ

FUNDO DA SECRETARIA DA PRESIDÊNCIA DA PROVÍNCIA.

Série ofícios, caixa 312 (1870 – 1879) – ofícios de diversas sociedades.

Ofícios da sociedade “cinco de agosto” ao presidente da província.

Ofício de 25 de junho de 1877- remessa de donativo, realizada pela SLBCA às vítimas da seca no Nordeste.

Ofício de 25 de junho de 1877- confere a qualidade de sócio Benemérito ao presidente da provincia Dr. Capistrano Bandeira de M. Filho.

Ofício de 03 de agosto 1873 – elogio ao presidente da província pelas providências em favor dos flagelados da epidemia de varíola em Vigia.

Ofício de 11 de agosto de 1877 - agradecimento pelo envio de material para a biblioteca da SLBCA.

Ofício de 06 de setembro de 1877 - Demonstração dos donativos em favor das vítimas da seca no Nordeste.

Ofício de 06 do outubro de 1877 - comunicado de aulas gratuitas no externato da Cinco ao presidente da Província.

Ofício de 09 de outubro de 1877 - agradecimento pelo envio de material para a biblioteca da SLBCA.

Ofício de 15 do outubro de 1878 - pedindo material para a biblioteca ao novo presidente da província Dr. Jose Joaquim.

Ofício de 17 de novembro de 1877 – comunicado ao presidente da província sobre as aulas gratuitas no externato da “SLBCA”.

Ofício de 28 de dezembro 1876 – agradecimento pelo envio de material a biblioteca da SLBCA.

Ofício de 1877 – lista o nome e os valores oferecidos das instituições e das pessoas que colaboraram com a subscrição feita pela “Cinco de Agosto” as vítimas da seca no Nordeste em 1877.

FONTES IMPRESSAS

Acervo da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto: O Espelho: de 1878-1879.

Acervo da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”: Estatutos da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”

Actos do governo da Província do Gram-Pará. Tomo XLVI, ano de 1882, parte 2ª. Portaria de 21 de março de 1882.

Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna (Centur): O Liberal da Vigia: de 1878-1885.

OBRAS LITERÁRIAS

BRADBURY, Ray. **FAHRENHEIT 451.** Trad. Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2009.

CALVINO, Ítalo. **Porque ler os clássicos.** Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DRUMMOND, Carlos. **Confissões de Minas.** Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1994.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Trad. Araújo Nabuco. São Paulo: Martin Claret, 2006.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SOUZA, Márcio. **Galvez, o imperador do Acre**. São Paulo: Círculo do livro, 1976.

ANEXOS

ESTATUTOS DA SOCIEDADE LITERÁRIA E BENEFICENTE “CINCO DE AGOSTO”

ESTATUTO PRIMEIRO DA SLBCA

ACTOS DO GOVERNO DA PROVINCIA DO GRAM-PARÁ

TOMO XLVI 1882 PARTE 2ª

*Portaria de 21 de março de 1882***Aprova os estatutos da sociedade Cinco de Agosto da cidade de Vigia.**

O vice-presidente da província, attendendo ao que requereu o presidente da sociedade “Cinco de Agosto”, creada na cidade da Vigia e à informação do desembargador procurador da corôa, soberania e fazenda nacional, resolve aprovar os seguintes estatutos, organisados em 5 capitulos e 48 artigos.

CAPÍTULO 1º

Da sociedade, seus fins e organização

Art. 1º - A sociedade “Cinco de Agosto”, fundada nesta cidade da vigia, é a reunião de um illimitado numero de pessoas com o fim de desenvolver a instrucção e praticar a beneficência.

Art. 2º - Para conseguir semelhantes resultados ella procurará ter um externato com aulas gratuitas para os alunos, conservar uma biblioteca, promover a publicação d’um periódico em que se imprimam os seus trabalhos e os escriptos por meio dos quaes os seus membros se proponham a desenvolver a sua intelligência; e tratará de socorrer, conforme suas circumstancias, não só aos seus membros, como as pessoas a ella extranhas nas ocasiões de reconhecida necessidade.

Art. 3º - Os membros da sociedade serão divididos em 4 classes: uma de effectivos, uma de correspondentes, uma de beneméritos e uma de sócios honorários.

Art. 4º - A sociedade elegerá anualmente dentre os seus sócios effectivos, na sessão do mez de junho um presidente, um vice-presidente, dous secretários, um segundo dos quaes servirá de bibliothecario e um tesoureiro, os quaes alem das respectivas atribuições, constituirão juntamente comissão permanente e executiva da sociedade.

CAPITULO 2º

Os membros da sociedade, suas obrigações, direitos, recompensas e penas.

Art. 5º - Serão considerados membros effectivos os que assignarem os presentes estatutos, assim com os que residindo nesta cidade, posteriormente requererem pessoalmente, ou por escripto a sua admissão e forem aceitos, e membros correspondentes, os que da mesma forma requererem e forem igualmente aceitos.

Serão sócios beneméritos e honorários os que forem propostos á sociedade por alguns de seus sócios effectivos e admitidos embora não residam nesta cidade.

Art. 6º - Para membros da sociedade poderão ser aceitas todas as pessoas nacionais ou estrangeiras, sem distincção de crenças, maior de 18 annos, que a sociedade julgar digna de sua admissão.

Para sócios honorários poderão ser aceitas pessoas menores de 18 annos.

Art. 7º - Os requerimentos e as propostas para membros de quaesquer das classes serão assignados e entregues ao presidente, que os submeterá a approvação da casa, cuja decisão será feita por escrutínio secreto e não poderão soffrer discussão alguma.

Art. 8º - Aos socios admitidos se expedirá diplomas, assignado pelo presidente e pelos dous secretários podendo o mesmo ser impresso.

Art. 9º - Os membros effectivos são obrigados:

§ 1º A pagar a joia de 2\$ de entrada e 500 réis de mensalidade, que serão contados da data em que foram approvados estes estatutos e cobradas mensalmente.

§ 2º A comparecer ás sessões, aceitar e bem servir os cargos da sociedade para que forem eleitos ou nomeados, salvo escusa legitima e devidamente aceita.

§ 3º A concorrer com livros, jornaes, & para a bibliotheca, colaborar para o periódico da sociedade na medida de suas aptidões.

§ 4º A proceder com decência e comedimento durante as sessões e quaisquer outros actos sociaes.

Art. 10. – Aos socios correspondentes incube: Aceitar a nomeação de qualquer comissão que a sociedade haja de confiar-lhes salvo escusa legitima e devidamente aceita, auxiliar em tudo a sociedade, quando ella tenha necessidade de a eles recorrer e pagar a mesma joia e mensalidade estabelecidas para os effectivos.

Art. 11. – As sócias honorarias considerão também com osua obrigação não só o seu auxilio a sociedade em occasiões em que a mesma recorrer a ellas como a contribuição de donativos para os leilões que se deve fazer annualmente em beneficio da mesma sociedade.

Art. 12. – Os direitos dos sócios effectivos são:

§1.º - Tomar parte nos trabalhos das sessões, votar e ser votado, propor e requerer o que julgar conveniente e pedir esclarecimento de que necessitar.

§2.º - Examinar qualquer livro, ou documento do archivo dentro da casa da sociedade e com permissão do presidente.

§3.º - Dirigir a sociedade na occasião das sessões, por escripto, qualquer projecto, representação ou reclamação e propor candidatos para socios na forma prescripta nestes estatutos.

Art. 13. – Os membros correspondentes e beneméritos poderão comparecer as sessões nas quaes usarão dos privilegios, regalia, dos effectivos, mas não terão o direito de eleição para os cargos de administração social nem tomarão parte nas votações.

Art. 14. – Os membros effectivos passarão para as classes dos correspondentes, quando o requererem ou se ausentarem desta cidade por mais de três mezes, podendo tornar no seu regresso para sua primeira classe a requisição sua e os correspondentes poderão passar a ser effectivos quando assim o requererem.

Art. 15 – Os nomes dos membros da sociedade serão registrados num livro para isso destinado adicionando-se-lhes as notas de recompensa, louvor ou pena que tenham merecido.

Art. 16 – Os socios effectivos e correspondentes poderão ser ao mesmo tempo beneméritos, quando praticarem alguma acção generosa e importante que a sociedade julgue digna de recompensa.

Art. 17 – A sociedade socorrerá nas ocasiões de suas necessidades e de acordo com as suas circunstancias aos socios que a ella recorrerem por si ou por intermédio de algum outro sócio podendo e também estender os seus benefícios a pessoas estranhas, assim como dispensará os socios as suas respectivas contribuições, durante os mezes que elles permanecerem doentes.

Art. 18 – Aos socios que se distinguirem por sua dedicação e serviços a sociedade poderá estar dar votos de louvor com menção nas respectivas actas, assim

como votos de censura aquelle que se tornarem omissos no cumprimento de seus deveres.

Art. 19 – Os membros da sociedade só poderão ser excluídos, quando espontaneamente o requererem pessoalmente ou por escripto ou quando se recusarem obstinadamente a cumprir as suas obrigações, ou calumniarem aos empregados da sociedade no exercício de suas funções ou deixarem de pagar 3 mezes as suas mensalidades assim como a respectiva joia ou finalmente nas reuniões ou em qualquer outra parte prejudicarem os interesses dela por actos reprovados e indignos.

Art. 20 – Os socios excluídos perdem todo o direito aos fundos da sociedade e a qualquer outras regalias que gosarem.

CAPITULO 3º

Das atribuições da sociedade

Art. 21 – Haverá no primeiro domingo de cada mez pelas 4 horas da tarde uma sessão ordinária da sociedade a qual ficará adiada para o domingo vindouro, quando não se tenha podido effectuar, havendo neste casa aviso prévio e uma especial e geral no dia 5 de agosto para a posse dos novos empregados.

Art. 22 – A sociedade não poderá funcionar sem que se achem presentes pelo menos 10 sócios effectivos.

Art. 23 – Na sessão ordinária se tomarão todas as deliberações concernentes as fiel execução desses estatutos e se adoptarão quaesquer medidas, que se reconheçam de utilidade para o progresso da sociedade e que não vão de encontro aos mesmos estatutos.

Art. 24 – Nas sessões nenhum sócio poderá falar mais de duas vezes sobre a mesma matéria, salvo se fôr autor e quizer explicar alguma palavra ou pensamento mal entendido, ou responder a alguma acusação, casos esses em que poderá fallar mais uma vez.

Art. 25 – Nas discussões será excluída toda e qualquer questão de politica partidária e de polemica religiosa e pessoal.

Art. 26 – A sociedade compete:

§1º A admissão e acesso dos sócios, a concessão de votos de louvor, a nomeação dos empregados e a eleição dos membros das comissões, que a sociedade julgar conveniente ter e a imposição de votos de censura.

§2º A demissão de seus empregados e a exclusão de sócios, que tenha incorrido nestas penas as quaes só serão applicadas depois de ouvidos os acusados, salvo se estes não quizerem produzir sua defesa.

§3º Aceitar a demissão dos empregados, que a pedirem por motivos justos e atendíveis.

§4º Examinar e decidir sobre as validades das cartas assim como as queixas ou acusações que se lhe apresentarem fazendo effectiva a rsponsabilidade dos que nella estiverem incursos e reformando quaisquer actos praticados em expressa contravenção dos estatutos da sociedade.

§5º Providenciar sobre aquisição de professores para o externato; podendo conceder aos mesmos uma gratificação, compatível com as suas circumstancias a qual será préviamente determinada.

§6º Interpretar e alterar os presentes estatutos, pela forma nelle perscripta quando houver reconhecida necessidade de o fazer.

CAPÍTULO 4º

Da administração da sociedade

Art. 27 – A administração da sociedade será feita pela mesma sociedade e em casos de grande urgência pela sua mesa diretora que levará o acto que praticar e pelo qual ficará responsável ao conhecimento da mesma sociedade o mais breve possível, afim de que ella aprove ou desaprove.

Art. 28 – Os empregados que tiverem servido um anno poderão ser reeleitos, mas não são obrigados a aceitar emprego algum no anno subsequente do exercício do primeiro cargo.

Art. 29 – o presidente em suas faltas temporárias, será substituído pelo vice-presidente e na falta deste pelo 1º e 2º secretario ou seus imediatos em votos.

Na falta absoluta de qualquer destes empregados procederá a imediata eleição de quem os substitua, até a época ordinária da eleição.

Art. 30 – não é permmitdo a acumulação dos empregos da mesa directoria: aquelle que for eleito para mais de um, poderá fazer opção.

Art. 31 – São incompatíveis os lugares de presidente e de tesoureiro com os cargos de membro de qualquer commissão de contas.

Art. 32 – Os empregados da sociedade poderão ser demitidos nos seguintes casos:

§1º Quando o pedirem, alegando motivos anttendiveis.

§2º Por ausência, ou moléstia, prolongada e em geral por qualquer motivo que os impossibilite de desempenhar as respectivas funções por espaço de mais de 6 mezes.

§3º Por falta de cumprimento de seus deveres.

Art. 33 – Ao presidente da sociedade compete:

§1º Abrir as sessões, presidil-as, e nelas manter a ordem, regular as discussões e declarar o resultado das votações.

§2º convocar extraordinariamente a sociedade, quando julgar conveniente, ou lhe for requisitado.

§3º Desempatar as votações menos as de escrutínio secreto, que serão desempatadas pela sorte.

§4º Nomear qualquer comissão, quando a sociedade autorizar.

§5º Ordenar os pagamentos das despesas ou de quaisquer actos de beneficência que forem autorizados.

§6º Rubricar os livros de escripturação da sociedade e nelles fazer os competentes termos de abertura e encerramento.

§7º Inspeccionar os serviços dos empregados e actual-os, assim como conceder permissão aos socios para examinarem quaisquer livro ou documentos do archivo.

§8º Apresentar no dia da sessão de posse umr elatorio de circumstancias dos trabalhos da sociedade, dos factos mais importantes, occorridos durante o anno social findo, e finalmente do estado de sociedade.

Art. 34 – Ao vice-presidente compete a todas as obrigações do presidente no impedimento deste.

Art. 35 – ao 1º secretario compete:

§1ª Receber toda as correspondencia, apresentanda á mesa ou a sociedade, logo que esta se reúna, comunicando imediatamente, no caso de se tratar do objeto urgente, ou extraordinário.

§2º Assignar com o presidente os diplomas e toda a correspondencia, expedil-a e registral-a no livro competente.

§3º Fazer a chamada e verificar o numero de socios presentes á sessão.

§4º Lavrar as actas, fazer a sua leitura e lançal-as no respectivo livro.

Art. 36 – Ao 2º secretario compete:

§1º Assignar diplomas com o presidente e 1º secretario e com este fazer toda a escripturação, concernente á sociedade, que não se achar especificada nos presentes estatutos.

§2º Providenciar para que a casa da sociedade se ache aberta, nem só para as sessões e negócios da bibliotheca, como para as aulas.

§3º Ter sob o seu cuidado o livro e mais pertences da bibliotheca, fornecer os livros para consulta e para leitura ás pessoas, que os solicitarem com as convenientes cautelas e tel-os devidamente relacionados.

§4º servir de escrutador nas eleições a que se proceder.

Art. 37 – Ao thesoureiro incumbe:

§1º Arrecadar a receita a que a sociedade tiver direito, fornecendo recibo do que for cobrado, devendo ter para a cobrança e sob sua responsabilidade um agente cobrador, percebendo 10% do que cobrar.

§2º Pagar as contas e despesas da sociedade, mediante portaria do presidente.

§3º Ter em boa guarda os fundos da sociedade e mais objetos pertencentes, ficando por todo responsável.

§4º Apresentar na 1ª sessão ordinária, depois de findo cada trimestre, um balanço da receita e despeza e na 1ª depois de findo o anno social, um balanço documentado de toda a receita e despeza de anno findo.

§5º Escribir o livro de receita e despeza nas próprias datas em que estas se effectuarem afim de que qualquer sócio possa examinar a escripturação, a qual servirá de base para organizar os balanços tudo na forma do § 7º do artigo 23, e § 4º do presente artigo.

Art. 38 – Não poderão em caso algum ser emprestados os objetos e moveis pertencentes á sociedade.

Art. 39 – Dos saldos que se poderem apurar serão recolhidos a caixa econômica em caderneta da sociedade as quantias que se julgar não terem de ser precisas para as futuras despesas.

Art. 40 – o thesoureiro exonerado, impedido temporariamente, ou tendo findado o seu tempo de serviço, é obrigado a fazer imediatamente entrega por inventario ao seu sucessor dos fundos e mais objetos a seu cargo, recebendo quitação do mesmo e depois da sociedade.

CAPITULO 5º

Disposições geraes

Art. 41 – A escripturação da sociedade se fará em quatro livros, que serão abertos, numerados e rubricados pelo presidente e guardados no archivo, sendo:

Um de actas, no qual serão lançadas por ordem chronologica e logo que se passe aprovadas as actas das sessões; um de receita e despeza em que se lançarão todos os dinheiros arrecadados e despendidos; um de matricula em que serão lançados os nomes dos socios, sendo o mesmo dividido em 4 secções, correspondentes as classes, e um de inventarios que se lançarão os moveis e mais objectos pertencentes á sociedade e os que se forem adquirindo; havendo mais um para o catalogo dos livros pertencentes á sociedade e os que se forem reconhecendo necessários.

Art. 42 – Todas as deliberações da sociedade serão tomadas a maioria relativa de votos, excepto no caso de proposta para dissolução da mesma sociedade, proposta que só poderá ser aprovada si obtiver pelo menos as tres quartas partes dos votos dos membros effectivos.

Art. 43 – Apresentando qualquer projecto o presidente o dará para ordem do dia da sessão seguinte e só terá uma discussão.

Os requerimentos poderão ser discutidos e aprovados na mesma sessão.

Art. 44 – A sociedade destinará sempre que suas posses o permitirem qualquer quantia para ser distribuída em acto de beneficência no dia 5 de Agosto, assim como para compra de livros próprios, para serem distribuídos como premios aos alunos do externato depois dos exames annuaes.

Art. 45 - O presidente da sociedade fica autorizado a organizar um regulamento para o externato, outro para a biblioteca e outro para a publicação do periódico as quaes serão discutidas e approvadas pela casa.

Art. 46 – A sociedade só poderá ser dissolvida, sob propostas assignadas pelas 3 quartas (3/4) parte pelo menos dos socios effectivos e aprovada em sessão especial para a qual serão convocados todos os socios.

Art. 47 – Aprovada a proposta da dissolução, os pertences da sociedade terão destino, que a mesma lhes tiver anteriormente designado.

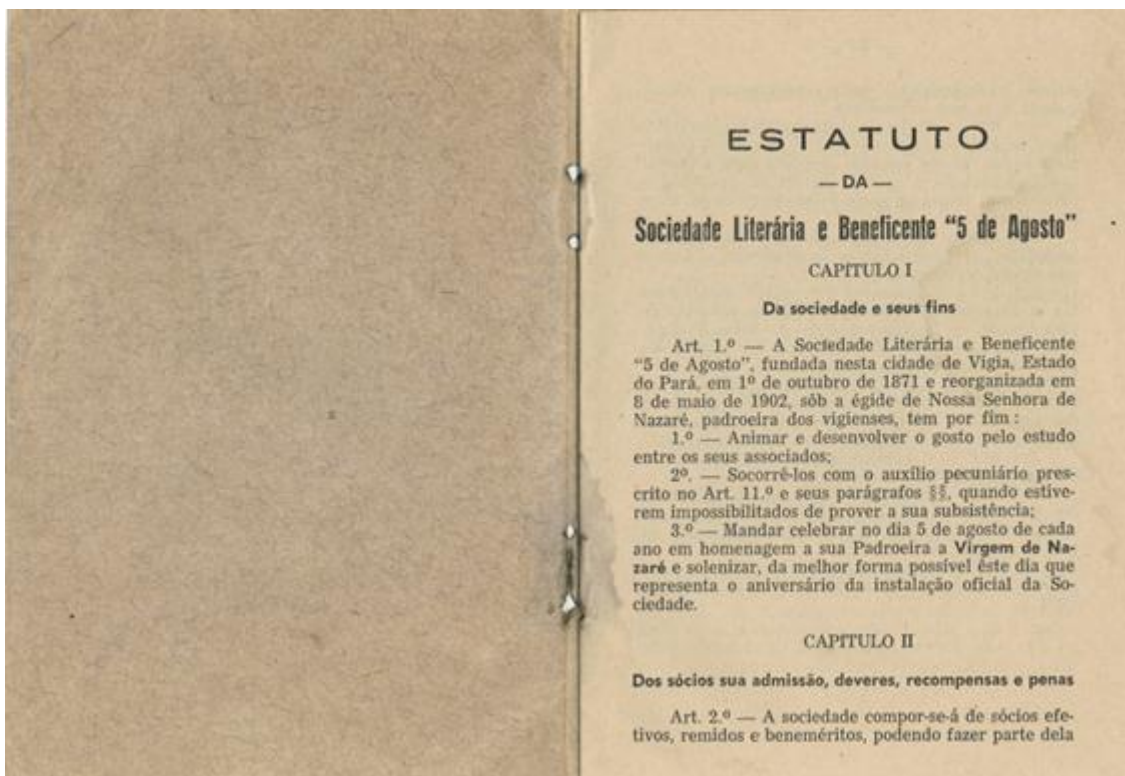
Art. 48 – Os presentes estatutos poderão ser reformados, quando assim o entender a sociedade, precedendo porem para isto proposta assignada por cinco socios pelo menos, com declaração dos motivos, que tornarem urgente semelhante medida.

Approvada a proposta será o trabalho da reforma commetido a uma commissão de taes membros eleitos pela casa e sujeita depois á deliberação da sociedade.

Palácio da Presidencia do Pará 21 de Março de 1882

Dr. José da Gama Malcher
Vice-presidente

ESTATUTO ANO DE 1940



personas idôneas, nacionais e estrangeiras, de ambos os sexos, sem distinção de crenças, maiores de 12 anos e menores de 60.

Art. 3.º — A admissão de sócios efetivos, é da competência da Diretoria, que não poderá aceitar senão pessoas que reúnem os seguintes requisitos:

§ 1.º — Ser indicado por um sócio no gozo dos direitos sociais, em proposta escrita contendo o nome, idade, filiação, estado civil e naturalidade do proposto;

§ 2.º — Ser aceito por unanimidade ou maioria de votos;

§ 3.º — Nunca ter sido condenado por pena infamante e goze boa reputação social.

Art. 4.º — As propostas para admissão de sócios efetivos, remidos ou beneméritos serão entregues ao Presidente que antes de submetê-las à apreciação da Diretoria ou da Assembléa Geral, deve mandá-las à Comissão de Sindicância para o **Parecer**.

§ 1.º — Se o parecer da Comissão de Sindicância nas propostas para sócio efetivo, for favorável à admissão do sócio, o Presidente depois de cumpridos os dispositivos do § 1.º do Art. 9.º, mandará lavrar em livro próprio um termo de afirmação que será assinado pelo novo sócio;

§ 2.º — Na primeira reunião da Diretoria, o Presidente dará conhecimento à casa desse ano.

Art. 5.º — Poderá ser membro **remido** todo sócio efetivo que tenha contribuído pontualmente durante 15 anos seguidos para os cofres sociais sem ter recebido beneficência alguma, ou todo aquêle candidato a inclusão que no ato da sua aceitação pagar de uma só vez além dos emolumentos da jóia, Diploma, Estatuto, a importância de Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros).

§ 1.º — Neste último caso o sócio entrará desde logo no gozo pleno das prerrogativas que lhe serão facultadas pelos presentes Estatutos.

§ 2.º — O sócio efetivo deverá juntar ao seu requerimento pedindo remissão o último talão de pagamento de sua mensalidade, até a data do requerimento.

Art. 6.º — A classe de beneméritos, a Sociedade destina às pessoas estranhas e sócios efetivos que lhe façam serviços ou ofertas de real importância, estas últimas nunca inferiores ao valor de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros);

§ 1.º — Os títulos de sócios remidos ou beneméritos só poderão ser conferidos pela Assembléa Geral, a requerimento da Diretoria ou de 15 sócios, em gozo dos direitos sociais.

§ 2.º — Os sócios beneméritos gozarão das mesmas regalias dos efetivos, sendo-lhes ainda dispensados os pagamentos de jóia, mensalidade, Diploma e Estatutos sociais.

Art. 7.º — À pessoa admitida para o quadro social, o 1.º Secretário oficializará convidando-a a cumprir o dispositivo do § 1.º do Art. 9.º, para o que lhe é concedido o prazo de 30 dias e só depois de observados os dispositivos do citado Art. lhe será deferido a seguinte afirmação:

"Prometo bem e fielmente cumprir as prescrições dos Estatutos desta Sociedade".

§ 1.º — Somente depois de ter assinado o termo de afirmação o novo sócio gozará das regalias que lhe facultam este Estatuto.

§ 2.º — O termo a que se refere o § antecedente será lavrado em livro próprio, autenticado com as assinaturas do Presidente, o 1.º Secretário que o subscreverá e o sócio admitido.

Art. 8.º — Terminado o prazo prescrito pelo Art. antecedente e não havendo justificação da falta, o que será feito por escrito perante a Diretoria, o candidato perderá o direito e só poderá assinar o termo de afir-

mação se fór novamente proposto e aceito.

§ 1.º — O sócio que pedir a sua demissão ou renunciar verbalmente ou por escrito, só poderá ser novamente proposto depois de dois anos da sua demissão ou renúncia.

§ 2.º — O sócio que for eliminado do quadro social por faltas cometidas jamais poderá ser aceito.

Art. 9.º — São **deveres dos sócios efetivos**:

§ 1.º — Pagar antes de assinar o termo de afirmação o emolumento de Cr\$ 30,00 (trinta cruzeiros), assim distribuídos: **Jóia** — Cr\$ 10,00; **Diploma** — Cr\$ 10,00; **Estatutos** — Cr\$ 5,00; **Quota** referente ao mês da inclusão, Cr\$ 5,00.

§ 2.º — Pagar pontualmente a mensalidade de Cr\$ 5,00.

§ 3.º — Concorrer no mês de julho de cada ano social com a quantia de Cr\$ 5,00 além da sua mensalidade para os festejos que, em honra a Padroeira da — Sociedade a Virgem de Nazaré — a Diretoria tiver de efetuar no dia 5 de agosto, com idêntico fim, os sócios remidos concorrerão anualmente com a quota de Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros).

§ 4.º — Comparecerão às sessões de Assembléa Geral, a fim de tomar parte nos assuntos que nelas se tratarem e aí manter-se com o respeito, decência e acatamento.

§ 5.º — Aceitar e bem desempenhar o cargo para que por eleito, salvo causa motivada e justa.

§ 6.º — Respeitar os funcionários da Sociedade no exercício das suas funções.

§ 7.º — Esforçar-se pela prosperidade social e pela realização dos fins a que a Sociedade se propõe;

§ 8.º — Documentar com o último recibo da mensalidade paga a petição em que requerer beneficência.

§ 9.º — Acompanhar o respectivo préstito fúne-

bre, quando se tenha de lamentar a morte de um dos membros da Sociedade.

§ 10.º — Participar por escrito ao Presidente quando tenha de retirar-se do Município por mais de três (3) meses, e da mesma forma comunicar o seu regresso.

Art. 10.º — São **direitos dos sócios efetivos, remidos e beneméritos**.

§ 1.º — Votar e ser votado para os cargos da Diretoria, menos quando estiver recebendo beneficência ou não esteja no gozo dos direitos sociais;

§ 2.º — Requerer, sessão de Assembléa Geral, quando apoiado por 14 sócios ou mais, declarando porém, o motivo da reunião.

§ 3.º — Requerer quando esteja doente impossibilitado de trabalhar as vantagens pecuniárias concedidas pelos Estatutos, desde que apenas deva três meses de contribuição e tenha mais de um ano de admitido como sócio, sendo descontados na primeira beneficência os meses que estiver a dever.

§ 4.º — Consultar os livros da Biblioteca, na sala da sede social, assinando responsabilidade perante o Presidente, se quiser levá-los para sua casa, pelo prazo máximo de 15 dias;

§ 5.º — Propor candidatos para as classes de sócios efetivos, remidos e beneméritos;

§ 6.º — Ser dispensado da contribuição mensal durante o tempo em que estiver percebendo beneficência;

§ 7.º — Recorrer à Assembléa Geral, de atos da Diretoria, que ultrapassar sem as suas atribuições ou que julgue injustos, observando a disposição do § 2.º deste Art.;

§ 8.º — Falar até três vezes em sessão, sobre assunto em debate.

Art. 11.º — Além das vantagens concedidas pelo

Art. 10.º e seus §§, os sócios efetivos ou remidos, nos casos do § 3.º do Art. citado, tem direito a perceber o auxílio pecuniário de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros) mensalmente.

§ 1.º — Se a moléstia do sócio ultrapassar a um ano ou tornar-se crônica, perceberá uma pensão de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros), nas mesmas condições de auxílio pecuniário precedente;

§ 2.º — Toda vez que as condições financeiras sociais permitirem, a sociedade promoverá benefícios de assistência social à pessoas estranhas ao seu quadro social, em condições de receber auxílio que for estimado.

Art. 12.º — Como auxílio às despesas de funerais será entregue à família do sócio extinto, quando em pleno gozo dos seus direitos, a quantia de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros), sendo que para isso é necessário comunicação por escrito da família do falecido ao Presidente da Sociedade.

§ Único — Se o falecimento se der fora da cidade ou da sede do município, será necessário, para receber esse auxílio petição instruída com a certidão de óbito.

Art. 13.º — Serão suspensos dos direitos sociais.

§ 1.º — Os sócios que se atrazarem em mais de três (3) meses de suas mensalidades;

§ 2.º — Todo o sócio que em plena sessão, proferir palavras afrontosas a outrem, desprezitar os funcionários no exercício de seus cargos ou Comissões, recusando-se sem justos motivos, ao cumprimento dos seus deveres;

§ 3.º — Os que no exercício de seus cargos cometerem abusos ou prevaricações pelos quais devem ser punidos pela sociedade e pelas leis civis;

§ 4.º — Os que achando-se atrazados quitarem-se à última hora com o desejo manifesto de lesar a Sociedade.

Art. 14.º — O prazo da suspensão que será imposta pela Diretoria é de dois meses no mínimo, quatro meses no médio e seis meses no máximo, não ficando por isso isento da contribuição mensal.

Art. 15.º — Serão excluídos da Sociedade:

§ 1.º — Os sócios que espontaneamente reque-rem;

§ 2.º — Os que lesarem a sociedade direta ou indiretamente;

§ 3.º — Os que lançarem ou tentarem lançar a discórdia no seio social;

§ 4.º — Os que reincidirem nas infrações das disposições de artigos dos Estatutos;

§ 5.º — Os que desacreditarem a Sociedade ou tentarem apossar-se de objetos a ela pertencentes;

§ 6.º — Os que se esquivarem a dar contas ou as dêem com dolo dos dinheiros a seu cargo, ou sob a sua guarda, pertencentes à Sociedade.

Art. 16.º — Os sócios excluídos perdem todo o direito aos fundos da Sociedade e a qualquer regalia de que gozarem.

CAPITULO III

Da Gerência Social e suas atribuições

Art. 17.º — Constituirão os corpos dirigentes;

§ 1.º — A Assembléa Geral que se comporá de todos os sócios no gozo dos direitos sociais ou no mínimo de 15 sócios, nas mesmas condições;

§ 2.º — A Diretoria, que será composta de Presidente, vice-presidente, 1.º e 2.º Secretário, Tesoureiro, Procurador e seis Diretores, dos quais, por determinação do Presidente em cada trimestre do ano social, três servirão de síndicos e três de fiscais.

Art. 18.º — A Diretoria reunir-se-á em sessão or-

dinária no 1.º domingo de cada mês, às 16 horas da tarde, ou no seguinte, se não houver número suficiente e funcionará sempre que estiverem presentes oito ou mais dos seus membros.

§ 1.º — Nas sessões da Diretoria só são obrigados a tomar parte os Diretores, não sendo entretanto nelas vedada a presença de qualquer outro sócio;

§ 2.º — Se até uma hora depois do prazo marcado para as sessões da Diretoria ou da Assembléa Geral, não houver número suficiente para elas se efetuarem, não haverá sessão nesse dia.

Art. 19.º — A Assembléa Geral reunir-se-á em sessão ordinária duas vezes por ano:

§ 1.º — No primeiro domingo de julho, para eleger os novos funcionários da Diretoria, ouvir o Relatório do Presidente e comemorar a data da instalação oficial da Sociedade.

Art. 20.º — A Assembléa Geral reunir-se-á extraordinariamente, por convocação do Presidente, a requerimento da Diretoria de 15 sócios dentre dos direitos sociais.

Art. 21.º — Compete à Assembléa Geral;

§ 1.º — Eleger os funcionários da Diretoria;

§ 2.º — Legislar sobre assuntos não estatuídos;

§ 3.º — Esclarecer dúvidas suscitadas na interpretação de artigos dos Estatutos;

§ 4.º — Promover festejos para solenizar o dia 5 de Agosto e mandar celebrar nesse dia Missa em homenagem à Padroeira;

§ 5.º — Admitir sócios remidos e beneméritos;

§ 6.º — Suspender a qualquer dos funcionários que os tornem possível dessa medida ouvindo antes o acusado;

§ 7.º — Determinar a promoção da responsabilidade de todo aquele que causar dano a Sociedade;

§ 8.º — Deliberar sobre a melhor forma de dar

execução ao § 1.º do Art. 1.º dos Estatutos;

§ 9.º — Julgar em grau de recurso das decisões tomadas pela Diretoria.

Art. 22.º — Nas sessões extraordinária da Assembléa Geral ou da Diretoria, só serão discutidos os assuntos que motivarem a convocação.

Art. 23.º — A Diretoria incumbem:

§ 1.º — Cumprir e fazer cumprir os Estatutos;

§ 2.º — Conceder os benefícios de que tratam os Estatutos, ou suspendê-los quando verifique que foram dados indevidamente;

§ 3.º — Propor à Assembléa Geral candidatos para a classe de sócios beneméritos e remidos;

§ 4.º — Aprovar e reger as propostas de candidatos para a classe de sócios efetivos;

§ 5.º — Impor as penas cominadas nestes Estatutos;

§ 6.º — Tomar trimestralmente contas ao Tesoureiro;

§ 7.º — Promover tudo o que possa concorrer para o engrandecimento da Sociedade;

§ 8.º — Requerer ao Presidente sessão de Assembléa Geral quando a julgue necessária;

§ 9.º — Deliberar sobre representação ou queixa submetida à sua consideração, ouvindo antes a respectiva comissão.

§ 10.º — Abrir crédito para o pagamento das despesas indispensáveis.

§ 11.º — Arbitrar a gratificação que deve receber o contínuo.

CAPITULO IV

Dos funcionários da Diretoria e suas atribuições

Art. 24.º — Ao Presidente compete,

§ 1.º — Dirigir os trabalhos da administração e

presidir as sessões mantendo a ordem nos debates, para o que poderá admoestar em termos convenientes o sócio que perturbá-los.

§ 2.º — Suspender ou adiar as sessões, quando se torne necessária essa medida extrema;

§ 3.º — Assinar as Atas, despachar expediente e autorizar as despesas urgentes que com este se tenha de fazer;

§ 4.º — Assinar os diplomas com os dois secretários e tomar providências extraordinárias urgentes;

§ 5.º — Designar dia e hora em que se deverão realizar as sessões extraordinárias da Diretoria e ordinárias da Assembléa Geral;

§ 6.º — Ser órgão da Sociedade entendendo-se a respeito dos fins desta com as autoridades e particulares e representá-la por si ou por sócios que designar, em atos solenes e posse de sociedades congêneres.

§ 7.º — Abrir, numerar e rubricar os livros da Sociedade, Tesouraria e bem assim os de recibos e mensalidades;

§ 8.º — Conceder ou renegar auxilio aos sócios quando o Procurador ou a Comissão de Sindicância punham em dúvida a legitimidade da doença, subscritendo o seu ato à aprovação da Diretoria;

§ 9.º — Mandar ao Procurador para informar as petições em que se requeiram beneficências e autos de submeter a aprovação da Diretoria à Comissão Fiscal as contas do Tesoureiro e a Comissão de Sindicância as propostas para admissão de sócios;

§ 10.º — Convocar extraordinariamente a Diretoria ou a Assembléa Geral, quando o requeiram os interesses sociais;

§ 11.º — Convocar os suplentes respectivos para substituírem os funcionários ativos que se acham impedidos ou quando não haja suplentes, nomear um sócio para preencher o lugar vago;

§ 12.º — Ter sob sua guarda a biblioteca social e catalogar as suas obras pelas quais responderá, recebendo do seu antecessor por meio de inventários;

§ 13.º — Nomear e demitir o Continuo;

§ 14.º — Receber afirmação dos sócios e dar posse aos funcionários sociais;

§ 15.º — Apresentar na sessão de posse um relatório circunstanciado de todo o movimento do ano social;

§ 16.º — Cumprir e fazer cumprir os presentes Estatutos e executar as deliberações legais da Assembléa Geral ou da Diretoria;

§ 17.º — Mandar abrir a sala da biblioteca aos domingos, feriados e dias santificados.

Art. 25.º — Nas sessões, além do voto como diretor e membro da Sociedade, o Presidente terá em caso de igualdade de votação, o voto de qualidade ou desempate.

§ Único — Excetua-se nas votações por escrutínio secreto, nas quais no caso de desempate, decidirá a sorte.

Art. 26.º — Ao Vice-Presidente compete.

§ Único — Substituir o Presidente nos seus impedimentos e deferir-lhe a afirmação no ato da posse se aquêle tiver sido reeleito.

Art. 27.º — São deveres do 1.º Secretário:

§ 1.º — Presidir as sessões na falta do Presidente e do Vice-Presidente;

§ 2.º — Convocar os sócios quando lhe for ordenado, lavrar a ata das sessões e assiná-las com os demais diretores;

§ 3.º — Escriturar e ter sob sua guarda os livros de matrícula dos sócios, inventários dos bens sociais, correspondência, atas e termos de afirmação dos sócios;

§ 4.º — Encarregar-se do expediente, dividindo

com o 2.º Secretário sempre que urgência ou afluência de serviço o exigirem;

§ 5.º — Dar mediante despacho do Presidente, as Certidões que lhe forem requeridas;

§ 6.º — Comunicar ao Tesoureiro o nome dos sócios que forem sendo admitidos e a estes o estatuido no Art. 4.º;

§ 7.º — Lavrar os termos de afirmação dos sócios no livro especial rubricado pelo Presidente.

Art. 28.º — São deveres do 2.º secretário.

§ 1.º — Presidir as sessões na falta do Presidente, Vice-Presidente e 1.º secretário;

§ 2.º — Assinar os Diplomas dos sócios e auxiliar o 1.º Secretário no serviço e expediente;

§ 3.º — Fazer a resenha dos trabalhos das sessões e servir de escrutinador nas votações que se procederem.

Art. 29.º — São obrigações do Tesoureiro.

§ 1.º — Ter sob sua guarda e responsabilidade o dinheiro, títulos e valores da Sociedade;

§ 2.º — Escriturar o livro de Receita e Despesa com a devida clareza e asseio, cingindo-se aos documentos;

§ 3.º — Efetuar com pontualidade e mediante portarias do Presidente, os pagamentos das despesas efetuadas e beneficências concedidas;

§ 4.º — Prestar tôdas as informações que o Presidente e a Diretoria necessitarem a respeito do tesouro;

§ 5.º — Apresentar ao Presidente um balancete da Receita e Despesa, no término de cada trimestre social;

§ 6.º — Encerrar a escrita da Tesouraria no dia 31 de julho, apresentando ao Presidente um balanço geral das finanças sociais;

§ 7.º — Assinar recibos de jóia, mensalidades, di-

plomas e estatutos nos livros de talões rubricados pelo Presidente;

§ 8.º — Exigir recibo devidamente legalizado de tudo que for pago e excedente de trinta cruzeiros, inclusive.

Art. 30.º — Ao Procurador incumbem.

§ 1.º — Assinar com o Tesoureiro os recibos de que trata o § 1.º do Art. 29.º;

§ 2.º — Visitar os sócios enfermos de 10 em 10 dias informando ao Presidente do estado em que se acham;

§ 3.º — Fazer a cobrança dos créditos sociais, autorizados pelo Tesoureiro, percebendo 10% das quantias que cobrar, meios da constante do § 8.º do Art. 9.º;

§ 4.º — Prestar contas ao Tesoureiro do que houver arrecadado no dia 15 de cada mês.

Art. 31.º — A Comissão de Sindicância compete:

§ 1.º — O serviço de informações exigidas pelo Presidente ou pela Diretoria, sobre os sócios, sua profissão, recursos e necessidades e ainda sobre qualquer fato urgente que reclame providências imediatas.

§ 2.º — Ouvir os funcionários da Sociedade sobre os quais haja queixa e emitir o seu parecer sobre a validade dêste.

Art. 32.º — A Comissão Fiscal tem por dever:

§ 1.º — Dar parecer nas petições em que requeiram sessões da Assembléa Geral e nas contas e negócios da Sociedade, indicando medidas que julgar proveitosas aos interesses sociais;

§ 2.º — Emitir coletivamente, por escrito, a sua opinião a arca das contas trimestrais e anuais do Tesoureiro devendo o membro vencido, se houver, expor em sessão os motivos de seu voto em contrário;

§ 3.º — Conhecer das informações dos Estatutos e externar a sua opinião neste ou em qualquer assunto em que seja consultado;

§ 4.º — Examinar cuidadosamente todas as escriturações sociais e os documentos que legalizarem a receita e despesa.

Art. 33.º — As Comissões de Sindicância e Fiscal tem o direito de votar nos próprios pareceres por elas dados, como sócio na proposta que apresentar.

Art. 34.º — Todos os cargos da Diretoria são gratuitos, sendo entretanto, os seus funcionários responsáveis individualmente ou coletivamente por seus atos perante a Sociedade, que terá o direito de promover contra os mesmos, ação criminal, em casos graves.

Art. 35.º — O Presidente nos seus impedimentos será substituído pelo Vice-Presidente, éste pelo 1.º Secretário e os outros membros da Diretoria pelos seus imediatos em voto.

§ Unico — Quando não houver imediatos em voto, o Presidente nomeará um sócio para desempenhar durante o tempo necessário, as funções do cargo que estiver vago.

Art. 36.º — A posse dos novos funcionários será feita em ato solene, logo após a cerimônia religiosa estabelecida no item 3.º do Art. 1.º desta Lei básica social.

§ Unico — Todos os funcionários da Diretoria são obrigados a prestar no ato da posse o seguinte juramento. *"Prometo bem desempenhar as funções do cargo para que fui eleito (ou reeleito);"*

Art. 37.º — O funcionário que deixar de prestar afirmação em sessão solene, fa-lo-á na primeira sessão da Diretoria, sendo considerado resignatário se não cumprir com esta disposição.

§ Unico — E' também considerado resignatário o membro da Diretoria que sem motivo justificado, faltar quatro vezes consecutivas ás sessões.

Art. 38.º — O sócio que for eleito para mais de

um cargo tem o direito da opção, procedendo-se imediatamente a eleição para o cargo vago.

CAPITULO V

Art. 39.º — No primeiro domingo de julho de cada ano far-se-á a eleição para a nova Diretoria por escrutínio secreto, constando de cada cédula o nome de 12 sócios no gozo dos direitos sociais e residentes na séde do município, com especificação do cargo que deverão exercer.

§ Unico — Caso não possa reunir de acôrdo com o que prescrever o Art. 17.º § 1.º dos presentes Estatutos, far-se-á uma 2.ª convocação para o domingo seguinte, podendo a Assembléa Geral nessa sessão funcionar regularmente com a presença mínima de 15 sócios.

Art. 40.º — Apurada a eleição o presidente proclamará eleito os mais votados, mandando convidá-los em officio, se não estiverem presentes à sessão, para virem prestar afirmação do estilo no dia e hora para isso destinados.

Art. 41.º — São casos de nulidade da Eleição :

§ 1.º — A apuração de votos dados a sócios suspensos dos direitos sociais;

§ 2.º — A desigualdade de número de cédulas com o número de sócios que responderem à chamada feita pelo livro de presença.

Art. 42.º — Nos casos de nulidade proceder-se-á imediatamente à nova eleição.

§ Unico — Quando o motivo da nulidade for previsto pelo § 1.º do Art. 41.º, far-se-á a Eleição somente para o cargo indevidamente preenchido.

CAPITULO VI

Disposições Gerais

Art. 43.º — Para a escrituração social haverá um livro de assinaturas dos presentes ás sessões; um livro de Ata; um de registro de correspondência social; um mensalidades e outros que se tornarem necessários.

Art. 44.º — Nas Atas das sessões somente serão lançadas as deliberações aprovadas.

§ Unico — Estas deliberações serão sempre tomadas por maioria de votos.

Art. 45.º — Aprovados o Balanço e as contas da Receita e Despesa do ano social, findo, o Tesoureiro não reeleito entregará imediatamente por inventário ao seu sucessor, os fundos e mais objetos sociais a seu cargo, recebendo da Diretoria a devida quitação e do novo Tesoureiro o respectivo recibo.

Art. 46.º — E' absolutamente vedado a qualquer sócio tratar nas sessões de assuntos políticos, religiosos ou pessoais.

Art. 47.º — Se no tempo estatuído para a eleição e posse da Diretoria, qualquer das sessões não se poder efetuar a Diretoria antiga continuará no cargo por mais de um ano até que se proceda nova eleição.

Art. 48.º — A Sociedade fica proibida de vender dar por empréstimo, trocar, ceder, enfim fazer transação de qualquer natureza com os objetos de sua propriedade.

Art. 49.º — Para o serviço de limpeza dos livros da biblioteca abertura e asselo do prédio social, entrega de correspondência e outros pequenos serviços, a Sociedade terá um empregado com a denominação de Continuo de confiança do Presidente.

Art. 50.º — A Diretoria poderá promover em benefício da Sociedade, e da melhor forma que entender,

bazares de objetos adquiridos entre os sócios ou pessoas estranhas, nomeando o Presidente, as Comissões que julgar convenientes.

Art. 51.º — Ficam respeitados os direitos anteriormente adquiridos pelos sócios efetivos remidos e beneméritos.

Art. 52.º — O sócio que não entregar os livros da biblioteca, confiados pelo Presidente de conformidade com o § 4.º do Art. 10.º incorrerá na pena de suspensão dos direitos sociais.

Art. 53.º — A Sociedade terá a sua bandeira especial, para hastear por ocasião das sessões solenes e nos dias feriados.

Art. 54.º — As côres da bandeira são verde e amarelo.

Art. 55.º — A Diretoria ou simplesmente o Presidente, poderá alugar o prédio social para bailes, espetáculos ou outras reuniões mediante pagamento adiantado :

§ 1.º — O pagamento de aluguel do prédio para festas sociais regulará de Cr\$ 200,00 a Cr\$ 300,00, conforme o acôrdo estabelecido previamente para a exploração do bar da Sociedade, sendo que para representações teatrais fica taxado 15% ou 20% conforme o ajuste previamente combinado, sobre a renda total da função;

§ 2.º — O locatário além do pagamento a que é obrigado ficará responsável por tudo e qualquer prejuizo que possa advir;

§ 3.º — Dêsse aluguel o Continuo perceberá uma gratificação em proporção ás percentagens determinadas, no sentido de zelar pelo prédio social, durante as funções e fazer a limpeza do mesmo lago depois de desocupado.

Art. 56.º — A Assembléa Geral pode aumentar ou reduzir os emolumentos de **joia, mensalidades, re-**

REGISTRO
DO PROTOCOLO

Fis. 23

N.º 215

Apresentado hoje para **Registro Especial**
Registrado no livro B-3, fls. 8 à 11, n. de ord. 215.
Indicador Pessoal, Livro E, n. 1 — fls. 81 verso,
sob n. de ordem 5.

Vigia, 17 de Janeiro de 1956.

(a) Demétrio Nina de Vilhena, Oficial.

DOCUMENTOS OFICIAIS

[fl.1]

Sala das sessões da Sociedade “Cinco de Agosto”, 25 de junho de 1877.

38

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor

Chegando ao conhecimento da Sociedade religiosa e beneficente “Cinco de Agosto” a desagradavel noticia da triste situação em que se acham os nossos infelizes compatriotas do Ceara, Rio Grande do Norte e Parahyba, era impossivel que ella deixasse a occasião para exercer um dos principaes fins – a caridade -; por isso em sessão de 10 do corrente, resolveu encarregar a sua Comissão de socorros – de promover uma subscrição em favor d’ aquellas pobres victimas do terrivel flagello da secca assignando logo ella mesma uma quantia compativel com as suas circunstancia. Tendo-se lhe associado, de accordo com a sociedade o Illustrissimo Snr^o Dr. Juiz Municipal, passou immediatamente a Commisção o desempenhar-se do seu nobilissimo encargo, havendo já remettido á mesma sociedade a quantia de trezentos e sessenta e cinco mil reis (365\$) que ella por sua vez envia a V.Ex^a, pelo snr^o Antonio Joaquim de Miranda Gama, um dos membros da supradita commissão, a fim de dar-lhe o conveniente destino.

A sociedade “Cinco de Agosto” aproveita a oportunidade para reinterar a V.Ex^a os seus protestos de profundo respeito e alta consideração.

Deos guarde a V. Ex^a

Illustrissimo e Excelentissimo Snr^o Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho.

Dignissimo Presidente desta Provincia.

Francisco Quintino de Araújo Nunes, Presidente.

Raimundo Bertoldo Nunes, 1^o Secretario

Raymundo Nunes da Costa, 2^o Secretario interino.

Felix Joze de Carvalho, Thesoureiro.

Jose de Santiago Monteiro, Procurador

[fl.1]

Sala das sessões da sociedade “Cinco de Agosto”, em 6 de setembro de 1877.

36

Illustrissimo e Excelentíssimo Senhor

A Meza Directora da sociedade “Cinco de Agosto” tem a honra de remetter com este a V. Ex^a, a fim de dar-lhe o conveniente destino, a quantia de cem mil réis (100\$) que, ainda produxiu a subscrição promovida pela Comissão de Socorros da mesma sociedade, associada, de commum accordo com esta, ao Illustrissimo Senhor Dr. Juiz Municipal; convindo observar que, da mencionada quantia, 53\$300 réis foi agenciada por uma Comissão de senhores pertencentes a supradita sociedade; 20\$000 réis foi enviada pela sociedade recreação Philo- Scenica; 11\$000 foi assignada por alguns habitantes desta cidade, 8\$600 foi remettida por vários habitantes da freguesia de collares, sendo finalmente o resto – 7\$100- assignada de novo pela sociedade “Cinco de Agosto”.

A meza Directora da sociedade “Cinco de Agosto” aproveita a oppurtunidade para reinterar mais uma vez a V. Ex^a os seus protestos de profundo respeito e alta consideração.

Deos guarde a V. Ex^a

[fl.1v]

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Dr. Commendador

João Capistrano Bandeira de Mello Filho.

M.D. Presidente desta Provincia e socio Benemérito da sociedade “Cinco de Agosto”.

Francisco Quintino de Ar^o Nunes, P.

Raimundo Bertoldo Nunes, 1^o Secr^o

Joaquim de Almeida Catanho Sobrinho , 2^o Secret.

Hilário do Espírito Santo Palheta, Thesoureiro

Jose de Santiago Monteiro, Procurador

[fl.1]

Sala das sessões da sociedade “Cinco de Agosto”, 6 de outubro de 1877.

40

III^{mo} e Ex^{mo} Snr^o

O decidido interesse que V.Ex^a tem sempre manifestado pela instrução popular e a sua qualidade de membro desta sociedade, são motivos mais que sufficientes para que ella não possa deixar de scientifical-o de um acontecimento que está convencida lhe merecerá o devido apreço e encherá de satisfação.

A mesma sociedade, pois, por intermedio da sua Meza directora, tem a honra de communicar a V.Ex^a que na noite do dia 1^o do corrente, abriu na sala de suas sessões, sob a Direcção e regencia dos professores publicos desta cidade Francisco Quintino d’ Araujo Nunes e Severiano Bezerra d’ Albuquerque que de bom grado se prestaram gratuitamente para leccionar uma aula de Grammatica portugueza e outra de Arithmetica para a mocidade que já não frequenta as escolas publicas; tendo as mesmas sido installadas com 11 alumnos e contando já hoje 16.

Do principio do anno vindouro em diante pretende ella abrir tambem aulas de Geographia, de Francez e de outras materias para que hajam pessoas habilitadas que se queiram prestar a ensinal-as.

[fl.1v]

A sociedade “Cinco de agosto” reitera a V.Ex^a os seus protestos de profundo respeito e alta consideração.

Deos guarde a V.Ex^aIII^{mo} e Ex^{mo} Snr^o Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho,Dig^{mo} Presidente desta Provincia e socio Benemerito da sociedade - “Cinco de Agosto” da Vigia.

Francisco Quintino d’ Araujo Nunes, P.

Raimundo Bertoldo Nunes. 1º secret.º

Joaquin d' Almeida Catanho, 2º secret.º

Hilario do Espirito Santo Palheta, Thesoureiro.

Manoel Roque Pinheiro, Procurador interino.

[fl.1]

Sala das sessões da sociedade “Cinco de Agosto”, em 17 de novembro de 1877.

III.º e Ex.º Senr.º

42

Segundo a comunicação feita a V.Exª em data de 6 de outubro passado, sómente em janeiro vindouro pretendia esta sociedade installar as aulas de Francez e Geographia do seu externato; havendo, porem os respectivos alumnos manifestado desejos de que ellas começassem a funcionar ainda neste anno, a mesma sociedade resolveu satisfazel-os, tendo tido lugar a installação da primeira das mencionadas aulas no dia 18 do dito mez de outubro, visto ter-se prestado tambem para regel-a gratuitamente o senr.º Candido Severo de Carvalho Nunes e a da segunda, somente hoje, por só ultimamente ter-se podido fazer aquisição de um globo geographico, passando ella a ser regido pelo professor Severiano Bezerra de Albuquerque.

A sociedade “Cinco de Agosto” aproveita o ensejo para reinterar mais esta vez a V. Exª os seus protestos de profundo respeito e alta consideração.

Deos guarde a V.Exª

III.º e Ex.º Senr.º Doutor commendador João Capistrano Bandeira de Mello Filho.

Digº Presidente desta Provincia e socio benemerito da sociedª “5 de agosto”.

[fl.1v]

Francisco Quintino d' Araujo Nunes, P.

Raimundo Bertoldo Nunes, 1º Secr.º

Joaquim d' Almeida Catanho Sobrinho, 2º Secret.º

Hilario do Esptº Santo Palheta, Thesoureiro

José de Santiago Monteiro, Procurador

[fl.1]

A sociedade religiosa e beneficente “Cinco de agosto” tem a honra de accusar a recepção do officio que V. Exª se dignou dirigir-lhe em data de 28 de novembro, enviando-lhe justamente diversos folhetos, alguns nº da Ilustração brasileira e bem assim os ultimos números do Diário de Pernambuco, cuja remessa V. Exª tem continuado a fazer regularmente.

Em resposta, a mesma sociedade dando o mais alto apreço ao acto de V. Exª que sem duvida veio dar um grande impulso ao seu desenvolvimento, resolveu agradecer nem só a consideração que V. Exª se serviu dispensar-lhe, como a importante offerta que generosamente lhe foi feita e que perpetuará em sua bibliotheca o nome de V. Exª, testemunhando ao mesmo tempo o seu amor as instituições úteis.

Ternuriando a sociedade a Cinco de Agosto pede desculpa de não ter ha mais tempo cumprido este dever e apresenta a V. Exª os seus protestos de profundo respeito e alta consideração.

Deos guarde a V. Exª

Cidade da Vigia, 28 de Dezembro de 1876

[fl.1v]

Illustrissimo e Excelentissimo Senhor commendador Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho.

M.D. Presidente desta Provincia

Francisco Quintino d' Arº Nunes, P.

Raimundo Bertoldo Nunes, 1º secrº.

Francisco Ferreira de Vilhena Alves, 2º Sº

Felix Jozé de Carvalho – Thesoureiro

José de Santiago Monteiro, Procurador

Antonio Joaquim de Miranda Gomes, membro effectivo

Joaquim d' Almeida Sobrinho ”

Genuíno Manoel Seabra Nunes ”

João Francisco da Rocha Pires ”

Adrião de Sousa Batalha ”

Carlos Mariano das Neves ”

Manoel Roque Pinheiro ”

João Marquez d' Oliveira ”

João José Felipe ”

Nicacio Antonio da Silva Esteves ”

Casemiro José Ferreira ”

Antonio José de Matos Sobrinho ”

Geraldo Ferreira Bentes ”

Raymundo Nunes da Costa ”

Hilário Espírito Santo Palheta ”

[fl.2]

Manoel Felipe da Costa membro effectivo

Manoel Macário Alves ”

Manoel Theodoro de Souza Gomes ”

Livio Torquato Pinheiro ”

[fl.1]

Secretaria da sociedade religiosa e beneficente - Cinco de Agosto.

III^{mo} Snr^o

41

Tenho a honra de scientificar a V. S^a que á esta sociedade tem sido entregues os Diarios de Pernambuco remettidos por V. Ex^a, o sr. dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho, actual presidente desta província, para a bibliotheca da mesma, e bem assim 4 volumes dos Relatorios e trabalhos estatisticos, organizados pela Directoria geral de estatisticas, e relativos àos annos de 1873 á 1877, o ultimo Relatorio por V. Ex^a apresentado á Assembléa legislativa provincial; 3 volumies das Informaçõs dos agentes Diplomaticos e consulares do Imperio, a collecção da - Revista trimensal do Instituto Archeologico Pernambucano, com excepção apenas dos n^{os} 4,5,6 e 7 os n^{os} 1 á 23 da - Escola, revista de educação e ensino; Relatorio apresentado á Assembléa geral pelo ministro do Imperio, Conselheiro Costa Pinto, idem do ministro da agricultura, commercio e obras publicas, Thomaz Coelho, um volume do - Plantador de café, em Ceylão [?], as Miragens, poesias por Lima Barata, alguns n^{os} do Diario official do Imperio, outros da revista de Horticultura; um exemplar da - Planta geral da estrada de ferro de Pedro II e diversos folhectos.

A sociedade agradece mais uma vez a V. Ex^a essas importantes offertas, nem so por se prestarem ao fim da bibliotheca que é o desenvolvimento intellectual dos membros da sociedade e povo em geral, como pela espontaneidade e elevados intuitos de offercimento, e eu termino apresentando V. S^a os meus protestos de alta consideração e respeito.

[fl.1v]

Deos guarde a V. S^a

Vigia, 9 de outubro de 1877

III^{mo} Sr. dr. Manoel de Sá e Souza

D. Official maior, servindo de secretario da presidencia do Pará

O 1^o Secr^o da socied.^o

[fl.1]

Sociedade religiosa e beneficente “Cinco de Agosto”.

42^A

III.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

A sociedade religiosa e beneficente “Cinco de Agosto”, convicta do interesse que V.Ex^a nutre pela instrucção popular – verdadeira base da liberdade e do progresso – e deseja continuar á concorrer na medida de suas forças para o desenvolvimento da mesma, como o tem feito até agora – creando uma pequena bibliotheca, e algumas aulas nocturnas de Portuguez, Arithmetica, Geographia e Francez; vem recorrer á sua valiosa protecção, pedindo a contribuição de algumas obras para augmento da supradita bibliotheca que tanta attenção mereceu ao antecessor de V.Ex^a, que, ainda agora, mesmo de longe, d’ella se não tem esquecido.

Talvez que hoje já lhe possam ser fornecido os jornaes officiaes da província e da Corte, que, no tempo de honrada administração do illustre Sr. Dr. Bandeira de Mello Filho, não foi possivel conseguir-se, apesar dos seus bons ansejos [?].

A sociedade religiosa e beneficente “Cinco de agosto” confia que V.Ex^a não deixará de corresponder ao seu appello e aproveita o ensejo para apresentar-lhe os seus protestos de alta consederação e respeito.

Deos guarde a V.Ex^a

Vigia, 15 de outubro de 1878.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Dr. José Joaquim do Carmo.

M^{to} Digno Presidente desta Provincia.

Francisco Quintino d' Araujo Nunes, P.

Raimundo Bertoldo Nunes, 1^o Secr.^o

Casemiro José Ferreira, 2^o S.^o

Januario Napoleão Nunes de Moraes, [corroída ± 1 palavra].

Manoel Roque Pinheiro, Procurador

Raimundo Bertoldo Nunes

TERMO DE ABERTURA DA BIBLIOTECA EM 1940

Servirá o presente livro-catalogo da Bibliotheca Cinco de Agosto, para o registro de obras por títulos, língua, assumptos e autores. Suas folhas em numero de concoenta vão por mim rubricada com o apelido – Raul Ferreira de que faço uso.

Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto, em 28 de Março de 1940.

Raul José Ferreira – presidente

ARRECADAÇÃO DA COMISSÃO DE SOCORROS DA SLBCA PARA AS VÍTIMAS DA SECA NO NORDESTE

[fl.1]

Subscrição promovida pelos membros da “Comissão de socorros” da sociedade “Cinco de Agosto”, desta cidade, de accordo com o Illustrissimo Senr^o Doutor Juiz Municipal da mesma, em beneficio das victimas da secca no Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba.

A sociedade "Cinco de Agosto"	30\$000
Os empregados da Meza de Rendas	22\$000
A sociedade "Terpsichore vigiense"	20\$000
Dr. Antonio José de Amorim	10\$000
Cassianno Antonio de Sousa Álvares	10\$000
Francisco dias Botelho	10\$000
Luiz Vicente Esteves	10\$000
Francisco Antonio Raiol	10\$000
Jonas José Ferreira do <u>[ilegível]</u>	10\$000
Simão Magno Paes	10\$000
Dr. Affonso Barbosa da Cunha Moreira	10\$000
João Diniz Gonçalves Pinto	5\$000
Innez dos Santos	5\$000
Joaquim d' Almeida Catanho Sobrinho	5\$000
Antonio Joaquim de Miranda Gama	5\$000
Hilário do Espírito Santo Palheta	5\$000
Manoel Felipe da Costa	5\$000
Manoel Ferreira Pinheiro	5\$000
Marcolino Dias da Costa	5\$000
Modesto Augusto de Moura Palha	5\$000
Miguel José Ferreira	5\$000
Anastacio Martins Ferreira dos Santos	5\$000
A sociedade "Treze de Dezembro"	5\$000
Manoel Lourenço Palheta	5\$000
Joaquim Manoel de Carvalho	4\$000
Raymundo Nunes da Costa	4\$000
Manoel Fernando de Moraes	4\$000

Severiano Bezerra d' Albuquerque	3\$000
	<hr/>
	228\$000
	<u>[fl.1v]</u>
Transporte	228\$000
Francisco Quintino d' Araújo Nunes	3\$000
Antonio Rodrigues de Souza	3\$000
Theodoro Emilio Soares d' Araújo	3\$000
Maximiano d' Oliveira Pantoja	3\$000
Genuino Manoel Seabra Nunes	3\$000
Felix José de Carvalho	3\$000
Manoel Raymundo de Vilhena	3\$000
Anonimo	3\$000
Dr Manoel Smorthness [?] Pó [?]	2\$000
Manoel Teodoro de Souza Gomes	2\$000
Jose Angelo Gomes	2\$000
Raymundo Bertoldo Nunes	2\$000
Gregório <u>[ilegível]</u> da Costa	2\$000
Joaquim Pinho da Cruz	2\$000
Pedro José Cardoso	2\$000
Tenente Coronel Geraldo Ferreira Bentes	2\$000
Theodoro Antonio Furtado Athayde	2\$000
Nicacio Antonio da Silva Esteves	2\$000
Francisco de Assis das Chagas	2\$000
Pedro José Pereira	2\$000
Cymiano Ferreira Dalmacio	2\$000

Bernardo Antonio de Souza Favacho	2\$000
Elizeu Castelim Golçalves de Souza	2\$000
Antonio das Chagas Barriga	2\$000
Antonio dos Santos	2\$000
Vicente Anastácio da Penha	2\$000
Cardoso <u>[ilegível]</u> Branco	2\$000
Laudegario Antonio Pereira de Brito	2\$000
José Pedro de Moura Palha	2\$000
José Joaquim Rodrigues Palheta	2\$000
João Romão de Siqueira Lobo	2\$000
Manoel Lourenço Ferreira Lima	2\$000
Bernardo Antonio Profino de Jesus	2\$000
Francisco José Rodrigues de Souza	2\$000
Torquato Antonio do Espirito Santo	2\$000
José de Santiago Monteiro	2\$000
José d' Oliveira Pantoja	2\$000

350\$000

[fl.2]

Transporte

350\$000

Hilario José das Neves	2\$000
Manuel Teodoro Gomes	2\$000
Manuel Jose de Azevedo	2\$000
Belchior de Moura Palha	2\$000

Manuel Macario Alves	2\$000
José Marcos Rodrigues	2\$000
Antonio João de Brito	2\$000
Antonio dos Reis Soares	2\$000
Brasílio Diaz Botelho	2\$000
Manoel dos Reis Palheta	1\$500
Miguel Archanjo Rodrigues	1\$000
Manoel Francisco da Rocha	1\$000
Marcos Barbosa Lobo	1\$000
Adrião de Souza Batalha	1\$000
João F. Rocha Pires	1\$000
Gualter J. Facundes da Silva	1\$000
João José Nunes de Sá	1\$000
Bernardo F. dos Santos	1\$000
Manuel Antonio Raiol (foto pela metade)	1\$000
Livio Torquato Pinheiro	1\$000
Raymundo Pinheiro do Rosário	1\$000
Antonio da Costa Leite	1\$000
Bernardo J. Monteiro Brasil	1\$000
Justiniano Guimarães	1\$000
João Miguel de Souza	1\$000
João Bonifacio Alves	1\$000
Agostinho José Alves	1\$000
João F. Mira	1\$000
Luiz José de Moraes	1\$000
Honorio dos Santos Vilhena	1\$000
Carlos Mariano das Neves	1\$000

José Ferreira Pereira	1\$000
Antonio d' Assumpção Palheta	1\$000
Antonio Vicente de Souza	1\$000
Sergio Antonio Palheta	1\$000
Luiz Antonio Ferreira Cardoso	1\$000
Antonio Manoel da Costa Pires	1\$000
Domingos A. Leal	1\$000
	<hr/>
	356\$000

[fl.2v]

Transporte	356\$000
Fernando José Leal	1\$000
Custodio do Carmo Barriga	1\$000
Adrião Ferreira Marinho	1\$000
Manoel das M. das Neves	1\$000
Hilario d' Andrade Gomes	1\$000
Manoel Lopes Correa	1\$000
Antonio <u>[ilegível]</u> de Souza	" 500
Raymundo J. Ferreira	" 500
João Manoel de Barros	" 500
Antonio J. de Myra	" 500
Libanio José Pereira	" 500
Antonio M. Belém e Silva	" 500
Florêncio Antonio Palheta	" 500

 365\$000

[fl.3]

Copia – Illustrissimo Senr^o – A comissão encarregada por essa sociedade de agenciar, conjuntamente com o Illustrissimo Senr^o Dr. Juiz Municipal do termo, donativos destinados ao socorro dos habitantes das provincias do Ceara, Rio Grande do Norte e Parahyba, flagellados pela secca, vem communicar a V.S que já obtiveram realiado a quantia de trezentos sessenta e cinco mil réis, que nesta data remetem, com os nomes dos subscriptores, a V. S^a para lhe dar o devido destino; e bem assim scientificar a V. senhoria que continuam a envidar seus esforços para aquisição de mais donativos = Deos guarde a V.S^a = Cidade da Vigia, vinte e cinco de junho de mil oitocentos e setenta e sete. = Illustrissimo Senr^o Presidente e membros da Meza Diretora da sociedade Religiosa e beneficente “Cinco de Agosto”. = Os membros da comissão, Affonso Barbosa da Cunha Moreira, Joaquim d’ Almeida Catanho Sobrinho, Antonio Joaquim de Miranda Gama, Jermasio [?] Napoleão Nunes de Moraes. = Conforme - 1^o secr^o RBNunes.

LISTA CATALOGRÁFICA DA BIBLIOTECA DA SLBCA – 1940

BIBLIOTECA DA SOCIEDADE LITERÁRIA E BENEFICENTE “CINCO DE AGOSTO” (1940)

Nº de obras	Obras	Autores	Língua	Assunto	Nº de volumes
01	Diário oficial	Imprensa oficial	Portuguesa	Legislação e atos oficiais	27
02	Direitos do governo provisório	X	Portuguesa	Legislação	01

03	Direitos do governo republicano	X	Portuguesa	Legislação	01
04	Misselanea	X	Portuguesa	Legislação	01
05	Leis provinciaes	X	Portuguesa	Legislação	01
06	Indicador da legislação federal e sua organização	D.A.S.P. (Departamento Administrativo do Serviço Público)	Portuguesa	Legislação	01
07	Da guarda nacional	X	Portuguesa	Legislação	01
08	Promptuario eleitoral	Manoel Jesuíno Ferreira	Portuguesa	Legislação	01
09	Leis usuais do Estado do Pará	X	Portuguesa	Legislação	01
10	Coleções de leis do Estado	(ilegível)	Portuguesa	Legislação	10
11	Revista do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico do Pará)	IHGP	Portuguesa	Vários assuntos	01 ¹⁷¹
12	Revista do IHGP	IHGP	Portuguesa	Vários assuntos	01
13	Município de Belém	Antônio José de Lemos	Portuguesa	Relatório	01
14	Exposição nacional do Estado Novo (1930-1938)	Getúlio Vargas	Portuguesa	Relatório	01
15	Relatório do departamento nacional do café	X	Portuguesa	Relatório	02
16	O café brasileiro em 1942	J. Fernandes Guedes	Portuguesa	Relatório	01

¹⁷¹ Do registro original, por nós encontrado, podemos constatar que há a indicação de apenas 01 volume da revista do IHGP. Havia, no entanto, por sobre o numeral 01 (um) a escrita, a lápis, de uma nova indicação de volumes, o qual constava do número 06 (seis). Dificil dizer quantos eram, verdadeiramente, o numero de volumes pertencente ao acervo, uma vez que a nova indicação pode ter sido feita muito após a catalogação do acervo, e assim poder ter adulterado a verdadeira informação (hipótese mais provável, dado à minuciosa análise e consequente percepção de que o formato das grafias se diferem e a segunda indicação para a quantidade de volumes aparenta ser mais nítida, o que indica ser mais recente que a primeira.)

17	(incompreensível)	Serviço de estatística de educação e saúde	Portuguesa	Relatório	01
18	Almanach Teleg. Ilustrado e litt.	Repartição dos telégrafos	Portuguesa	Administração	01
19	Relatório da polícia do Distrito Federal	Chefia de policia	Portuguesa	Administração	01
20	Província do Pará	Barão do Guajará	Portuguesa	Administração	01
21	Príncipes d'Eloquence	La Chaire et Le Barreau ¹⁷²	Portuguesa	Discursos	01
22	Discursos parlamentares e politicos	Emilio Castellar	Portuguesa	Discursos	01
23	Discursos	Alves Mendes	Portuguesa	Discursos	01
24	Discursos parlamentares	João Corrêa de Moraes	Portuguesa	Discursos	01
25	Pelo Brasil futuro	Euvaldo Diniz Gonçalves	portuguesa	Discursos	01
26	Confraternização Sul americana	Cristovam de Camargo	Hespanhol	Discursos	01
27	La universidad y la civilização	José Manoel Cortina	Hespanhol	Discursos	01
28	Manuel Sanguily	José Manoel Cortina	Hespanhol	Discursos	01
29	Calixto Garcia	José Manoel Cortina	Hespanhol	Discursos	01
30	El Misticismo em el derecho internacional	José Manoel Cortina	Hespanhol	Discursos	01
31	Ordem e Democracia	Dr. Getúlio Vargas	Portuguesa	Discurso	01

¹⁷² Julgamos, pelo nome dos autores, ser a obra uma tradução do francês para o português, uma vez que o livro é de origem francesa (1805) e foi catalogado como sendo de Língua Portuguesa. O livro, em questão, foi traduzido para o inglês em 1807 por John Neal Lake. Trata dos princípios da eloquência. No prefácio, John Neal declara ser a obra um modelo de excelência e influência para a arte da eloquência, em especial para os estudantes, com quem se deve ter atenção na escolha dos princípios. Cf. SIFFREIN, Jean & NEAL, John Lake. **The principles of eloquence**. 1807. Livro das coleções de New York public library. Disponível em <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.archive.org/details/principleseloqu00goog&ei=URHTHTfvzO8G3twf5tbCVBA&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=3&ved=0CDkQ7gEwAg&prev=/search%3Fq%3DLA%2BChaire%2Bet%2BLe%2BBarreau%252BPr%25C3%25ADncipes%2Bd%25E2%2580%2599Eloquence%2B%252Bdescription%26hl%3Dpt-BR%26biw%3D1339%26bih%3D559%26prmd%3Ddivns>

32	Discursos parlamentares	Rodolpho Miranda	Portuguesa	Discursos	01
33	Em defesa do brio e da dignidade da Nação	Epaminondas de Aquino	Portuguesa	Discursos	01
34	Elogio proletário	Getulio Vargas	Portuguesa	Discurso	02
35	Atualidade brasileira: seus problemas e soluções	Getulio Vargas	portuguesa	Discurso	01
36	O movimento de 10 de novembro	Getulio Vargas	Portuguesa	Discurso	01
37	10 de novembro	Francisco Campos	Portuguesa	Discurso	01
38	Uma etapa da revolução brasileira	Diniz Junior	Portuguesa	Discurso	01
39	Desfraldada a bandeira em prol da esc. da (incompreensível)	(incompreensível)	portuguesa	Discurso	01
40	Conferência nacional da economia e administração	Dr. Gustavo Capanema	Portuguesa	Discurso	01
41	Justiça	Dr. Carlos de Macedo Soares	Portuguesa	Jurídico	01
42	Limites entre o Ceará e o R.G. do Norte	Ruy Barbosa	Portuguesa	Jurídico	01
43	Questionário jurídico comercial	José Ferreira Borges	Portuguesa	Jurídico .	01
44	A criminalidade nos esportes	Bento de F.	Portuguesa	Jurídico	01
45	A (incompreensível) em liberdade dos condenados	Lemos Brito	Franceza	Jurídico	01
46	As prisões do Brasil	Lemos Brito	Franceza	Jurídico	01
47	Exposição sobre a evolução penal no	Lemos Brito	Franceza	Jurídico	01

	Brasil				
48	Viagem ao Trombetas	Henri Condreau	Franceza	Sciencias	03
49	Viagem ao Itaboca e Itacayuna	Henri Condreau	Franceza	Sciencias	03
50	Viagem ao Cuminá	Henri Condreau	Franceza	Sciencias	03
51	Viagem ao Iamundá	Henri Condreau	Franceza	Sciencias	03
52	Viagem ao Tocantins do Araguaya	Henri Condreau	Franceza	Sciencias	03
53	Viagem ao Tapajoz	Henri Condreau	Franceza	Sciencias	03
54	Viagem ao Xingu	Henri Condreau	Franceza	Sciencias	03
55	Estado do Pará	Henri Condreau	Franceza	Sciencias	05
56	Álbum do Estado do Pará	Henri Condreau	Franceza	Sciencias	01
57	Ocultismo	F. Ch. Barlet	Portuguesa	Sciencias	01
58	Sciencia e Litteratura	José Augusto Corrêa	Portuguesa	Sciencias	01
59	As maravilhas celestes	Camilo Flamariou	Portuguesa	Sciencias	01
60	A erudição universal	M. le Baron de Bielfed	Portuguesa	Sciencias	03
61	Belém a São João de Araguaya	Ignácio Baptista de Moura	portuguesa	Sciencias	01
62	História universal	Cezar Cantú	Portuguesa	Historia	04
63	Historia sagrada	Antonio Pereira de figueiredo	Portuguesa	Historia	03
64	Deodoro	Club military	Portuguesa	Historia	01
65	Principe real D. Luiz Felipe	Ayres de Sá	Portuguesa	Historia	01
66	S. L. M. do Pará	Arthur Vianna	Portuguesa	Historia	01
67	Martirs d' (indecifrável)	M. L. Abbi F. Lagrange	Franceza	Historia	01
68	Pernambuco e o São	Barbosa Lima Sobrinho	Portuguesa	Historia	01

	Francisco				
69	Narrando a verdade	General Abilio Noronha	Portuguesa	Historia	01
70	História de Portugal	Oliveira Martins	Portuguesa	Historia	02
71	História da República Romana	Oliveira Martins	Portuguesa	Historia	01
72	As duas Americas	Cândido Costa	Portuguesa	Historia	01
73	Publicações do Archivo Nacional	João Alcides B. Cavalcante	Portuguesa	Historia	01
74	Motivos da Historia Diplomatica do Brasil	Mario de Barros de Vasconcellos	Portuguesa	Historia	01
75	A campanha Lopez Guaya	Mario Barreto	Portuguesa	Historia	01
76	Anaes da Biblioteca e Archivo Publico do Pará	"não fornecido"	Portuguesa	Historia	02
77	Instituto Panamericano de Geografia e História	"não fornecido"	Castelhano	Historia	01
78	A descoberta do Brasil	Faustino da Fonseca	Portuguesa	Historia	01
79	Memoria histórica sobre a religião na Bahia	Conego Christiano Muller	Portuguesa	Historia	01
80	Historia da Bahia do Imperio à República	Braz do Amaral	Portuguesa	Historia	01
81	Questão religiosa perante a Santa Sé	Bispo do Pará	Portuguesa	Historia	01
82	As Semrazões da Inconsciencia	Alcides Gentil	Portuguesa	Historia	01
83	Os acontecimentos de Julho de 1924	Dr. José Carlos de Macedo Soares	Portuguesa	Historia	01
84	Imperio Brasileiro	J.M. Pereira da Silva	Portuguesa	Historia	03
85	Sertão do Amazonas	Bernardo da Costa e	Portuguesa	Historia	01

		Silva			
86	(ilegível)	J.A. (ilegível)	Franceza	Historia	02
87	Documentos Diplomatiques Francais	Ministerio dos negócios estrangeiros	Franceza	Historia	01
88	Jesus Christo	Luiz Venillot	Portuguesa	Historia	01
89	Oito anos de Parlamento	Virgilio Cardoso de Oliveira	Portuguesa	Historia	01
90	Const., administração e subvenção de est. (ilegível)	E. W. James	Portuguesa	Historia	01
91	O Ministerio da Educação e Saude Publica	M. Washington Ferreira Pires	Portuguesa	Historia	01
92	Cent. da Academia Nacional de Medicina do R. de Janeiro	Alfredo Nascimento	Portuguesa	Historia	01
93	Historia universal da Igreja	Jean Alzog	Franceza	Historia	03
94	Diário do soldado pratico	Diogo do Couto	Portuguesa	Historia	01
95	Noções de historia universal	A. Moreira Pinto	Portuguesa	Historia	01
96	As razões da Inconfidencia	Antonio Torres	Portuguesa	Historia	01
97	Migalhas da Historia Portuguesa	Pinheiro Chagas	Portuguesa	Historia	01
98	As alianças das casas de Bragança	Joaquim Leitão	Portuguesa	Historia	01
99	Historia Universal da Igreja	Jean Alzog	Franceza	Historia	03
100	Ditadura conta a soberania	Oswaldo Orico	Portuguesa	Historia	01

101	Historia do Brasil	Alfredo Moreira Pinto	Portuguesa	Historia	01
102	Obra da independência Nacional	Braz do Amaral	Portuguesa	Historia	01
103	Primeiro roteiro da costa da Índia	D. João de Castro	Portuguesa	Historia	01
104	Historia antiga	João Ribeiro	Portuguesa	Historia	01
105	Lauro Sodré	Agnello Neves	Portuguesa	Historia	01
106	Motins Políticos	Domingos Antônio Rayol	Portuguesa	Historia	04
107	Historie Biblie	American Biblie Society	Inglesa	Historia	01
108	Vida de Santos Dumont	Ophélia e Narbal Fontes	Portuguesa	Historia	01
109	Os fatos e a história	Luiz Cordeiro	Portuguesa	Historia	01
110	Os novos atenienses	Antonio Lobo	Portuguesa	Historia	01
111	O município de Souzel	Drs. Americo Campos e Lindolpho Alves	Portuguesa	Historia	01
112	Historia para todos	Armando Calado	Portuguesa	Historia	01
113	O crime do Coronel Leitão	Ignacio Xavier da Silva	Portuguesa	Historia	01
114	Da primeira a segunda república	Hastimphilo de Moura	portuguesa	Historia	01
115	Proclamação da república	Departamento Nacional de Propaganda	Portuguesa	Historia	01
116	A ação de Caxias na vida nacional	Onofre Muniz Gomes de Lima	Portuguesa	Historia	01
117	Cem anos de instrução pública	Ind (indecifrável)	Portuguesa	Historia	01
118	Fidias	Antoine Varjean	Portuguesa	Historia	01
119	Historia do futuro	H. G. Wells	Portuguesa	Historia	01

120	Historia singela do café	Costa Neves	Portuguesa	Historia	01
121	Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará	Instituto histórico do Pará	Portuguesa	Historia	03
122	Historia do Brasil	Rocha Pombo	Portuguesa	Historia	05
123	A borracha	José Carlos de Macedo soares	Portuguesa	Economia	02
124	Le caoutehouc	José Carlos de Macedo soares	Franceza	Economia	01
125	A politica financeira do presidente Washington Luis	José Carlos de Macedo soares	Portuguesa	Economia	02
126	O banco do Brasil como banco central de emissão e redesconto	José Carlos de Macedo soares	Portuguesa	Economia	01
127	Nossos concorrentes	Waldyr Niemeyer	Portuguesa	Economia	01
128	O Brasil novo	Cincinato Braga	Portuguesa	Economia	02
129	Memórias economicas	Thomaz Ant. de Villa Nova Portugal	Portuguesa	Economia	03
130	Instituições de economia politica	José Ferreira Borges	Portuguesa	Economia	01
131	Cartas econômicas e politicas	Des. João Rodrigues de Brito	Portuguesa	Economia	01
132	(indecifrável)	Hannibal Porto	Portuguesa	Economia	01
133	(indecifrável)	William W. Coelho de Souza	Portuguesa	Economia	01
134	Ensaio de politica internacional americana	Oswaldo Furst	Portuguesa	Economia	01
135	Problemas econômicos do Brasil	Hanibal Porto	Portuguesa	Economia	01

136	O rio Tapajós na E. N. da borracha	Raymundo Pereira Brasil	Portuguesa	Estatística comercial	01
137	Inscrições hypothetarias	Diret. Serviço de estatística	Portuguesa	Estatística comercial	01
138	A região occidntal da província do Pará	D. S. Ferreira Penna	Portuguesa	Estatística comercial	01
139	Estudo estatístico do M. do registro geral	Mario A. T. de Freitas e Milciades J. Gomes	Portuguesa	Estatística comercial	01
140	Estatística eleitoral	Diret. Serviço de estatística	Portuguesa	Estatística comercial	01
141	Boletim de agricultura	Diret. de publicidade	Portuguesa	Estatística comercial	01
142	Anuario estatístico do Brasil	Diret. geral de Estatística	Portuguesa	Estatística comercial	01
143	Relatorio da secretaria de Estado int. Justiça	Augusto Olimpio de Araujo e Souza	Portuguesa	Estatística comercial	01
144	Assumptos comerciais luso-brasileiros	F. Ribeiro Salgado	Portuguesa	Estatística comercial	01
145	Guia commercial	J. Correa de Oliveira	Portuguesa	Estatística comercial	01
146	Tratado de escripturação mercantil	(não informado)	Portuguesa	Estatística comercial	01
147	A expansão econômica e commercial do Brasil	Dr. Jorge Figueira Machado	Portuguesa	Estatística comercial	01
148	Attas estatísticas do Brasil (café)	Carlo A. Ribeiro Campo	Portuguesa	Estatística	01
149	O Brasil e a sociedade das Nações	Dr. Carlos de Macedo Soares	Portuguesa	Politica internacional	01
150	O Brasil e a sociedade das Nações	Dr. Carlos de Macedo Soares	Franceza	Politica internacional	01
151	O Brasil e a sociedade das Nações	Dr. Carlos de Macedo Soares	Castelhano	Politica internacional	01

152	Conferencias sobre a grandeza de S. D. Maria	P. L. F. D' Argentan	Franceza	Teologico	02
153	Geographia Universal	Ass. Constituinte do Império.	Franceza	Geographia	01
154	Constituição Política do Império do Brasil	Américo Lopes	Portugueza	Direito	01
155	A constituição Mineira nas Escolas	Levi Carneiro	Portugueza	Direito	01
156	A nova legislação da infância	De Paranajon	Portugueza	Direito	01
157	A pena de morte	(não identificado)	Portugueza	Direito penal	01
158	A nova constituição	(não identificado)	Portugueza	Direito Constitucional	01
159	Compendio de philosophia	Dr. Bernardo Augusto de (?)	Portugueza	philosophia	01
160	Droit Naturel	H. Ahreris	Franceza	Philosophia	01
161	Os tempos novos	J. Inginieros	Franceza	Philosophia	
162	As forças Moraes	J. Inginieros	Franceza	Philosophia	01
163	A psychopathologia dos sonhos e da arte	J. Inginieros	Franceza	Philosophia	01
164	O evolucionismo e o positivismo no Brasil	Silvio Romero	Portugueza	Philosophia	01
165	O Japão por dentro	Ladislau Batalha	Portugueza	Philosophia	01
166	Verité de la religion catholique	Nardi	Franceza	Philosophia	01
167	A filosofia do Estado Novo	Alvimar Silva	Portugueza	Philosophia	01
168	Discurso sobre o methodo	Descartes	Portugueza	Philosophia	01
169	Maquinas da Democracia	Roger Burlingame (tradução de Monteiro)	Portugueza	Philosophia	01

		Lobato)			
170	Philosophie divine e Humaine	José Augusto Correa	Franceza	Philosophia	01
171	Elementos de philosophia scientifica	Dr. Alves dos Santos	Franceza	philosophia	01
TOTAL					13
172	O fundamento da obrigação moral	Antonio Pompeu	Portuguesa	Moral	01
173	Compendio de Civildade Christã	D. Antonio de Macedo Costa	Portuguesa	Moral	01
174	Methodo de ser feliz ou catecismo de moral	G.E.F.	Portuguesa	Moral	01
175	Cours de Morale	C.A. Demonstier	Franceza	Moral	02
176	A liberdade e a legislação	Frederico Francisco de F.	Portuguesa	Sociologia	01
177	A questão social e a solução brasileira	José Maria Belo	Portuguesa	Sociologia	01
178	Pequenos quadros da vida brasileira	P. Matta Machado	Portuguesa	Sociologia	01
179	O Estado autoritário e a realidade nacional	Azevedo Amaral	Portuguesa	Sociologia	01
180	Origens e transformações do mat. histórico	José Getulio Monteio Junior	Portuguesa	Sociologia	01
181	O Rio Grande do Sul e a unidade nacional	Demetrio Marcio Xavier	Portuguesa	Sociologia	01
182	O Estado Novo e suas directrizes	Monte Arrais	Portuguesa	Sociologia	01
183	O valle do Amazonas	A. C. Tavares Bastos	Portuguesa	Sociologia	01
184	V.P. Anchieta	Collegio Anchieta	Portuguesa	Biographico	01
185	Brasileiros illustres	Pinheiro Chagas	Portuguesa	Biographico	01

186	D. Pedro Guilherme L.	Homenagem do Estado de Minas Geraes	Hespanhol	Biographico	01
187	D. Arthur de Vascellos	Amadeu Amaral	Portugueza	Biographico	01
188	(indecifrável)	(indecifrável)	Portugueza	Biographico	01
189	Feminal	(não fornecido)	Portugueza	pensamentos	01
190	Máximas e pensamentos	Conego Jose D'Andrade Pinheiro	Portugueza	Pensamentos	02
191	O Brasil pre-historico	Conego Raymundo Ulysses de Pennafort	Portugueza	Ethenologia	01
192	A febre amarella	Ricardo Jorge	Franceza	Medico	01
193	Conselho às mães	D. L. Serraine	Portugueza	Medico	01
194	A questão da vacina	Dr. Bagueira Leal	Portugueza	Medico	01
195	Fracturas dos ossos	Lilio Pereira Lima	Portugueza	Medico	01
196	Tratamento das luxações	Lilio Pereira Lima	Portugueza	Medico	01
197	Anaes brasileiros de medicina e cirurgia	Sociedade medicina e cirurgia	Portugueza	Medico	01
198	As doenças da memoria	Teódolo Robert	Portugueza	Medico	01
199	Contra o alcoolismo	Dr. Francisco Prisco	Portugueza	Medico	01
200	O álcool	Dr. Pedro A.	Portugueza	Medico	01
201	Previdência social	(?)	Portugueza	Medico social	01
202	Arquivos brasileiros de ortopedia e cirurgia	Prof. Barros e Lima	Portugueza	Medico	01
203	Saúde do espirito	Arthur Ramos	Portugueza	Medico	01
204	Compendio de aritimetica	L.V.Boison	Portugueza	Matemática	01
205	Echos de Roma	Padre Guilherme Dias	Portugueza	Critica	01
206	Alertas, brasileiros	Heitor de Souza	Portugueza	Politica	01

207	O espirito do Estado Novo	Francisco Campos	Portuguesa	Politica	01
208	O Estado Novo e os partidos politicos	Julio Barata	Portuguesa	Politica	01
209	Ibero America Nuestro Ideal	José Juarez R.	Hespanhol	Politica	01
210	Acuso	João Neves	Portuguesa	Politica	01
211	Segunda Republica	Mauricio de Lacerda	Portuguesa	Politica	01
212	O assucar	Departamento nacional de propaganda	Portuguesa	Commercial	01
213	O assucar sob o governo Getulio Vargas	Departamento nacional de propaganda	Portuguesa	Commercial	01
214	Guia industrial e comercial Allemão-brazileiro	(não fornecido)	Portuguesa	Commercial	01
215	Ensinamentos da guerra europeia	Tenente Coronel Fleury de Barros	Portuguesa	Militar	01
216	Batalha de Guararapes	General Lobato Filho	Portuguesa	Militar	01
217	Revista militar brasileira	Estado Maior do Exercito	Portuguesa	Militar	01
218	Guia prático do destilador	Eduardo Robinot	Portuguesa	Chimica	01
219		Washington Azevedo	Portuguesa	thechinico	
220	O Pará em 1900	(não fornecido)	Portuguesa	Album	01
221	O Pará em 1889	(não fornecido)	Portuguesa	Album	01
222	Álbum do Pará - 1908	Dr. Augusto Montenegro	Portuguesa Franzeza Ingleza	Album	01

223	Archivo Mariano Acadêmico	Cong. Mariana Acadêmica	Portuguesa	Revista	01
224	Equador	(não fornecido)	Portuguesa	Revista	01
225	In memoriam	Dr. Herbert de Azevedo	Portuguesa	Memoria	01
226	Archivos de Assistencia à Infancia	Dr. Marcorvo Filho	Portuguesa	Memoria	01
TOTAL					02
227	A questão religiosa	Bispo do Pará	Portuguesa	Religioso	01
228	(?) e novena de s. Domingos e Rosário (?)	Frei Tomás de Aquino	Portuguesa	Religioso	03
229	O espiritismo inimigo de Cristo	Padre Jouberto Rohden	Portuguesa	Religioso	01
230	Qual a verdadeira Igreja de Cristo	F.J. Vesterfeld, O. F. M.	Portuguesa	Religioso	01
231	Ares do Brasil	Dr. Emilio Augusto Goeldi	Portuguesa	Ciências naturais	01
232	A hereditariedade em face da educação	Octávio Domingos	Portuguesa	Scientifico	01
233	Revista marítima brasileira	Ministerio da Marinha	Portuguesa	Viação	01
234	O nosso ambiente artistico	Amadeu (?)ani	Portuguesa	Artistico	01
235	Electrical Trades		Ingleza	Annuncios	01
236	Almanach de Pernambuco	Julio Pires Ferreira	Portuguesa	Annuncios	01
237	O secretário brasileiro	(não fornecido)	Portuguesa	Epistolar	01
238	Pequena corographia da província do pará	Raymundo C. Alves da Cunha	Portuguesa	Corographia	02
239	Relatório	Barão de Guajará	Portuguesa	Administrativo	01
240	Mensagem	Dr. Augusto	Portuguesa	Administrativo	01

		Montenegro			
241	O Christianismo e o século	João Joaquim de Almeida Braga	Portuguesa	Apologético	01
242	O homem do pacoval	Raymundo Moraes	Portuguesa	Antropo geografia	01
243	Coleção do jornal "O Espelho"		Portuguesa	Varios	01
244	Promessas e realizações	Departamento Nacional de Propaganda	Portuguesa	Varios	01
245	Álbum do Pará-1939	Hildebrando Rodrigues	Portuguesa	Varios	01
246	Coleção do jornal "Gazeta da Vigia"		Portuguesa	Varios	01
247	Coleção do jornal "Lusco Fusco"		Portuguesa	Varios	01
248	Coleção d' A bussola		Portuguesa	Varios	01
249	Brasil potencial naval	Vice almirante Augusto C. de S. e S. Cap. De Mag. F. Vilar	Portuguesa	Naval	01
250	Sete anos de politica externa do Brasil	Jayme de Barros	Portuguesa	Diplomático	01
251	General Vargas	Vargas Neto	Portuguesa	Bibliographico	01
252	Floriano	Jonas Correa	Portuguesa	Bibliographico	01
253	Machado de Assis	Ministério da Educação e Saúde	Portuguesa	Bibliographico	01
254	Getulio Vargas	André Canazoni	Portuguesa	Bibliographico	01
255	Síntese da Reorganização Nacional	Francisco Campos	Portuguesa	Entrevista	02
256	O Estado Novo e o momento brasileiro	Getulio Vargas	Portuguesa	Entrevista	01
257	O Estado Novo e suas realizações	Getulio Vargas	Portuguesa	Entrevista	01

258	O sexo em face do individuo, da família e da sociedade	Dr. José de Albuquerque	Portuguesa	Sexológico	01
259	Educação sexual	(indecifrável)	Portuguesa	Sexológico	01
260	Manual prático da agricultura	A.Simões Lopes	Portuguesa	Agricultura	01
261	Vocabulário de credences amazônicas	Oswaldo Orico	Portuguesa	Glótico	01
262	Notas do Eldorado	Raymundo Moraes	Portuguesa	Marítimo	01
263	O Estado Novo e os partidos políticos	Julio Barata	Portuguesa	Ensaio	01
264	Promessas e realizações	Getulio vargas	Portuguesa	Ensaio	01
265	O Novo Brasil	Alvimar silva	Portuguesa	Ensaio	01
266	Alma contemporânea	Ind. Mennucci	Portuguesa	Ensaio	01
267	Machado de Assis	Machado Coelho	Portuguesa	Ensaio	01
268	Florianópolis (II volume)	Noronha Santos	Portuguesa	Histórico politico	01
269	Florianópolis (IV volume)	Roberto Macedo	Portuguesa	Histórico politico	01
270	Florianópolis (V volume)	Silvio Peixoto	Portuguesa	Histórico politico	01
271	Tratado de versificação latina	Paulino de Brito	Franceza	Poesia	01
272	Contos Amazônicos	Antônio Correa de Oliveira	Portuguesa	Poesia	01
273	Auto das quatro estações	Marques da Cruz	Portuguesa	Poesia	01
274	Oração á Portugal	Oswaldo Santiago	Portuguesa	Poesia	01
275	Gritos do meu silêncio	Amador Santelmo	Portuguesa	Poesia	01
276	Fagulhas	Otal Susi	Portuguesa	Poesia	01
277	Sietes sonetos de color	Otal Susi	Castelhano	Poesia	01

278	La yerba Santa	Otal Susi	Castelhano	Poesia	01
279	Corridas Sagradas y profanas	Casemiro de Abreu	Castelhano	Poesia	01
280	Primaveras	C. Paula Barros	Portuguesa	Poesia	01
281	Calendário – poemas e ilustrações	Suzana de campos	Portuguesa	Poesia	01
282	A voz do meu coração	Gonçalves Crespo	Portuguesa	Poesia	01
283	Nocturnos	Gonçalves de Crespo	Portuguesa	Poesia	01
284	Poesias	Julio Cezar	Portuguesa	Poesia	01
285	Versos da mocidade	Antonio Fogoça	Portuguesa	Poesia	01
286	Hoje	Neuton Belezza	Portuguesa	Poesia	01
287	De ...versos	Aureliano Teixeira de Albuquerque	Portuguesa	Poesia	01
288	Grinalda de violetas	Carmen Cinira	Portuguesa	Poesia	01
289	Obras de Bocage	(não identificado)	Portuguesa	Poesia	01
290	Poesias de Soares dos Passos	Soares dos Passos	Portuguesa	Poesia	01
2991	Marilia de Dirceu	Thomaz Antonio Gonzaga	Portuguesa	Poesia	01
292	A confederação dos Tamoyos	Domingos José Gonçalves de Magalhães	Portuguesa	Poesia	01
293	A natureza	José Agostinho de Macedo	Portuguesa	Poesia	01
294	Lampejos de amor	Milon Diaz Fagulha	Portuguesa	Poesia	01
295	Trese sonetos	Otal Susi	Castelhano	Poesia	01
296	Versos da mocidade	Antonio Fogosa	Portuguesa	Poesia	01
297	Poesias	Prado Kelly	Portuguesa	Poesia	01
298	Antologia dos poetas brasileiros da fase	Manoel Bandeira	Portuguesa	Poesia	01

	parnasiana				
299	Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica	Manoel Bandeira	Portuguesa	Poesia	01
300	Carlota Joaquina	R. Magalhães Junior	Portuguesa	Poesia	01
301	Obras completas de D. G. de Magalhães	Ministério da Educação	Portuguesa	Poesia	01
302	Os Luziadas	Luiz de Camões	Portuguesa/franceza	Poesia	01
303	Cacos de vidro	Carlos Vitor Pereira	Portuguesa	Poesia	01
304	Theatro de Antonio José "O judeu"	João Ribeiro	Portuguesa	Drama	01
305	Heda Gabler	Henrique Ibsen	Francesa		01
306	Scenas da família	A.C. de Lacerda	Portuguesa	Drama	01
307	Pedro Alvares Cabral	Candido Costa	Portuguesa	Drama	01
308	Até que enfim	Augusto de Castro – João Lucio	Portuguesa	Drama	01
309	Ceu, terra e inferno	Proença Rosa	Portuguesa	Drama	01
310	Caboclos	P. A. Gomes Cardim	Portuguesa	Drama	01
311	Gente sensível	Jarbas de Carvalho	Portuguesa	Drama	01
312	O Misanthropo	Molière	Portuguesa	Drama	01
313	Anfitrião ou júpiter e Alcmena	Antonio José	Portuguesa	Drama	01
314	Iaiá Boneca	Ernani (indecifrável)	Portuguesa	Drama	01
315	Manual encyclopedico	Emilio Achilles Montiverde	Portuguesa	Ensino	01
316	A língua Inglesa	Dr. F. Ahn	Portuguesa	Ensino	01
317	Grammatica Portuguesa	João Ribeiro	Portuguesa	Ensino	01
318	Compendio de	Antonio Mariano da	Portuguesa	Ensino	01

	Pedagogia	Silva Pontes			
319	Grammatica latina	O.P. Antonio Pereira	Portuguesa	Ensino	01
320	Geometria pratica ou desenho linear	J.Brito Roston	Portuguesa	Ensino	01
321	Explicação da Sintaxe Latina		Portuguesa	Ensino	01
322	Novo manual da língua portuguesa	Diversos autores	Portuguesa	Ensino	01
323	Arithmetica prática	Manoel Evaristo Ferreira	Portuguesa	Ensino	01
324	Regras práticas	Laudelino Freire	Portuguesa	Ensino	01
325	Elementos de álgebra	F.J.C.	Portuguesa	Ensino	01
326	Lições práticas de língua portugueza	Candido de Figueiredo	Portuguesa	Ensino	02
327	Leituras Inglezas	Mauron	Ingleza	Ensino	01
328	Aritithmetica elementar	M.M. Jardim	Portuguesa	Ensino	01
329	Geographia primaria	Dr. Carlos Moraes	Portuguesa	Ensino	01
330	Logares seletos	A. Cardoso Borges de Figueiredo	Portuguesa	Ensino	01
331	Livraria Classica	Antonio Feliciano de Castilhos	Portuguesa	Ensino	01
332	Ensino comercial	Departamento Nacional de Propaganda	Portuguesa	Educacional	01
333	Sciencia da educação	Alexander Baiu LL, D.	Portuguesa	Didático	01
334	Leitura Civica	Virgilio Cardoso de Oliveira	Portuguesa	Didático	01
335	Emilia no paiz da grammatica	Monteiro Lobato	Portuguesa	Didático	01
336	Terra abençoada	Aristides (indecifrável)	Portuguesa	Didático	01

337	Exaltação	Albertina Berta	Portuguesa	Romance	0-3
338	A ilha misteriosa	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01-2
339	O segredo da ilha	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
340	Aventuras do capitão hatteras	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
341	A escola dos Robisons	Julio Verne	Portuguesa	Romance	02
342	Um herói de 15 anos	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
343	Aventuras de 3 russos	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
344	Dois anos de férias	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
345	Os filhos do capitão Grant	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
346	Norte contra sul	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
347	O bilhete de loteria nº 3672	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
348	A casa vapor	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
349	O destino de um forçado	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
350	A esfinge do deserto	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
351	Helia	Oscar Leal	Portuguesa	Romance	01
352	Rosa de granada	Jean Re	Portuguesa	Romance	01
353	A senhora (indecifrável)	Vast Riconard	Portuguesa	Romance	01
354	Lucta de paixões	Theodoro Cahu	Portuguesa	Romance	01
355	Fogo e gelo	Condessa Dosh	Portuguesa	Romance	01
356	Um drama nas minas	Mauricio Tamayer	Portuguesa	Romance	01
357	O azougue	Paulo Lamiere	Portuguesa	Romance	01
358	O chefe da (indecifrável)	Vast Riconard	Portuguesa	Romance	01

359	O rei marinheiro	Eduardo de Noronha	Portuguesa	Romance	01
360	Pasta restante	João Chagas	Portuguesa	Romance	01
361	A caveira do Martyr	C. Castelo Branco	Portuguesa	Romance	01
362	A Penelope normanda	Alphonse Karr	Portuguesa	Romance	01
363	Uma excêntrica	F. Champsour	Portuguesa	Romance	01
364	Inverno em flôr	Coelho Neto	Portuguesa	Romance	01
365	O diabo na corte	Ortega e Frias	Portuguesa	Romance	02
366	Tristezas a beira mar	M. Pinheiro e Chagas	Portuguesa	Romance	01
367	O trapeiro de Pariz	Felix Piat	Portuguesa	Romance	02
368	Vida de interior	Souza Primo	Portuguesa	Romance	01
369	O beato cura D'ars	José Vianey	Portuguesa	Romance	01
370	O crime de Silvestre Bonnard	Anatole France	Portuguesa	Romance	01
371	Os abutres de Pariz	Chardall	Portuguesa	Romance	02
372	O filho de Monte Christo	Jules Lermina	Portuguesa	Romance	02
373	Amores de um toureiro	Theophilo Goutier	Portuguesa	Romance	01
374	O tio Goriot	H. de Balzac	Portuguesa	Romance	01
375	Historia de um beijo	Peris Escrich	Portuguesa	Romance	01
376	Os miseráveis	Victor Hugo	Portuguesa	Romance	08
377	Os homens do mar	Victor Hugo	Portuguesa	Romance	
378	Estrela de Nazareth	Peris Escrich	Portuguesa	Romance	05
379	O conde de castel melhor	D. João de Camara	Portuguesa	Romance	01
380	A conquista do pão	Kropothine	Portuguesa	Romance	01
381	Vida de bohemia	Henry Murger	Portuguesa	Romance	01

382	Triunpho da morte	Gabriel D' (indecifrável)	Portuguesa	Romance	01
383	lua de mel	Heitor Mallot	Portuguesa	Romance	01
384	Viagem sentimental	Laurence Stern	Portuguesa	Romance	01
385	O rei miseria	Paulo Sauniere	Portuguesa	Romance	01
386	O doido	Yves (indecifrável)	Portuguesa	Romance	01
387	Romance de uma cantora	Alfredo Sirven	Portuguesa	Romance	01
388	Um invejado	Affonso Celso	Portuguesa	Romance	01
389	A coragem de amar	Silvio Florear	Portuguesa	Romance	01
390	La garçonne	Victor Margueritte	Franceza	Romance	01
391	O capitão Paulo	Alexandre Dummas	Portuguesa	Romance	01
392	O Conde de Monte Cristo	Alexandre Dummas	Portuguesa	Romance	02
393	O segredo de Mariana	M. Miere	Portuguesa	Romance	02
394	Fabiola	Cardeal Wiseman	Portuguesa	Romance	01
395	Pas de Dot	Pierre Mael	Franceza	Romance	01
396	Gente de rua	Albino Forjaz de Sampaio	Portuguesa	Romance	01
397	Casamento do diabo	Henrique Perez Escrich	Portuguesa	Romance	02
398	Inocência	Visconde de Taunay	Portuguesa	Romance	01
399	Maria da fonte	Camilo Castelo Branco	Portuguesa	Romance	01
340	A mão do finado	Alexandre Dummas	Portuguesa	Romance	01
341	Germinal	Emilio Hola	Portuguesa	Romance	01
342	Sempre virgem	Souza Costa	Portuguesa	Romance	01
343	Tartarim de tarascon	A. Daudet	Portuguesa	Romance	01
344	Uma excentrica	F. Champsaur	Portuguesa	Romance	01
345	A tragédia do carosco	Arthur Conan-Doyle	Portuguesa	Romance	01

346	Tipos do meu tempo	José Augusto Corrêa	Portuguesa	Romance	01
347	Amor de salvação	Camilo Castello Branco	Portuguesa	Romance	01
348	Judeu errante	Eugenio Sue	Portuguesa	Romance	05
349	Os ultimos dias de Pompeia	Lord Bulver Lytton	Portuguesa	Romance	02
350	O pirate do Panamá	W. Mac Leod Raine	Portuguesa	Romance	01
351	Boas esposas	Luiza May Alcott	Portuguesa	Romance	01
352	Vinte mil léguas submarinas	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
352	E o vento levou	Margareth Mitchell	Portuguesa	Romance	01
353	Iracema	José de Alencar	Portuguesa	Romance	01
354	Luciola	José de Alencar	Portuguesa	Romance	01
355	O ultimo dia de um condenado	Victor Hugo	Portuguesa	Romance	01
356	Encarnação	José de Alencar	Portuguesa	Romance	01
357	Quo Vadis	Henrik (indecifrável)	Portuguesa	Romance	02
358	Sonho	Emilio Zola	Portuguesa	Romance	01
359	A Mãe	Maximo Gorki	Portuguesa	Romance	01
360	Os 500 milhões da Begum	Julio Verne	Portuguesa	Romance	01
361	Mara	Martins Capistrano	Portuguesa	Romance	01
362	O segredo de Luzette	M. Delly	Portuguesa	Romance	01
363	Kátia	Leon Tolstoi	Portuguesa	Romance	01
364	Carinhos d'alma	Leon Tolstoi	Portuguesa	Romance	01
365	Noite de Caliban	Teixeira Soares	Portuguesa	Romance	01
366	A megera dourada	Shakespeare	Portuguesa	Romance	01
367	(indecifrável)	Estela Martins Parede	Portuguesa	Romance	01

368	A felicidade vem depois	Judith	Portuguesa	Romance	01
369	Capitães da areia	Jorge Amado	Portuguesa	Romance	01
370	Trabalhadores do Brasil	Departamento nacional de propaganda	Portuguesa	Literario	01
371	A Amazônia que eu vi	Gastão ?	Portuguesa	Literário	01
372	Poesia do dever	Cap. Valter Prestes	Portuguesa	Literário	01
373	O homem providencial	J. S. Maciel Filho	Portuguesa	Literário	01
374	O Estado forte	Major Luzini Ribeiro	Portuguesa	Literário	01
375	O novo Brasil	Alvimar Silva	Portuguesa	Literário	01
376	A ciencia dos negócios	Herbert Casson	Portuguesa	Literário	01
377	A luta pelo petroleo	Monteiro Lobato	Portuguesa	Literário	01
	O Novo Brasil	Essad Bey		Literário	01
378	Estado Novo	Departamento Nacional de Propaganda	Portuguesa	Literário	01
379	Os novos e o centenário	Associação dos novos	Portuguesa	Literário	01
380	Anthologia Amazonica	Eustachio de Azevedo	Portuguesa	Literário	01
381	Ornamentos da memória	J. J. Roquete	Portuguesa	Literário	01
382	Aos espanhoes confinantes	Othon Deca	Portuguesa	Literário	01
383	Por amor de Portugal	Ferreira da Rosa	Portuguesa	Literário	01
384	Ideas, homens e livros	A. Pompeo	Portuguesa	Literário	01
385	Chronicas sertanejas	Romeu Mariz	Portuguesa	Literário	01
386	Esriptos litt. E politicos	J. M. Latino Coelho	Portuguesa	Literário	01
387	Cidades de portugal	José Augusto Correa	Portuguesa	Literário	01

388	Aspectos europeus	José Augusto Correa	Portuguesa	literarios	01
389	Literatura contemporânea	Silvio Romero	Portuguesa	Literário	01
390	Cinco gênios	A. Pompeo	Portuguesa	Literário	01
391	Porque me ufano do meu Paiz	Afonso Celso	Portuguesa	Literário	01
392	Autopsia da velhice do padre eterno	Padre Sena Freitas	Portuguesa	Literário	01
393	Bailados do estado d'alma	José Saturnino Brito	Portuguesa	Literário	01
394	A beira do caminho	Castela Braz	Portuguesa	Literário	01
395	Arte de roubar no jogo	Ricardo Arruda	Portuguesa	Literário	01
396	Anfiteatro amazonico	Raimundo Moraes	Portuguesa	Literário	01
397	Ares da cidade	João Luso	Portuguesa	Literário	01
398	Aluvião	Raimundo Moraes	Portuguesa	Literário	01
399	Vida nova	Dante Alighieri	Portuguesa	Literário	01
400	A oração da corôa	Demosthenes	Portuguesa	Literário	01
401	Dialogo sobre a velhice	Cicero	Portuguesa	Literário	01
402	Biografia do padre José Agostinho de Macedo	Joaquim Lopes Carreira de Melo	Portuguesa	Literário	01
403	O concilio dos deuses	José Augusto Correa	Portuguesa	Literário	01
404	A noite na taverna	Alvares de Azevedo	Portuguesa	Conto	01
405	Hygana	H. Amanajás	Portuguesa	Conto	01
406	Contos do coadjutor	Padre Dubois	Portuguesa	Conto	01
407	Contos Moraes	M. Marmontel	Portuguesa	Conto	01
408	Ruinas	Mecenas Rocha	Portuguesa	Conto	01
409	Suplicas e blasfêmias	Castro Morna	Portuguesa	Conto	01

410	Héras	Mecenas Rocha	Portuguesa	Conto	01
411	Em 1875	A. Pompeo	Portuguesa	Conto	01

Títulos e gêneros não identificados					93
-------------------------------------	--	--	--	--	----

LISTA DOS LIVROS PROIBIDOS NA SLBCA

01-livros encadernados

1. *A dama de Mousorean* (Alexandre Dumas)
2. *O conde de Monte Cristo* (Alexandre Dumas)
3. *A velhice do padre eterno* (Guerra Junqueira) – sátira anti clerical
4. *As mentiras convencionais* (Max Nordan)
5. *Les Miserablis* (Victor Hugo)
6. *Madame Pajol* (Ismael Huche)
7. *Mamorias do Carcerle* (C.C. Branco)
8. *Padre, médico e juiz* (Julio Cezar Leal)
9. *Rosa de granada* (Jean Romeau)
10. *Theologia moral/Monte/Uma excêntrica* (F. Champean)
11. *Viagem sentimental* (Lawrence Sterne)
- 12.

02 – livros de brochuras

1. *A bella Lilaz*
2. *A Cathedral* (Vicente Branco Ibanez)
3. *A corda do carrasco*
4. *A extranguladora*
5. *A iniciação; ressurreição do penante*
6. *A mulher fatal* (C.C.Branco)
7. *A mulher homem* (Dubut de Haforest)

8. *A pelle de leão* (Chasle de Bernardo)
9. *A petoze*
10. *A rainha dos estudantes* (Paulo Feval)
11. *A rosa de Granada* (Jean Romeau)
12. *A viagem de Boulevar*
13. *Alexandre Herculano e o clero reacionário*
14. *Amores a beira mar*
15. *Anathena* (C.C.Branco)
16. *As doze mulheres de Adão* (Alfredo salles)
17. *As duas rivais* (Xavier de Montepim)
18. *As semi-irgens* (Maeçal Prevost)
19. *As victimas do prazer*
20. *As virtudes antigas* (C.C.Branco)
21. *Boletim do grande Or Unido do Brazil*
22. *Caricias de um noivo* (B.B. Ibanez)
23. *Coisas espantosas* (C.C.Branco)
24. *Collete* (Alexis Bauvier)
25. *Crenças e opiniões* (Lauro Sodré)
26. *Echos de Roma* (Padre Guilerme Dias)
27. *Electra* (Perez Saldoz)
28. *Le diable boiteux*
29. *Les pauvres* (Alex Bouvier)
30. *Les petites blanchesseuses* (Alex Bouvier)
31. *Mademoiselle Bean Lourire* (Alex Bouvier)
32. *O fogo* (Gabriel D'Annunzio)
33. *O helenismo e a civilização christã*
34. *O palácio das phantas* (Xavier de Montepim)
35. *O paraizo terrestre*
36. *O rabi da Galillea* (Augusto de Lacenda)
37. *O tropeiro de Pariz* (Felix Piat)
38. *O ultimo D. João*
39. *Os bailes do Senhor Deputado* (Dubut de Haforest)
40. *Os canalhas de Paris* (Taurepin de Lausay)
41. *Os dramas da vida* (Xavier de Montepim)
42. *Os massons e o bispo/Fructo proibido* (Coelho Neto)
43. *Os rufiães de casaca*
44. *Os vencidos* (Franca Pereira)
45. *Os vícios de um conselheiro*
46. *Palavras de soldado* (George Elvval)
47. *Supplicas e blasphemias* (Castro Moura)
48. *Uma excêntrica* (F. Champen)
49. *Versos da mocidade* (Antonio Fojaça)
50. *Zelia* (Oscar Leal)

“OS EFEITOS DO TABACO DE CORDA”

— Brevemente irá à scena pela *enferma Philo-scenica*, uma comedia que está em composição denominada— *Os efeitos do tabaco de corda*,—cujo enredo è mais ou menos o seguinte:

Uma moça que limpava os dentes na janella com o tabaco, enchergando um dos directores

do *Espelho*, assustada, atira com o dito tabaco para dentro de casa, cabindo no quarto. Findo este susto, ella procura o seu predilecto tabaco (assim è elle conhecido), não o encontra e fica triste e quasi a chorar, attendendo a sua careza e mesmo porque ella já tinha empregado n'elle o seu amor. Passadas algumas horas, depois de rever quantos cantos havia no quarto, por fim o encontram. Ella muito alegre, entre beijos, exclama então:

“O’ meu predilecto ! tres horas que de mim te separaste ! consola este coração que te ama, que te adora ! vem, querido, dá cá uma beijõca ! Lembra-te que és o meu allivio ! o meu contentamento ! Tu és a minha vida ; finalmente, sem ti eu morreria !”

N’esta occasião os paes vem á sala, não vêem a filha e ouvem esta exclamação, no quarto, formão máo juizo, e, armados de tranca e revolver, dirigem-se para o quarto : ahí procuram a quem sua filha fallava, e o não encontraram; perguntam com quem fallava e ella diz que era com seu predilecto tabaco, explicando tudo o que tinha se dado. O pae aconselha para que deixe esse vicio mão, e finalisa o enredo com uns versos feitos pela moça, onde ella aconselha a todas as mais que abandonem para sempre os seus predilectos tabacos !

Fazemos votos para que já se represente.

NOTA DE ADVERTÊNCIA AO DELEGADO LITERÁRIO DA CIDADE.
FATO: UMA ESCRAVA ABRIU UMA ESCOLA PARA CRIANÇAS

Dizem nos que a *santa* Euzébia, em cujos pulsos ainda se acham os ferros da escravidão, apesar das continuadas subscrições que tem feito para libertar-se, abriu uma escola no Arapiranga, onde ensina principalmente a cantar *adambas* e a *dedicação* dos escravos aos seus respectivos senhores.

Teria conhecimento d'isto o sr. Delegado literario?

Si não tem, sirva-lhe esta noticia de aviso.

O Mizericordia-tuám.

“Dizem nos que a santa Euzébia, em cujos pulsos ainda se acham os ferros da escravidão, apesar das continuadas subscrições que tem feito para libertar-se, abriu uma escola no Arapiranga, onde ensina principalmente a cantar [incompreensível] e a dedicação dos escravos aos seus respectivos senhores.

Teria conhecimento d'isto o snr. Delegado literário?

Si não tem, sirva-lhe esta notícia de aviso.

O Mizericordia-tnúm.”

OFÍCIO REMETIDO PELO DELEGADO LITERÁRIO, DA CIDADE DE VIGIA, AO TENENTE PEDRO PEREIRA, SOLICITANDO PROVIDÊNCIAS CABÍVEIS PARA O FATO DE A ESCRAVA EUZÉBIA ESTAR DANDO AULAS A CRIANÇAS.

“Delegacia litteraria da Cidade da Vigia, 29 de Novembro de 1878. — Illm. Sr. — Tendo o periodico critico, litterario e noticioso, denomi-

nado—*O Espelho*, que se publica nesta cidade, chamado a attenção desta delegacia litteraria para o escandaloso facto de estar a escrava Euzebia, da propriedade de VS., ensinando meninas no lugar denominado Arapiranga, segundo districto desta cidade, e tendo me dirigido a essa localidade e sabido de fonte insuspeita ser certo que a dita escrava lecciona a dous meninos e uma menina nos quaes até applica castigos severos; faço responsavel a VS. pela continuação de tão inqualificavel abuso.

VS., homem bem intencionado, como o considero, não ignora que o governo muito se empenha no intuito de diffundir a luz benefica da instrucção primaria por todas as classes da nossa população, e para este grandioso fim tem estabelecido nesta cidade quatro escolas, á testa da qual a juventude encontra mestres que por sua dedicação ao magisterio, e pela probidade e intelligencia com que se recommendam á sociedade, nada mais deixam a desejar.

Ora desde que já podemos contar, em prol da instrucção publica com tão importantes vantagens, seria um crime de lesa-civilisação tollerar-se que uma escrava, talvez até de máos costumes, esteja dentro do perimetro da cidade exercendo indevidamente o magisterio, no qual em vez de instruir a essas desventuradas criancinhas, cujos paes tão mal cuidam de sua educação, as esteja embrutecendo e innoculando-lhes o veneno dos máos habitos.

Esta Delegacia litteraria espera do patriotismo e boas intenções de VS. a cohibição de tão grande mal; assim como espera lhe accuse o recebimento deste officio —Deos Guarde a VS. —Ilm. Sr. Tenente Pedro José Pereira—Assignado.—O Delegado litterario—Francisco de Moura Palha.

“Delegacia Literária da cidade de Vigia, 29 de Novembro de 1878. – Ilm. Sr. – tendo o periodico critico, literario e noticioso, denominado – *O Espelho*, que se publica nesta cidade, chamado a attenção desta delegacia literaria para o escandaloso facto de estar a escrava Euzébia, da propriedade de VS., ensinando meninas no lugar denominado Arapiranga, segundo districto desta cidade, e tendo me dirigido a essa localidade e sabido de fonte insuspeita ser certo que a dita escrava lecciona a dous meninos e uma menina nos quaes atè applica castigos severos; faço responsavel a VS. pela continuação de tão inqualificavel abuso.

VS., homem bem intencionado, como o considero, não ignora que o governo muito se empenha no intuito de diffundir a luz benefica da instrucção primaria por todas as classes da nossa população, e para este grandioso fim tem estabelecido nesta cidade quatro escolas, á testa da qual a juventude encontra mestres que por sua dedicação ao magisterio e pelo probidade e intelligencia com que se recommendam à sociedade, nada mais deixam a desejar.

Ora desde que já podemos contar, em prol da instrucção publica com tão importantes vantagens, seria um crime de lesa-civilização tolerar-se que uma escrava, talvez atè de máos costumes, esteja dentro do perimitro da cidade exercendo indevidamente o magistério, no qual em vez de instruir a essas desventuradas criancinhas, cujo paes tão mal cuidam de sua educação, as esteja embrutecendo e inoculando-lhes o veneno dos máos hábitos.

Esta delegacia litteraria espera do patriotismo e boas intenções de VS. A cohibição de tão grande mal; assim como espera lhe accuse o recebimento deste officio. – Deus guarde a VS. – Ilm. Sr. Tenente Pedro José Pereira – Assignado – O delegado litterario – Francisco de Moura Palha.”